



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega das chaves da cidade da Guatemala**

Cidade da Guatemala-Guatemala, 02 de junho de 2009

Companheiros ministros brasileiros que me acompanham nessa viagem,
Companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das
Relações Exteriores,

Companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e
Combate à Fome,

Ministros Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Embaixador brasileiro na Guatemala,

Senhoras e senhores integrantes do Conselho da Cidade da Guatemala,
Senhoras funcionárias,

Senhores funcionários, que vieram tão elegantemente hoje,
(incompreensível) da Guatemala,

Amigos e amigas,

Esta é a minha terceira visita à Cidade da Guatemala, onde sempre
tenho sido muito bem acolhido pelo seu povo afetuoso.

É uma honra receber as chaves da Cidade da Guatemala das mãos do
prefeito Arzú. Agradeço seu gesto. Considero como uma manifestação de
apeço ao povo brasileiro.

Esta cidade respira beleza e cultura. Relíquia da civilização maia, com
quase 2 mil anos de história, ela nunca se deixou abater pela adversidade.
Soube sempre reconstruir-se, renovar-se. Assim foi após o terremoto de 1976 e
também depois do furacão Mitch, em 1998.

Senhor Prefeito,

Felicito-o por sua reeleição à frente da Prefeitura. Suas qualidades de



estadista e de administrador ficaram demonstradas em dois momentos singulares, quando presidia os destinos do país: na reconstrução nacional após a tempestade de 1998 e na conclusão dos acordos de paz de 29 de dezembro de 1996. Estamos seguros de que, com a grande capacidade de trabalho do povo guatemalteco, a Cidade da Guatemala continuará construindo um futuro melhor para seus cidadãos.

Ao retornar ao Brasil, ao final desta viagem, sei que levarei comigo mais do que as chaves desta magnífica cidade. Carrego desde já a convicção de que nossos povos estão unidos por uma inabalável amizade e pela determinação de lutar pelos ideais de solidariedade que inspiram nossa América.

Meu caro Prefeito,

Eu não poderia me despedir de Vossa Excelência sem dizer algumas palavras, além das que os meus assessores escreveram. O discurso coordenado pelo meu cerimonial é cheio de formalidades e eu queria dizer algumas coisas além das formalidades. Afinal de contas, sabe Deus quando eu vou voltar aqui à Cidade da Guatemala.

Ontem, na hora em que entramos no Palácio com o presidente Colom, ele me disse: “Presidente, eu quero que o senhor conheça um homem bom. Um homem que já foi presidente da Guatemala, é o prefeito da Cidade da Guatemala, e acaba de ser reeleito para o segundo mandato”. E me levou até o prefeito e me apresentou. Depois eu fui me sentar à mesa e comecei a conversar com o Colom. E eu me lembrava de uma coisa que a minha mãe dizia. Ela falava assim: “Meu filho, se você quiser conhecer o caráter de uma pessoa, e o tipo de pessoa com quem está conversando, mira nos olhos, porque os olhos são a maior prova de que tipo de gente você está conversando. Se for um falso, aparecerá nos olhos. Se for uma pessoa de bem, aparecerá nos olhos”.

Eu estou convencido, Prefeito, depois desses poucos momentos de



convivência, depois dos nossos poucos minutos de conversa, de que estou diante de um homem de bem. Um homem que pode ajudar definitivamente a convencer o povo da Guatemala de que a democracia é um processo, e um processo longo, às vezes duro, às vezes cheio de incompreensão. Mas tem duas coisas fundamentais na democracia: primeiro, precisamos ver a alternância de poder como uma coisa natural. Segundo, essa alternância de poder será muito mais respeitada se as instituições forem sólidas. Porque a democracia não pode estar subordinada ao jeito democrático de um presidente ou de um governante. A democracia tem que ser sustentada em instituições fortes, com credibilidade junto à opinião pública, para que as coisas possam fluir sem a quantidade de batalhas que vemos todos os dias na nossa querida América Latina.

Meu querido Prefeito, como um homem experiente, que já foi presidente deste país, eu queria dizer que há mais de 30 anos participo ativamente da vida política do meu país. E também há quase 30 anos, eu participo da vida política da América Latina. Criei um partido político, criei uma central de trabalhadores. Em 20 anos, nós criamos o partido de esquerda mais importante da América Latina e criamos a central sindical mais importante da América Latina. Portanto, já falei muito mal de governo, porque há um momento na nossa vida em que a gente acha o poder tão distante, que falamos qualquer coisa dele, porque não pensamos que vamos chegar lá.

Vejam uma coisa: em 1995... não, em 1985, eu dei uma declaração em [para] um grande periódico de São Paulo de que não era possível um operário chegar ao poder pela via do voto. Quatro anos depois, eu tive 47% dos votos para presidente da República. Aí eu comecei a acreditar que eu não estava correto, em 1985, e que apenas o exercício da democracia era o que poderia permitir que um obreiro pudesse pleitear a Presidência da 10ª ou da 8ª economia mundial, depende de como se veja os números. E nesse pouco tempo – estou falando de 1989 – nós começamos a juntar toda a esquerda da



América Latina. Toda a esquerda. Vocês não imaginam, dentro de um país, quantos grupos de esquerda. Tinha trotskista, maoísta, leninista, tinha de tudo o que se pode imaginar. As pessoas nem conversavam entre si, ninguém conversava, eram inimigos. Eu me lembro que na primeira reunião que fizemos em São Paulo, a única unidade – unanimidade – para os argentinos era quando o Maradona pegava a bola, porque era época de Copa do Mundo.

O que aconteceu nesses últimos 20 anos? Olhem a América Latina e vejam a mudança extraordinária que houve neste continente. Se, nos anos 80, nós estávamos em um processo de guerra, recém-vitorioso pela Frente Sandinista na Nicarágua, as palavras de ordem no ato de comemoração da revolução nicaraguense... Lembro-me até hoje, porque foi no dia em que eu conheci Fidel Castro. Qual era a palavra de ordem? “Se Nicarágua venceu, El Salvador vencerá”. Eu penso que aqui muita gente também gritou essas palavras de ordem. Mas o que aconteceu nesses 20 anos? Eu acabei de vir da posse do Mauricio Funes, em El Salvador. Eles chegaram ao poder, em menos de 20 anos, exercitando a democracia.

Evo Morales chegou ao poder. Nenhum analista político poderia imaginar que um Evo Morales pudesse chegar à Presidência, e chegou. Rafael Correa, Lugo, Tabaré, Cristina, Michele, para vir para cá... A eleição do companheiro Colom é um passo a mais no fortalecimento da democracia e na formatação ideológica de que a alternância é importante para os países.

Pois bem, ao ganharmos as eleições, nós temos que governar. E para governar, nós precisamos ter tranquilidade. Não é possível nenhum país crescer, não é possível, se ele está o tempo inteiro combatendo, o tempo inteiro com problemas internos.

Eu fui oposição muito tempo, eu perdi três eleições, então aprendi a fazer oposição. E eu fui percebendo que quando as pessoas ganham as eleições, quem perdeu tem que compreender que quem ganhou tem que governar. Não é possível que as pessoas que saíram continuem agindo como



se estivessem no poder. E eu conheço o comportamento de quase toda a América Latina. E a imprensa que está aqui sabe que todo mundo fala mal da imprensa.

Não conheço um presidente que deixe de falar mal da imprensa, seja na Finlândia, seja na Argentina, passando pela Guatemala e pelo Brasil. A verdade é que nós não teríamos democracia sem imprensa. Mas a verdade é que a imprensa fortalecerá muito mais a democracia quando ela se contentar em informar os fatos e não criá-los e não se transformar em porta-voz de um pensamento político.

Aí a liberdade de imprensa está arranhada, está machucada, porque ela não está exercendo a liberdade, que é fundamental para consolidar a democracia no nosso continente. A nossa democracia é muito nova. O acordo de paz foi feito em 1996. São 13 anos de acordo de paz. O Brasil vive o seu mais longo período de democracia contínua: 23 anos. Portanto, nós estamos construindo um jeito de ser sem intromissão, primeiro, da Coroa e, segundo, do império.

Eu tenho conversado com os presidentes e tenho conversado com o presidente Obama. O presidente Obama é a oportunidade que a América Latina tem de, pela primeira vez, ter um presidente americano que não nos trate como se fôssemos inferiores, que não nos trate como se fôssemos apenas exportadores de mão-de-obra barata, que não permita que os seus embaixadores se intrometam na política local, que respeita a soberania de cada país. Eu tenho dito a todos os presidentes: fizemos a Cúpula das Américas, em Trinidad e Tobago, e fizemos uma reunião específica da América do Sul com o presidente Obama. Eu penso que na história dos Estados Unidos nunca um presidente americano teve a oportunidade de ter uma conversa tão franca com os presidentes da América do Sul.

Isso me dá esperança de que, se a gente tiver paciência com a democracia, se a gente fizer política com a cabeça, se nós formos racionais,



nós poderemos deixar para nossos filhos a consolidação da mais forte democracia já implantada no continente latino-americano.

Por que vocês acham que eu sou o primeiro presidente brasileiro a vir à Guatemala? E o primeiro a [ir] a vários países da América Central? Porque Guatemala e Brasil, e Venezuela, e Argentina, e Chile, e Peru, e Equador, e Colômbia e todos os países, nós aprendemos durante cinco séculos a ficar mirando, primeiro a Europa, porque nossos descobridores estavam lá. Depois que conquistamos a nossa independência, passamos a mirar a Europa econômica e alguns, a mirar os Estados Unidos. Nós não nos mirávamos, nós nos tratávamos como se fôssemos desconhecidos. A relação do Brasil com a Argentina, com o Uruguai, com o Paraguai – que fazem fronteira com o Brasil – era uma relação muito distante, porque nós disputávamos, entre nós, quem agradava mais, de um lado a Europa e, do outro lado, os Estados Unidos.

O que está acontecendo, de novo, hoje? Nós nos descobrimos e estamos trabalhando para fazer com que as complementaridades entre nossos países possam ser exercitadas. No que o Brasil pode ajudar a Guatemala? No que a Guatemala pode ajudar o Brasil? O que nós poderemos produzir juntos? O que poderemos construir juntos? Isso só vai ser possível se não existir política de submissão, se o exercício da soberania for total, e se os dois países descobrirem que vão ganhar alguma coisa com isso. E veja o que aconteceu: no dia 25 de janeiro de 2003 eu fiz a minha primeira viagem internacional como presidente. Eu fui a Davos. Encantado, primeiro, porque estava em Davos. Segundo, porque era o supra-sumo do encontro da elite, que falava do mercado. O coitado do Estado não valia nada. Não valia nada. Na volta, eu conversei com o meu ministro das Relações Exteriores e falei: Celso, nós precisamos mudar a lógica da economia comercial e precisamos mudar a lógica da política mundial. Ela está muito centralizada e nós precisamos descentralizá-la, diversificar nossas relações.

Nesses poucos sete anos, Presidente, o maior parceiro comercial do



Brasil não é mais os Estados Unidos, é a China. O maior parceiro comercial do bloco não é mais a Europa, é a América Latina. Um dos grandes parceiros nossos hoje é a África, são os países Árabes.

Eu tenho visitado os países Árabes, eu fui ao Líbano, fui à Síria, eu fui a nove países. Mas eu cheguei à Arábia Saudita agora. O último mandatário brasileiro que foi à Arábia Saudita foi o imperador D. Pedro II, em 1875. Ora, nessa lógica comercial de mundo globalizado, nós temos que procurar oportunidades, nós não podemos ficar esperando que as pessoas sintam prazer em vir à Guatemala comprar alguma coisa. A Guatemala é que tem que viajar o mundo dizendo que tem o que vender, oferecendo as coisas boas que sabe produzir. Porque senão nós ficamos dependentes de um único, e quem depende de um tem pouca chance. Porque na hora em que temos uma crise econômica como esta, se nós só vendemos para um, as nossas oportunidades diminuem.

E eu penso que esse fortalecimento, com a criação da Unasul, com a criação do Conselho de Defesa da América do Sul, com a criação do Conselho de Combate ao Narcotráfico... Por que tem que ser os Estados Unidos que têm que estar na Colômbia combatendo o narcotráfico? Por que nós não cuidamos das nossas fronteiras e damos a liberdade ao presidente Obama? Em vez de cuidar dos traficantes da Colômbia ou de outros países latino-americanos, que cuide dos consumidores, dos usuários americanos. Aí todo mundo fica com a vida facilitada.

No ano que vem, vamos eleger, pela primeira vez, o Parlamento do Mercosul – eleição direta. Eu tenho dito ao México, ao companheiro Fox e agora ao companheiro Calderón: voltem-se para a América Central e para a América do Sul, parem de depender exclusivamente dos Estados Unidos, isso não é uma coisa boa.

Quanto mais parceiros nós tivermos, mais fortes nós seremos. E quanto mais unidos nós formos, mais chances nós temos. Nós temos sempre que a



saber que a Europa está, no mínimo, 50 anos na nossa frente. Eles têm experiência em colonização e nós não temos interesse nem queremos ser colonizadores, mas nós queremos (incompreensível). É por isso que eu estou viajando, e por isso estou bem nas pesquisas, porque viajo muito. A imprensa brasileira não fala mal de mim, (incompreensível) e vou continuar viajando.

Eu acho, Prefeito, que você tem um papel na Guatemala, além de (incompreensível). Eu acho que o debate sobre a democracia na Guatemala tem que ser feito de forma continuada, para que alguns que perderam o governo fiquem calmos, porque quatro anos passam rápido. Porque quatro anos é muito difícil para quem está na oposição, mas para quem está no governo, a gente nem aprende a governar e já acabou. Então, o que é preciso é as pessoas perceberem que à medida que vai acontecendo a (incompreensível), o povo vai errando e acertando.

Mas, certamente, a chance de a gente acertar com democracia, exercitando na plenitude a democracia, a chance é muito maior do que nos momentos de guerra que este país teve, do que nos momentos de autoritarismo.

Por isso, quero dizer a vocês que eu me sinto feliz. Primeiro, por receber a chave. Agora, quando vier à Guatemala, não trago mais passaporte, eu trago a chave. Eu falo: vou para a minha casa, vou para a minha cidade. Espero que seja assim.

Mas eu volto para o Brasil com a convicção de que o povo da Guatemala não pode perder a oportunidade de transformar a democracia na mais importante conquista deste mundo. Democracia é difícil e exige paciência. Mas não tem nada mais forte do que a democracia. Não a democracia que a gente apenas tem o direito de gritar, de estar contra. Não. A democracia que nos permite gritar que estamos com fome, mas que nos permite tomar café, almoçar e jantar todos os dias.

Muito obrigado.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido pelo presidente da Costa Rica, Oscar Arias

São José-Costa Rica, 3 de junho de 2009

Quero expressar minha alegria de poder visitar, pela primeira vez, a Costa Rica e poder reunir-me com o presidente Oscar Arias.

O presidente Arias é um artífice da paz e defensor dos direitos humanos.

O reconhecimento internacional que angariou, ao receber o Prêmio Nobel, é prova de que uma América Latina unida pode realizar muito e inspirar o mundo.

No momento em que vivemos desequilíbrios em escala planetária, nossa região dá provas de que podemos contribuir para a construção de uma sociedade de nações mais humana.

Como membro do Conselho de Segurança, no biênio 2008-2009, a Costa Rica tem sido um valioso aliado do Brasil na luta para fortalecer o multilateralismo. Queremos torná-lo instrumento efetivo da paz e segurança, e indutor do desenvolvimento sustentável.

O compromisso com os valores da democracia e da justiça social fez da Costa Rica uma referência política.

O povo brasileiro também está convencido de que é possível construir uma sociedade mais justa e eqüitativa.

Senhor Presidente,

Nesta minha visita à Costa Rica estamos tendo a oportunidade de consolidar definitivamente uma parceria inaugurada na visita que Vossa Excelência fez ao Brasil, em 2008.

Os fundamentos econômicos de nossa aliança já estão lançados. Nosso comércio multiplicou-se por três desde 2003, superando 800 milhões de dólares, no ano passado.



Temos todas as condições de ampliar e diversificar ainda mais nossas trocas. Por isso, precisamos desafiar nossos homens de negócios a organizar novo evento empresarial como aquele que contou com a presença de Vossa Excelência, em São Paulo.

Meu caro presidente Arias,

Assinamos hoje um acordo na área de saneamento, que beneficiará pequenas comunidades. Estamos consolidando um programa de cooperação técnica que inclui iniciativas nas áreas de saúde, biocombustíveis, comunicações e energia.

Senhor Presidente,

A crise econômica global desafia a América Central a juntar-se ao resto das Américas para responder a uma globalização injusta e desigual. Costa Rica e Brasil têm um papel decisivo a desempenhar nessa aproximação.

Em 2008, o Brasil passou a ser observador do SICA. Ao mesmo tempo, estamos definindo nossa participação no Banco Centro-Americano de Integração Econômica, de forma a melhorar a colaboração em projetos de desenvolvimento da região.

Nosso próximo desafio será negociar um Acordo de Associação entre o Mercosul e o SICA, que envolva diálogo político, cooperação e comércio.

Contamos com a liderança da Costa Rica – que assumirá a presidência do SICA – para implementarmos essa agenda de integração entre a América do Sul e a América Central.

A crise internacional derrubou paradigmas e destruiu mitos. A América Latina e o Caribe devem apostar em soluções criativas, que preservem nossas conquistas sociais sem cair na armadilha protecionista.

Devemos continuar a adotar políticas arrojadas, que privilegiem a economia real, ao oferecer incentivos à esfera produtiva. Devemos preservar a capacidade de consumo das amplas maiorias, enfatizando a defesa do nível de



emprego e da demanda. A integração regional será poderoso instrumento para alcançar esses objetivos.

Essa foi a mensagem da Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento, na Bahia, no fim do ano passado. Pela primeira vez, em 200 anos de independência, os países latino-americanos e caribenhos se reuniram para propor soluções próprias para problemas que devem nos unir – jamais separar.

Foi a mesma convicção que nos levou a decidir que não é mais concebível que se realize uma Cúpula das Américas sem a participação de Cuba.

E que levou à constituição de uma força majoritariamente latino-americana para levar ao Haiti um novo paradigma de paz e segurança.

Estou plenamente convencido de que esta minha vinda a São José será – como o foi sua ida a Brasília – sinal claro de que novo e fecundo capítulo se abre na história das relações entre Costa Rica e Brasil.

Por isso, eu quero terminar agradecendo o carinho que eu e minha delegação recebemos aqui na Costa Rica e quero erguer um brinde ao presidente Oscar, ao seu governo e ao povo da Costa Rica.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de comemoração do Dia Mundial do Meio Ambiente**

Caravelas-BA, 05 de junho de 2009

Há muito tempo que eu não via tanto rojão assim.

Meus queridos companheiros e companheiras da Bahia,

Meus queridos companheiros e companheiras de Caravelas, de Ponta
de Areia,

Meu querido companheiro Carlos Minc,

Meu querido companheiro Geddel Vieira, ministro da Integração,

Meu querido companheiro Franklin Martins,

Meu querido companheiro deputado federal Uldurico Pinto,

Meu querido companheiro, almirante Júlio Soares de Moura Neto,
comandante da Marinha brasileira,

Meu caro companheiro Rômulo Barreto Melo, presidente do Instituto
Chico Mendes,

Nossa querida companheira Maria Cecília, secretária de Biodiversidade
e Florestas,

Meu caro Antônio Carlos Hummel, diretor-presidente do Serviço
Florestal Brasileiro,

Meu caro Luiz Antônio Alvim, prefeito de Caravelas, por meio de quem
cumprimento os demais prefeitos da região,

Meu caro companheiro Valdeck Rosentino Neves, presidente da Colônia
Z-29, de Nova Viçosa, por meio de quem cumprimento os demais
representantes da sociedade,

Meus queridos moradores de Caravelas,

Amigos e amigas,

Mulheres, homens e crianças,



Bem, este ato aqui, esses decretos que eu assinei, eles poderiam ter sido assinados no meu gabinete e eu não precisaria fazer uma viagem de duas horas de Brasília até aqui, andar de helicóptero uma hora, de Porto Seguro até Abrolhos, com um medo “desgramado”, porque o máximo que eu consigo nadar, se cair na água, são cinco metros, e vir aqui, a Caravelas.

Por que nós estamos aqui? Nós estamos aqui... Eu vou explicar primeiro porque nós estamos aqui, depois eu vou pedir, no final da minha fala – me lembrem –, eu vou pedir um minuto de silêncio pelas vítimas do acidente de avião da Air France, que nós ainda não encontramos os corpos. Aliás, eu vou começar com esse minuto de silêncio. Vamos fazer um minuto de silêncio em homenagem às vítimas do acidente do avião. Muito obrigado.

Eu estava dizendo porque nós estamos aqui em Caravelas. É porque é preciso discutir com mais seriedade a questão ambiental em nossa cidade, em nosso estado e no mundo. Todo santo dia, nós estamos vendo na televisão ou nos jornais que alguma coisa diferente está acontecendo no mundo. Onde fazia muito frio, ou está fazendo mais frio, ou está fazendo calor. Onde chovia menos, está chovendo mais e estão dando as enchentes como deu em todos os estados nordestinos neste verão. Onde chovia muito, fez uma seca danada, como fez em Santa Catarina – metade do estado morrendo por causa da enchente e metade do estado passando necessidade por causa da seca.

Alguma coisa está acontecendo no mundo e nós somos os responsáveis por isso, porque no momento certo nós não soubemos cuidar adequadamente e preservar aquilo que é importante para a própria vida humana. Nós, que habitamos o planeta terra, estamos contribuindo, a cada dia que passa, para que ele seja destruído mais rápido e, quando ele for destruído, nós estaremos destruídos enquanto espécie animal, enquanto ser humano. Não vai acontecer agora, mas pode acontecer daqui a 1 milhão de anos, daqui a cem anos... mas se a gente não cuidar agora, os nossos filhos irão viver em um mundo cada vez



pior do que aquele em que a gente vivia quando nasceu, porque a tentação do homem é destruir e não construir.

Por isso que eu vim comemorar esse dia do meio ambiente aqui. Porque eu dizia para o Jaques Wagner: esse estado aqui produzia uma espécie de árvore que quando lá em São Paulo a gente ia casar, o chique do casamento era se a gente pudesse ter um guarda-roupa de jacarandá. Era a madeira nobre daquele momento, e hoje o jacarandá está extinto, como está extinto o pau-brasil, como estão extintas dezenas de outras árvores nobres que nós mesmos destruimos, como estão destruídos alguns rios nossos, como está destruída uma série de coisas que nós mesmos deveríamos cuidar para que a vida da gente não piorasse de qualidade.

Então, discutir a questão climática no mundo hoje é muito importante. Qual é a vantagem do Brasil? Qual é a vantagem da América do Sul? Qual é a vantagem dos países africanos? É que hoje nós temos o que o mundo rico não tem mais, porque para que o mundo rico chegasse a ser o que é hoje, com a riqueza que ele tem, parece que são países carecas, não têm mais uma árvore, e são os maiores emissores de gases de efeito estufa.

Então, hoje a questão climática está exigindo que essas pessoas que há um século não pensavam em meio ambiente, comecem a pensar. Nós, brasileiros, latino-americanos e países africanos, que ainda temos nossas florestas, não podemos aceitar o discurso... Nós não podemos aceitar o discurso simplista deles de que nós temos apenas que preservar. Enquanto eles produzem carros da melhor qualidade, comem da melhor qualidade, têm do bom e do melhor, eles não podem querer que a gente apenas preserve as nossas florestas, os nossos rios, para que eles tenham o oxigênio que eles imaginam que a Floresta Amazônica produz, ou que ela consiga captar o chamado gás de efeito estufa, que pensam que ela... a reserva vai trazer e diminuir no espaço.

É preciso que a gente faça o que estamos fazendo no Brasil. É preciso



que os países ricos, que já desmataram toda a sua floresta, comecem a pagar para que a gente preserve a nossa, para que a gente possa melhorar a qualidade de vida do nosso povo, e que ninguém imagine que a Amazônia é deles. A Amazônia é nossa, é brasileira, é verde e amarela. Nós queremos preservá-la, mas nós também precisamos cuidar de 25 milhões de seres humanos que moram lá, que querem ter carro, que querem ter geladeira, que querem ter televisão, que querem ter as coisas que todo mundo deseja ter, e também querem ganhar salário e querem trabalhar.

Então, nós estamos trabalhando para compatibilizar a necessidade da preservação da floresta, das nossas águas e da nossa fauna com a possibilidade de garantir às pessoas que possam viver melhor e com mais dignidade, senão não tem política de meio ambiente.

Minc, nós assinamos uma Resex aqui. Se a gente não garantir que esses companheiros que se levantaram aqui, da pesca – pescadores de mariscos e caranguejos – não tiverem condições de sobrevivência, eles serão os primeiros a destruir. Por que sabe o que acontece? A gente, se não cuidar dele, o ser humano passa a ser o principal animal em extinção do planeta Terra, pela miséria e pela fome, porque é 1 bilhão de seres humanos que passam fome no mundo. Então, é preciso que a gente tenha clareza de fazer essa compatibilização entre a necessidade de preservar e a necessidade de permitir que as pessoas vivam dignamente.

Mas quando a gente quer criar uma reserva, vocês viram a briga que deu para a gente demarcar a Raposa Serra do Sol, aquela terra indígena lá no estado de Roraima. Foram anos de briga. E quem brigou conosco? Zeca arroteiro. Zeca arroteiro, que invadiu a terra dos índios... Fizeram tudo o que vocês possam imaginar para que a gente não pudesse demarcar aquelas terras. Finalmente, a Suprema Corte brasileira demarcou as terras indígenas, os arroteiros saíram, e agora a gente vai poder garantir que os arroteiros



plante arroz em outro lugar e que os índios vivam tranquilamente no seu lugar.

Aqui, o que nós estamos fazendo? Aí, Minc, outra coisa que é importante explicar, explicar e explicar, porque nós temos três tipos de gente. Nós temos um tipo de gente que às vezes não concorda com uma Resex porque não está bem informado. Então, dizem para ele: “Olha, vai proibir de fazer qualquer coisa na cidade. Não vai mais poder construir nada na cidade. Está tudo proibido”. Ele está desinformado. Então, é preciso a gente informar adequadamente. Tem outros que acham “olha, eu sou contra porque eu sou contra. Eu não acredito nessa história de meio ambiente. É tudo mentira. Chove muito porque Deus quer, faz seca porque Deus quer. Então, não tem essa de meio ambiente, não. Pode derrubar tudo, quebrar tudo, porque não vai ter jeito”. Esse é um ignorante. Nós temos que tratar dele com cuidado porque também ele precisa de informação, ele precisa de informação. Ele não é, não é uma pessoa ruim, é uma pessoa desinformada. Agora, tem outros que utilizam um discurso fácil. Aquele discurso de que: “Olha, fazendo isso, está impedindo o desenvolvimento”. E aí começa a falar. Olha, primeiro, quanto mais a gente preservar, mais chance a gente tem de desenvolvimento, porque hoje, quando um turista quer viajar para uma cidade, ele quer saber se ele tem coisa para ver, coisa nossa. E o que tem acontecido nas cidades médias brasileiras? Primeiro, é o mangue. O pobre vai sendo expulso da cidade e ele vai para a beira do mangue. Daqui a pouco, ele começa a fazer aterro no mangue e vai fazendo seu barraquinho. Daqui a pouco faz uma palafita. Quando está tudo errado e o pessoal morando em favela, aí chega um rico, compra aquele mangue e faz um grande empreendimento naquele mangue e os pobres sendo escorraçados, para onde? Para beira de um morro ou para a beira de um córrego.

Ora, o que nós estamos dando com essa resex é um direito da cidade de Caravelas e de Viçosa poderem dizer, que nessas cidades a natureza será



preservada para que os nossos filhos e os nossos netos possam continuar, se quiserem, a profissão dos seus pais e das suas mães e tirar o seu caranguejo lá no mangue. Porque vocês não sabem o que é enfiar a mão em uma toca para pegar o caranguejo até o cotovelo. E eu até os dez anos de idade, não só pegava caranguejo como pegava... Até esse dedo aqui foi um caranguejo que comeu.

Então, o que nós estamos garantindo aqui é o seguinte: o que tem de mangue, mangue é uma coisa muito importante para a natureza. Mangue é uma coisa importantíssima. Se a gente acabar com o manguezal, a gente muda o tipo de coisa que tem no rio ou no mar, perto do manguezal. Então, nós precisamos preservar. Não é apenas para garantir aos pescadores pescar o seu marisco, pegar o seu caranguejo ou pescar o seu peixe. Não é só para isso, é também para isso. Mas a gente quer que quando um cidadão de classe média de São Paulo ou do Rio de Janeiro ou um professor da USP, ou da Unicamp, ou de Salvador quiser visitar o local virgem, onde está preservado, onde o pedaço de mar está preservado, onde não vai ter poluição e aí eu vou entrar na questão do esgoto, ele vem aqui em Caravelas e fala: Eu fui lá, comi um peixe de qualidade, não poluído, um caranguejo de qualidade, um marisco de qualidade, e aí até vão vender ou em Vitória do Espírito Santo ou o Jaques Wagner vai comprar tudo para levar para a merenda escolar lá em Salvador e daí por diante.

Então, é para isso que a gente está aqui. Para a gente dizer ao povo de Caravelas que nós não estamos fazendo nenhuma coisa que vá prejudicar a cidade. Até porque, se nós tivermos de um lado algum ambientalista radical e tivermos do outro lado um prefeito, ou um fazendeiro radical, o governo não estará de nenhum dos dois lados. O governo será o caminho do meio para que a gente encontre uma saída que possa harmonizar a convivência entre as pessoas. Nós estamos caminhando rapidamente para garantir que a preservação ambiental seja uma forma de a cidade ganhar um pouco mais de



dinheiro. Porque nós do governo federal estamos tendo consciência, da mesma forma que a gente está pedindo ao mundo rico que contribua com a preservação das coisas aqui do Brasil, nós temos que ajudar as cidades que vão preservar a ver naquela política de preservação uma renda maior, até para que ele possa cuidar de melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Olha, eu fiquei preocupado porque o prefeito e o Wagner começaram a pedir coisas aqui, e eu tenho 6 mil prefeitos e tem 27 governadores, mas eu vou dizer uma coisa para vocês: desde que o Brasil foi descoberto não existe um momento na história do Brasil - o que a gente teve, o tanto de investimento que a gente tem em saneamento básico neste país: desde que o Brasil foi descoberto. Você pode pegar 10 anos em outro governo, você pode pegar 10 ou 15 anos de outros governos que eles não investiram em saneamento básico o que o nosso governo investe a cada ano neste País.

Agora, nós temos coisas absurdas gente. Nós temos cidades como Florianópolis que é uma cidade bonita, de 400 mil habitantes, praia para todo lado, que não tinha saneamento básico. Então nós temos que começar do zero, nós não podemos falar que o companheiro Geddel está fazendo as coisas corretas. É que quando nós resolvemos fazer a questão de levar a água do rio São Francisco para ajudar outros estados, nós estamos fazendo a maior recuperação que o rio São Francisco já teve na sua vida. Nós estamos plantando árvores em volta do rio, estamos fazendo tratamento de esgoto em cada cidade, na beira do rio, para que a água caia no rio limpa, na esperança de que ninguém mais venha a destruir.

Se esta cidade aqui, Prefeito, tem problema de esgoto direto no mar, e se Caravelas tem problema, você faça o favor, você e o Governador se entendam, façam um projeto, que nós vamos cuidar de fazer com que essa coisa seja melhorada. Porque não adianta um cidadão subir em um palanque, para dizer que é ambientalista, e ele é prefeito de uma cidade e está jogando o esgoto *in natura* dentro do rio, ou dentro do mar. Isso, nós temos que cuidar.



A segunda coisa, a questão do aeroporto. Olhem, este aeroporto está desativado há dois anos. O Prefeito, de forma muito singela, disse que o meu avião poderia pousar aqui. Olhem, vou falar uma coisa para o Prefeito: nós não somos tão espertos, mas não somos tão burros. Porque se os comandantes do avião dissessem que podia pousar aqui, eu não ia andar 45 quilômetros de volta, de helicóptero, para poder pegar o avião. É que do ponto de vista da Aeronáutica, é preciso fazer um rearranjo no aeroporto, porque o asfalto está soltando no aeroporto, e se você pousa em um aeroporto com pedregulho, um pedregulho pode entrar na turbina do avião e podem acontecer coisas desagradáveis. Então, é apenas por cuidado, e a gente vai, então... O Wagner já pediu, aqui, o Prefeito já pediu, a Aeronáutica já ofereceu o aeroporto para o Governador, mas o Governador, como um bom judeu, muito esperto, o Governador quer o aeroporto, mas ele quer que o governo federal ponha dinheiro para consertar o aeroporto.

Como esse galego é meu amigo há muitos anos, nós vamos consertar esse aeroporto, e vamos passar o aeroporto para o estado da Bahia, para ele nunca mais pedir o aeroporto. E também porque eu acho um desatino, um aeroporto importante como este, que quando você sai de Salvador para Porto Seguro... nós esperamos transformar Abrolhos em um grande centro de atração turística do mundo inteiro. Então, é importante que o aeroporto esteja funcionando. Eu vou ver se o Ministério do Geddel tem um dinheirinho para fazer uma “rapa do tacho” ali, viu? Pegar um pouco de dinheiro, e acho que nós vamos consertar.

Eu falei para o Wagner que quando chegar a Brasília, vou conversar com o ministro Jobim, vou conversar com o Comandante da Aeronáutica, para a gente fazer o projeto de [para] recuperar este aeroporto, até porque eu vim hoje a Abrolhos na intenção de ver uma baleia, e não vi nem... mas nem um bijupirá. Não vi nem uma tainha e nem uma sardinha. Aí me disseram que em



agosto tem baleia até para a gente dar tchau. Eu já falei para ele que em agosto ou em setembro eu venho aqui, para que a gente possa ir a Abrolhos.

A questão do hospital. Essas coisas não funcionam assim: o prefeito pede e o hospital... Não. É preciso que tenha um projeto que justifique o Ministério da Saúde, junto com o governador – sempre em parceria – colocar dinheiro. Então, eu queria pedir: Prefeito, prepare o projeto do hospital, converse com o governador Jaques Wagner, porque é possível construir uma parceria entre o Ministério da Saúde, o governador do estado, e a gente fazer o hospital voltar a funcionar.

No mais, eu queria dizer para vocês... Deixem-me dizer uma coisa para vocês. Nós vamos levar pelo menos uma geração e meia – isso significa algumas... 20 anos ou 25 anos – para a gente consertar todo o estrago que foi feito em cinco séculos neste país. A gente não vai conseguir resolver todos os problemas em pouco tempo. Vocês vejam uma coisa. Vocês vejam que nós criamos o piso salarial para os professores, e tem vários governadores entrando contra o governo federal, na Justiça, porque acham que pagar R\$ 950 é muito. Então, nós entramos... Obviamente que não é o caso do companheiro Wagner, mas tem governadores entrando, nós vamos pegar eles na justiça. Nós aumentamos... nós diminuimos para criança entrar na escola a partir dos seis anos de idade, para que a criança pobre tenha o direito de aprender tanto quanto a criança de classe média, porque antes como era? O pobre entrava na escola com sete anos, a criança de classe média ia para a pré-escola com seis anos. Quando chegavam os dois na escola com sete anos, um já sabia escrever o nome, já sabia o que era uma borracha, e o outro entrava sem saber nada, aí diziam que o pobre era burro. Na verdade, não era burro, ele não tinha tido a oportunidade que o outro tem.

Segundo, só este ano, nós vamos inaugurar uma quantidade de escolas técnicas quase igual ao que foi feito em um século. O que foi feito no século XX – 140 escolas, desde 1909, construídas no Brasil... Eu só não posso dar o



microfone de volta porque ele vai pedir mais alguma coisa. Desde 1909 até 2003, o Brasil tinha construído 140 escolas técnicas. Nós, só este ano, vamos inaugurar cem escolas técnicas, só este ano, e até 2010, nós vamos inaugurar 214 escolas técnicas. Nós já colocamos 535 mil jovens da periferia na universidade através do ProUni – jovens que não tinham nenhuma oportunidade na vida, nós colocamos na universidade. E o que é importante: 40% desses jovens são meninas, e meninas negras.

Segundo, nós estamos com o maior programa de juventude já feito neste país. Nós queremos atender a 4 milhões de jovens que deixaram de estudar, que já estão com 17 anos, e nós queremos trazê-los de volta para a escola, para ensinar para eles uma profissão. Porque se a gente não trazer eles de volta para a escola, eles podem ser ganhos pelo crime organizado, pelo narcotráfico e vai sair muito mais caro para o Governo.

Por isso, companheiros e companheiras, eu que ainda tenho muitos compromissos em Brasília, queria dizer aos nossos pescadores, aos catadores de mariscos, aos catadores de caranguejo, que ensinem o Minc a catar um caranguejo para ele saber como um caranguejo funciona. Eu espero que vocês possam, da experiência, da conquista de vocês... Porque a Resex não é invenção do Governo Federal, a Resex é invenção deles, que pediram para nós para a gente preservar o direito de trabalho deles. Nós, veja... Nós não queremos fazer nada na marra. Eu sou um homem que aprendi a fazer as coisas dialogando. Eu prefiro perder um dia a mais, conversando, para encontrar uma solução, do que achar que, porque eu sou presidente, eu faço um decreto e está resolvido. Eu não faço assim. Eu prefiro perder algumas horas... Falei para o Minc agora: todas essas Resex, a gente, de tempos em tempos, vai ter que fazer uma revisão para saber se elas estão bem aproveitadas, se não estão, o que foi destruído. Também, se for necessário fazer mudanças, nós fazemos para adequá-las à realidade de cada momento.



No mais, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês que eu nunca vi tanto carinho comigo como eu estou vendo aqui nesta Caravelas. Queria dizer para vocês o seguinte: nós vamos continuar... eu tenho mais um ano e meio de mandato. Tem muita coisa para fazer neste país. A única coisa que eu peço para vocês é o seguinte: tomem cuidado porque agora está chegando o ano eleitoral, e quando vai se aproximando o ano eleitoral, vocês vão vendo as pessoas começarem a aparecer na televisão como salvadores da pátria. Vocês viram o que fizeram comigo em 2005. Nós demos a resposta em 2006. O que incomoda os meus adversários, o que incomoda é eles saberem que, embora eu governe para todo o povo brasileiro, o que incomoda eles é que eu tenho um lado, e o meu lado é o povo trabalhador, é o povo mais pobre deste país. Então, isso incomoda profundamente eles, e nós vamos continuar firmes. No momento certo...

Vamos fazer uma coisa. No momento certo de conversar de [sobre] política, nós vamos conversar de [sobre] política. Agora é hora de conversar de [sobre] Resex, e é hora de conversar de [sobre] recuperar a economia brasileira o mais rápido possível, para a gente gerar a riqueza que precisamos gerar.

Companheiros, um abraço. Que Deus abençoe cada um de vocês, e até agosto, quando eu vier para ver as baleias em Abrolhos.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura de protocolo para contratação de obras de drenagem do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)

Palácio do Buriti, 09 de junho de 2009

Companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Ministros Marcio Fortes, das Cidades; Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional, Paulo Bernardo, do Planejamento; José Múcio, da Secretaria de Relações institucionais. E o nosso querido Altemir Gregolin, que acaba de ver a proposta da criação do Ministério da Pesca aprovada. Pelo menos deveria ter trazido peixe para nós, aqui.

Companheiros governadores Jaques Wagner, da Bahia; Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro; Blairo Maggi, do Mato Grosso; Cid Gomes, do Ceará e Wellington Dias, do Piauí. Se faltar alguém aqui não é culpa minha.

Companheiros senadores Delcídio Amaral, Ideli Salvatti, João Ribeiro, Magno Malta, Romero Jucá. O Romero Jucá, líder do governo no Senado; a Ideli Salvatti, líder do governo no Congresso Nacional.

Deputados Beto Albuquerque, Carlos Zarattini, Celso Maldaner, Edinho Bez, Charles Lucena, Eliene Lima, Geraldo Resende, Henrique Fontana, líder do governo na Câmara dos Deputados, João Leão, João Pizzolatti, Jorge Boeria, João Guimarães, José Mentor, José Carlos (incompreensível), Márcio Franca, Marcos Maia, Mário Negromonte, Mendes Ribeiro, Milton Monti, Paulo Piau, Ricardo Barros, Sandro Matos, Wellington Fagundes e o deputado Zonta.

Prefeitos... Deu quorum, em votação, por favor, medida provisória número...

Eu gostaria de cumprimentar a todos os prefeitos aqui presentes. E cumprimentando o Kassab, que fez uso da palavra, e o Jandir Bellini, de Itajaí, eu cumprimento a todos os prefeitos aqui presentes. Mas estou vendo daqui o



João Henrique, da Bahia [Salvador], estou vendo o Márcio Lacerda, de Belo Horizonte, estou vendo o companheiro de Campina Grande, estou vendo o companheiro de Porto Alegre, o nosso Fogaça. Estou vendo companheiros recém-eleitos que ainda nem aprenderam a ser prefeitos, porque só têm seis meses de mandato.

Meus amigos e minhas amigas,

Bem, primeiro [queria] dizer para vocês que a nossa companheira ministra Dilma, que é uma das engenheiras e arquitetas deste programa não pôde vir aqui, porque está em casa descansando.

Segundo, deu para vocês perceberem que esse programa não tem coloração [conotação] eleitoral, não tem coloração [conotação] partidária e muito menos coloração [conotação] ideológica. O que permeou os estados e as cidades escolhidas foi nada mais, nada menos que a gravidade dos problemas que essas cidades enfrentam e os graves problemas que vive a chamada parte mais pobre da população brasileira.

Agora é importante lembrar que eu tenho seis anos e meio na Presidência e os prefeitos que têm mais mandato aqui têm quatro anos e meio, os que foram reeleitos agora, outros têm apenas seis meses de mandato. E eu queria pedir para vocês – que nós estamos entrando em um momento nervoso da vida nacional, afinal de contas, estamos em um ano pré-eleitoral – que nós não permitíssemos que o processo eleitoral criasse qualquer impossibilidade de a gente consagrar o relacionamento que nós conseguimos criar nesses anos entre os entes federados.

Certamente que muitos governadores se afastarão em massa para serem candidatos, outros serão candidatos mesmo no cargo porque a lei permite, outros serão candidatos a governador, os prefeitos vão estar muito à vontade, quem foi eleito agora não vai querer ser deputado, quem foi eleito há quatro anos e meio pode querer ser deputado. E eu estou dizendo essas



coisas para alertar vocês do seguinte: uma das coisas que muitas vezes atrapalha o bom andamento das coisas no Brasil é que nós, na maioria das vezes, colocamos pequenos problemas de ordem político-partidária, de ordem pessoal, na frente de problemas de interesse da sociedade brasileira. Muitas vezes uma briga pequena, uma coisinha de nada entre duas pessoas, uma do governo federal e uma do governo estadual, já é suficiente para que uma obra fique paralisada semanas, meses e anos, ou até que essa obra não aconteça.

Existem, muitas vezes, pessoas que exercem cargos que não querem que você faça obra na cidade tal, no estado tal, porque vai beneficiar eleitoralmente fulano ou beltrano. Vocês são testemunhas de que nesses seis anos e meio, essa tese não prevaleceu e não pode prevalecer. Porque a nossa relação é política, a nossa relação é pessoal, mas todos nós temos uma coisa superior à nossa relação, que é a relação que nós temos que ter de respeito com o povo brasileiro, que nos elegeu para ser prefeito, para ser governador, senador, deputado, vereador ou qualquer outro cargo. Essa relação entre nós, ela possibilitou nós vivermos o mais importante momento – e vou dizer sem medo de errar – o mais importante momento da história do Brasil na relação democrático-republicana entre os entes federais. Eu duvido que já tenha acontecido. Teve um momento na história do Brasil que existia uma relação de subserviência, porque o poder central podia tudo, indicava governador, indicava prefeito das capitais, e só era eleito prefeito de cidade pequena quem fosse amigo do Poder, houve um tempo que era assim. Houve um tempo em que o poder central não tinha dinheiro para fazer investimentos e estava todo mundo morrendo à míngua comendo o pão que o diabo amassou. Houve um tempo em que era preciso juntar todo o dinheiro que a República tinha para poder construir o superávit necessário para poder ganhar credibilidade das instituições de financiamento multilaterais. Então nós tivemos vários momentos na história do Brasil, e nós fazemos parte da geração – possivelmente o mais velho de todos nós aqui não seja eu, se formos olhar pelos cabelos brancos é o



Jaques Wagner, se for olhar pelo tempo que está na política talvez seja o Fogaça – ou seja, de qualquer forma, nós fazemos parte de uma geração que está tentando consertar aquilo que foi o prejuízo causado por outras gerações de governantes que passaram por este país. Não me perguntem nome, não me perguntem nome de prefeitos, nome de governadores, nome de presidentes, porque é um ciclo que envolve décadas em que os desmandos permitiram que fosse diminuindo cada vez mais o número de pessoas que morassem em lugares adequados, e fosse piorando cada vez mais o número de pessoas que passassem a morar em lugares inadequados. Essa é uma realidade que a nossa geração herdou. Eu digo a nossa geração da política, porque talvez de idade tenha gente que é mais velho do que alguns governantes. Mas o dado concreto é que nós temos que olhar o que era o Brasil urbano da década de 70 e o que é o Brasil urbano do século XXI, no ano de 2009. É verdade que houve uma mudança radical do campo para a cidade? É. Nós tivemos, praticamente, em 50 anos uma inversão, era 80 no campo e 20 na cidade, e de repente, virou 80% na cidade e 20% no campo. É verdade. Mas é verdade que se os governantes agissem de forma mais responsável no Brasil a gente não teria as pessoas morando nos lugares tão inadequados como elas moram hoje. E aí também não tem santo porque quando nós somos oposição, nós somos doidos para incentivar uma invasão. Quando nós viramos situação, nós ficamos doidos para resolver o problema e achar quem é o culpado daquela invasão. E todo mundo aqui sabe do que eu estou falando, todo mundo aqui já fez uma passeatinha, uma marcha, uma caminhada. E em nenhum momento nós fomos capazes de dizer: companheiro, nós vamos brigar para arrumar uma terra para você, mas não pode ser aqui. Aqui, você está vendo aquele rio ali, ele está vazio agora, isso aqui está bonito, mas quando ele encher ele vai alagar tudo e não tem jeito. Antigamente as casas ainda eram feitas, quando eram construídas nas várzeas, em cima de pilares. Todo mundo lembra, aquelas casas que tinham os porões altos, então quando enchia de água – eu morei em



Santos um tempo e era assim – as casas eram em cima de pilares, enchia e não entrava ainda na casa. Mas hoje as casas são feitas na terra, às vezes até abaixo do nível do rio e todo mundo sabe que vai dar enchente. E quando enche, a gente age como se fosse uma novidade para nós. Da mesma forma nas encostas dos morros, a quantidade de córregos ocupados por barracos. Se os governantes da época tivessem o mínimo de responsabilidade, se fizessem o primeiro barraco, o terceiro ou o quarto e fosse lá conversar, arrumasse o local, poderia resolver. Mas quando tem mil já virou um problema social e aí não se mexe mais. Sobretudo se as pessoas tiverem título de eleitor. A nossa geração está tentando consertar isto. Vocês pensam que eu não fico às vezes imaginando “puxa vida gastar dez bilhões, quinze bilhões, oito bilhões, cinco bilhões” para corrigir um erro que outro cara fez? Que deixou ali, de forma irresponsável, aquela área ser ocupada, que a gente poderia estar fazendo uma outra coisa nova, alguma coisa. Não! A gente faz por que quem está na beira daquele córrego são seres humanos, iguais a nós e que muitas vezes foram vítimas por estarem naquele lugar ali.

Se nós e se a nossa geração, daqui para frente... A minha geração de governante está acabando, mas a de muita gente aqui está começando. Ou seja, se essa geração futura resolver fazer uma contenção de não permitir que outras ocupações desordenadas ocupem lugares que não podem ser ocupados; se ela evitar e a gente continuar cuidando dessa que já foi jogada nesse limbo, a gente pode sonhar que daqui a vinte ou trinta anos a gente vai ter um país onde as pessoas morem de forma mais ordenada, mais planejada e a gente não seja vítima, como nós somos hoje.

Não que a gente vá evitar as intempéries, não existe. Eu já disse várias vezes e vou repetir aqui. Freud dizia que algumas coisas que o ser humano não controla, viu, Idelli, uma delas são as intempéries. Você pode cuidar porque teve um vulcão, porque teve um furacão esse ano, no ano que vem



quando ele vier, vem pior. Ele vem pior. Quem já viu enchente aqui, cada enchente é uma maior que a outra.

Eu lembro que uma vez eu morei numa vila chamada, Vila Arapoã, lá perto de São Caetano do Sul. Não sei se alguém aqui é de São Paulo aqui. Morava lá.

A primeira vez que mudei para uma casa nova, eu mudei em junho e em dezembro já tomei a primeira enchente de um metro dentro de casa. Quando a gente está limpando a casa e pensa que está tudo resolvido joga... lá em São Paulo tem um pinga chamada de Borrodunga. E a gente jogava Borrodunga no Chupança. No sanguessuga que ficava na perna da gente, um bicho desse tamanho assim! Jogava um gole de cachaça na bicha para ela cair da perna. Quando a gente acabava de limpar, vinha outra chuva.

Aí é uma pior do que a outra e no Brasil inteiro é assim. No Brasil inteiro é assim e aí entra a questão das mudanças climáticas que o companheiro Wellington, tão bem falou aqui. Se eu soubesse que ele conhecia tanto de questão climática ele tinha ganhado o Prêmio Nobel junto com Al Gore e nós teríamos um Prêmio Nobel aqui no Brasil.

Mas o que é triste... Primeiro que eu sei que todos vocês são pessoas da mais extraordinária vontade de fazer. Muitos de vocês eu conheço pessoalmente, convivo pessoalmente, e eu sei que todo mundo tem vontade de fazer, todo mundo quer fazer.

Mas nós temos um outro problema, Jucá, você que é líder no Senado, você que é líder no líder no Congresso, Ideli, você que é líder na Câmara... Nós temos um problema para resolver e não é um problema meu. Eu já estou terminando o meu mandato, eu estou um ano e meio faltando, um ano e meio. Eu estou com saudade (incompreensível). Não é um problema meu, o problema, sabem o que é gente? O problema é que nós, nesses anos todos, porque a gente não tinha dinheiro para fazer investimento, porque quem já foi governador aqui sabe que nós passamos pelo menos dez anos sem que os



governadores e os prefeitos tivessem chance de ter um investimento público federal, nem financiamento, porque o BNDES não tinha nada, o Fundo de Garantia estava em decadência e muito menos dinheiro do Orçamento Geral da União. Foram dez ou mais anos e isso acumulou problemas sérios. O Estado executor começou a falir e o Estado fiscalizador começou a crescer. Então, hoje, é um paradoxo: nós temos um Estado fiscalizador altamente bem remunerado e um Estado executor pessimamente remunerado. Agora, de quem é a culpa? A culpa é nossa. Nossa, que um dia fomos deputados, que um dia fomos senadores, que um dia fomos prefeitos, que um dia fomos governadores, nós contribuímos para que chegássemos à situação em que nós estamos.

Eu tenho agora assistido, companheiros, tenho assistido, de forma minuciosa, toda semana, às obras do PAC. Ontem passamos o dia pegando as obras habitacionais, o dia. Estado por estado, cidade por estado [cidade], porque não faz tal coisa, porque deixou de sair, mas o dinheiro está disponível a não sei quanto tempo, mas falta isso, falta... Tem sempre uma vírgula que impede de a coisa acontecer, sempre uma vírgula. E aí também não procuremos culpados, que nós também costumamos culpar sempre o que está à nossa frente. Às vezes, a culpa é de todos nós, porque nós precisamos colocar um jeito de melhorar, um jeito de fazer com que... Olhem, as obras não podem parar, vocês querem fiscalizar, vamos abrir processo, qualquer coisa. Mas eu não posso parar uma obra, porque o custo de eu paralisar uma obra durante sete meses é, quem sabe, maior do que o valor que a pessoa entendeu que a obra estava superfaturada... quem sabe é maior.

Agora, ao mesmo tempo, eu acho que tem que ter fiscalização rígida. Agora, fiscalização rígida e séria é diferente de fiscalização pura e irresponsável, por “n” coisas. Mesmo entre nós, às vezes a demora de um companheiro apresentar um projeto, gente, é uma coisa lastimável. Você tem dinheiro, tem o povo necessitado, está o lugar para consertar e, às vezes, um



projeto demora um ano para acontecer.

Eu tenho, com muita educação, pego o telefone, ligado para governador: “Companheiro, a obra está atrasada aí, o que está acontecendo?”. E, às vezes, não depende dele, às vezes depende de uma ação judicial, às vezes precisa derrubar uma liminar, às vezes... Eu não vou ficar aqui enumerando, porque todo mundo sabe o que eu estou falando aqui. E a imprensa, é bom procurar descobrir do que eu estou falando, logo, logo. Porque nós precisamos dar um jeito. Nós precisamos consertar, quem é prefeito sabe do que eu estou falando... O metrô de Salvador – pelo amor de Deus –, o metrô de Fortaleza, o metrô de Belo Horizonte... É uma coisa que... parece um metrô puxado a tartaruga, e não é por falta de dinheiro, é porque sempre aparece uma coisinha para dizer: “olha, aqui tem um erro. Para”.

Então, eu acho que nós, na hora em que o Marcio anuncia 4 bilhões e 700 milhões, para macro-drenagem, que é uma coisa extremamente importante, e já anuncia que em agosto vai ter mais 3 bilhões e “não sei das quantas”, é importante que os projetos estejam prontos, dediquem espaço e tempo para a construção dos projetos.

E eu queria pedir aos prefeitos novos: pelo amor de Deus, constituam um comitê gestor, um conselho gestor, coloquem o melhor cara que vocês tiverem só para cuidar daquilo. Porque, se ficarem nesse lengalenga de que: “Olha, eu telefonei para o presidente Lula, o presidente Lula disse que depois ia me ligar, mas ia falar com a ministra Dilma, que ia falar com o ministro Geddel, que ia falar com o ministro Marcio e que depois ia pedir conselho não sei a quem para sair”, ou seja, passa o ano e não libera. Coloquem alguém para todo dia estar cobrando, todo santo dia.

Sabem por quê? Nós precisamos combinar, nesse momento em que a gente não está preocupado em fazer superávit primário, em que a gente não está preocupado em deixar de gastar o dinheiro em boas coisas, por conta da crise mundial, aproveitem, porque, olha, eu vou contar para vocês: eu não sei



se daqui a cinco ou seis anos, daqui a dez anos, vai ter a mesma facilidade de dinheiro que tem agora. Não pensem que esse dinheiro é de graça, não, porque nessa crise agora eu poderia não estar anunciando isso. Eu poderia falar: “vamos guardar esse dinheirinho aqui e não vamos anunciar”.

Acontece que eu estou preocupado em gerar emprego. E quando eu vejo uma obra de 400 milhões, 300 milhões, 200 milhões, 30 milhões parada há oito meses, há nove meses, há um ano, imaginem como é que eu fico. Não posso falar, porque a imprensa vai escrever. Porque antes não fazia porque não tinha dinheiro, mas agora tem dinheiro.

Então, eu queria pedir a compreensão de vocês para a necessidade e para a urgência que nós temos, de fazer essas obras acontecerem. Ninguém aqui tem culpa, individualmente. É um conjunto de coisas que nós fizemos, ao longo de duas décadas, que fez com que a gente chegasse nessa situação. E quando eu falo, eu falo de divergências dentro do governo. Ontem eu tive uma reunião com vários ministros. Dentro do governo você tem problemas: um entende assim, outro entende assim, um é de fiscalização, um é de execução, um é de “não sei das quantas”. E aí fica... Em vez de sentarem à mesa, tomarem uma cerveja e resolverem, não, fica passando meses para resolverem, meses. E isso...

Olha, eu que conheço a companheira Dilma, que sei a capacidade de trabalho dela, e estou dizendo dessa dificuldade aqui, você imagina alguém que governe este país, que não tem essa preocupação, alguém que só anuncia. Porque anunciar as coisas é mais fácil. Eu cansei de ver gente anunciar: “porque vamos dar 10 bilhões não sei para quem”, chegava no final do ano, a gente ia ver e não tinha saído nada. Por conta dessas coisas todas que acontecem. E nós estamos ali em cima.

Bem, dito isso, companheiros, é um apelo. É um apelo para que vocês, que estão felizes aqui porque têm um pouquinho de dinheiro para fazer uma obra estruturante no município de vocês, é um apelo para que vocês, quando



chegarem na cidade coloquem alguém, o mais competente, o mais trabalhador que vocês tenham, para cuidar desse projeto até desvendar licença prévia, projeto executivo, projeto básico, ou seja, quando desvendar tudo, que a picareta começar a “comer fogo” lá, aí pronto, começou a obra, vai ter emprego gerado.

Eu, um dia, vou convidar alguns companheiros para verem uma sessão do PAC, que a gente se reúne. Para ver o tipo de cobrança que a gente faz. E eu ligo para os meus companheiros: gente, vamos fazer! A obra tal está precisando de fazer, está sem água na cidade. (incompreensível) está parada há três meses, quatro meses, cinco meses. Porque teve um probleminha ali, teve um problema acolá. Nós temos que consertar isso.

Outra coisa, companheiros, é que vocês viram a fala do companheiro Geddel. Esse negócio de emergência é muito complicado, porque emergência a gente nunca sabe onde vai acontecer e com quem vai acontecer, mas ela acontece. Eu duvido que tenha neste país um prefeito ou um governador que diga que em uma dessas coisas de intempéries a gente faltou com atenção, independentemente de partido. Aí também não quero saber nem se é corinthiano, não quero nem saber. Eu quero saber o seguinte: nós não podemos brincar com isso. Agora, muitas vezes também, um companheiro que fala que está com problema de emergência, não apresenta sequer um documento. Então, não tem como o ministro... o dinheiro não é do ministro, não é nosso. Nós não podemos pegar o dinheiro e dar: “morreu gente lá em São Bernardo do Campo, toma o dinheiro, Marinho”. Não tem como dar, ele tem que apresentar justificativas para que a gente possa fazer isso.

Eu sou testemunha de que esse pessoal tem trabalhado de forma extraordinária. Tem gente que fala: “Santa Catarina recebeu muito”. Recebeu porque a catástrofe em Santa Catarina, sozinha, foi maior do que a de muitos outros estados juntos.



A última coisa, companheiros, é que vocês, tanto quanto eu, leram os jornais de hoje e vocês viram que o PIB foi de 0,8% no primeiro trimestre, em relação ao último trimestre do ano passado. Eu fiquei triste porque a gente vinha em um crescimento tão extraordinário de 5%, 6%, estávamos em uma situação tão boa, não é, Paulo Bernardo? E de repente, vem uma crise causada pelos países ricos e nos traz os transtornos que essa trouxe. Mas ao mesmo tempo que eu achei que é uma coisa ruim, o dado concreto é que o PIB cresceu menos do que eu queria, ele decaiu mais do que eu queria, mas ele decaiu menos do que foi pronunciado durante os últimos três meses por especialistas. Todo mundo dizia que ia ser uma catástrofe, era 4%, era 5%, não foi. Quem é governador, quem é prefeito, quem é... sabe que há sinais enormes de recuperação da economia brasileira. Eu continuo acreditando, pelos números, que nós somos o último país a entrar na crise e que vamos ser o primeiro a sair da crise. E certamente vamos sair mais fortalecidos. Os investimentos que o governo está fazendo é um dos instrumentos de combate à crise. Imaginem vocês, o IBGE disse que o gasto do governo cresceu 2,7%. o consumo do governo cresceu 2,7%. Imaginem se o governo também tivesse entrado em crise e parado de contratar obras, parado de fazer as coisas que tinham que ser feitas.

Então, eu queria pedir a compreensão dos companheiros prefeitos e governadores, para terminar aqui, pedindo: eu não vou pedir para vocês fazerem nada que vocês cometam qualquer ato de ilegalidade ou de irresponsabilidade. Mas não tem outro jeito para a gente sair dessa crise mais rápido [do que] se a gente não fizer investimentos em obras mais rápido. E todo mundo que quiser tem duas hipóteses: primeiro, o dinheiro é do governo federal, é só apresentar as coisas para o dinheiro ser liberado (incompreensível) não tem jeito de não liberar. Esse governo (incompreensível) para poder liberar verba para os prefeitos e governadores fazerem as obras. Segundo, nós estamos sobretudo preocupados com as obras estruturantes



para as cidades. Eu confesso a vocês... o projeto Minha Casa, Minha Vida... quando é, (incompreensível), que a gente vai ter a última avaliação do projeto Minha Casa, Minha Vida? Todo mês eu quero saber como está. Nós temos dinheiro para financiamento, temos dinheiro para garantir um milhão de casas neste país. O desafio é saber se a gente vai ter competência de fazer essas casas.

No mais, companheiros e companheiras, eu queria pedir para vocês: torçam pelo Brasil amanhã, depois torçam pelo Corinthians contra o Internacional... tô vendo pouquinha gente, tô vendo pouquinho Colorado aqui neste pedaço, vi duas mãozinhas levantadas aí, o que não me abalou...

Mas eu queria, sobretudo, desejar para vocês um bom final de semana. Para quem é casado, para quem namora, um bom Dia dos Namorados, não esquecer nunca das obrigações de vocês como namorados, e as namoradas não esquecerem nunca das obrigações delas com os mortais, comuns, que somos nós do sexo fraco aqui, que tanto precisamos de apoio.

E dizer para vocês: boas obras e bom final de semana. Um abraço, queridos.

(\$211A)



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à
Marinha, por ocasião do 144º aniversário da Batalha Naval do Riachuelo –
Data Magna da Marinha**

Brasília-DF, 10 de junho de 2009

É com muita honra e júbilo que comemoramos neste 11 de junho, Data Magna da Marinha, o 144º Aniversário da Batalha Naval do Riachuelo. E assim homenageamos os destemidos brasileiros que em 1865, sob o comando do Almirante Francisco Manoel Barroso da Silva, enfrentaram a ameaça estrangeira e defenderam o País com bravura e, em alguns casos, com o sacrifício da própria vida.

Exaltemos, neste dia, o Chefe-de-Divisão Barroso, o Guarda-Marinha Greenhalgh, o Imperial Marinheiro Marcílio Dias e os muitos outros heróis que, anonimamente, contribuíram para a nossa vitória. Que seu legado de coragem, abnegação e patriotismo continue a inspirar as atitudes e ações de todos nós.

Como já me manifestei em outras ocasiões, manter as Forças Armadas prontas a exercer seu papel constitucional, garantindo a soberania e os interesses pátrios e cooperando com a inserção político-estratégica do país junto à comunidade internacional são fundamentais para o presente e para o futuro do Brasil.

É nesse contexto que reafirmo o meu compromisso de garantir a capacidade operativa de nossas Armas como um fator indispensável para o desenvolvimento do nosso País. Tal visão faz parte da Estratégia Nacional de Defesa, que balizará a obtenção dos meios e equipamentos necessários para atuarmos com ainda mais eficiência no Atlântico Sul e nos pontos significativos de nosso território, especialmente a Amazônia.

A verdade é que a Força Naval brasileira já vem passando por um período de notável evolução, propiciada pelos recentes investimentos feitos



pelo Governo. Dentre eles destacam-se os esforços para nos mantermos na vanguarda da tecnologia militar, como é o caso da parceria acordada com a França em dezembro do ano passado.

O desenvolvimento e a construção de um submarino com propulsão nuclear, com contribuição francesa na parte não sensível, será uma conquista sem precedentes. E os benefícios decorrentes de tal feito influenciarão positivamente a nossa Base Industrial de Defesa.

Na qualidade de Grão-Mestre da Ordem do Mérito Naval, aproveito a oportunidade para cumprimentar os agraciados com a mais alta comenda da Marinha. Estou certo de que tal distinção será um motivo de orgulho para todos. Será, especialmente, o reconhecimento pelo muito que já fizeram e que ainda poderão fazer por essa Instituição que tanto honra a todos nós brasileiros. E que durante sua existência, de mais de 270 anos, prestou e tem prestado excelentes serviços ao País.

Finalmente, conclamo a todos os militares e civis, homens e mulheres, da ativa ou da reserva, para que continuem somando esforços para o engrandecimento da nossa Marinha e do nosso querido Brasil. O trabalho que vem sendo conduzido contribuirá para o progresso de nossa sociedade e deixará uma sólida herança para as gerações vindouras.

Sejam muito felizes!

(\$212)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade de assinatura do ato de criação do campus de Saúde da Universidade Federal de Sergipe

Lagarto-SE, 12 de junho de 2009

Meu querido companheiro, governador do estado de Sergipe, Marcelo Déda,

Meu querido companheiro, ministro da Educação, Fernando Haddad,

Meu companheiro Belivaldo Chagas, vice-governador do estado de Sergipe,

Meus amigos e companheiros senadores, Antônio Carlos Valadares e Almeida Lima,

Companheiros deputados estaduais, Eduardo Amorim, Iran Barbosa, Jackson Barreto, Jerônimo Reis, e também o Valadares Filho,

Meu caro professor Josué Modesto dos Passos Sobrinho, reitor da Universidade Federal de Sergipe,

Senhor Valmir Monteiro, prefeito de Lagarto, em nome do qual saúdo todos os prefeitos aqui presentes,

Vereador Wilson Fraga de Almeida, presidente da Câmara de Vereadores. Em nome dele também quero saudar todos os prefeitos aqui... todos os vereadores presentes,

Quero cumprimentar o Antônio Dorea, presidente da Associação de Prefeitos da região Centro-Sul de Sergipe,

E também cumprimentar o companheiro João Daniel, que falou aqui em nome dos trabalhadores rurais,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu vou ser muito breve desta vez porque eu tenho que cumprir a



agenda, e hoje é Dia dos Namorados, eu tenho que ir para casa. Ninguém é de ferro, não é, meu caro?

Eu queria dizer para vocês, companheiros e companheiras, que é uma enorme alegria vir a Lagarto dar o pontapé inicial na construção de uma universidade, de uma extensão universitária. Porque o dinheiro que a gente não quiser gastar com Educação, a gente vai gastar daqui a dez ou 15 anos em cadeia. Se você não investe na Educação, as crianças de hoje poderão estar em situação muito delicada daqui a 15 ou 20 anos. Então, cada escola que a gente construir, é uma cadeia a menos que nós precisamos construir, porque vamos dar oportunidades às pessoas de fazer a sua formação profissional e viver dignamente sem precisar cair na criminalidade ou na bandidagem. Muito mais quando nós decidimos tirar o atraso que o Brasil tinha com relação à educação. Vocês estão lembrados que uma primeira medida que nós tomamos há muito tempo – 2004, Fernando Haddad? – quando nós colocamos... o ministro Fernando Haddad anunciou que as crianças iriam entrar na escola a partir dos seis anos de idade. Antes, as crianças entravam a partir de sete. O que acontecia no Brasil? Uma criança, filha de classe média, que tivesse uma pré-escola aos seis anos de idade, fosse para a escola normal aos sete anos e se sentasse no mesmo banco com uma outra criança que não tinha feito nenhum cursinho na pré-escola, uma parecia ser mais inteligente do que a outra, quando na verdade uma teve mais oportunidade do que a outra. Quando nós reduzimos para seis anos e aumentamos para nove anos a presença das crianças no ensino fundamental, era porque a gente queria criar igualdade entre todos os setores da sociedade. Mas a gente não parou nisso.

A partir do ano passado, nós começamos a fazer parcerias com prefeitos para fazer investimentos em creches, para garantir que as mulheres que trabalham tenham onde deixar os seus filhos quando elas saem para trabalhar. Já foi feito um convênio com mais de mil prefeitos e nós faremos convênios com tantos prefeitos que [queiram] fazer o convênio. Nós damos o dinheiro



para construir a escola e o papel do prefeito é apenas administrar a escola. Fazer uma coisa para dar às crianças pobres do Brasil o mesmo direito que as crianças ricas já têm. É dar o mesmo direito, nada mais ou nada menos. Não queremos tirar nada de ninguém, queremos apenas dar para o pobre o mesmo direito que o rico tem de estudar em uma escola de boa qualidade neste país. Eu acho que alguém ainda vai fazer um estudo e vai divulgar por que no Brasil se passou tantos anos sem investir corretamente em Educação.

Por que durante tanto tempo o Nordeste era considerado a parte ruim do Brasil? Se você pegasse qualquer estatística do IBGE, Marcelo Déda, e fosse analisar quantos doutores tinha no Nordeste, era muito menos do que tinha na região Centro-Sul do País. Se você fosse pegar quantos médicos por habitante tinha no Nordeste, era menos do que no Sudeste. Se você fosse pegar pesquisadores, o Nordeste tinha muito menos. Então, o Brasil era um país desigual, e ainda falta muito para a gente resolver. Mas o Brasil tinha tudo para o Centro-Sul e nada para o Nordeste ou para o Norte.

Eu não sei se vocês viram na televisão, esta semana, um debate sobre a Lei Rouanet. A gente quer levar o dinheiro da Lei Rouanet para todo o País, porque agora ele é quase todo para São Paulo e Rio de Janeiro. Nós não queremos tirar nada de São Paulo nem do Rio de Janeiro, porque são dois estados muito importantes para o Brasil, mas nós queremos estender os direitos da Lei Rouanet para que a gente possa levar todos os investimentos em cultura também para os estados do País, do Norte e do Nordeste.

Aí, nesse debate, teve um cidadão, um artista, que disse assim no debate: “O governo está blefando. Esse negócio de levar cultura para o Nordeste, o Nordeste não vai nem saber preencher os documentos”. Então, você veja a noção, Marcelo, que alguns companheiros têm do Nordeste. E o que nós queremos? O que nós queremos é que não haja diferença de oportunidades entre o Nordeste, Centro-Oeste, Sul, Sudeste e todas as regiões



do País. Afinal de contas, somos todos brasileiros, todos filhos desta pátria, e nós precisamos, então, ter as mesmas condições.

Nós estamos fazendo isso na cultura, a imprensa sabe que nós estamos fazendo isso na distribuição da publicidade do governo federal. Não tem mais essa de fazer apenas em duas ou três emissoras. Vamos fazer em todas das cidades pequenas, onde tiver, nos jornais pequenos onde tiver, para que a gente possa garantir que a democracia seja exercida em sua plenitude.

É por isso que eu venho com orgulho aqui inaugurar. Esta universidade, este campus, vai demorar um ano e meio, dois anos, para fazer. Dinheiro não falta. Eu só queria pedir ao Magnífico Reitor e ao Governador que quando ela for inaugurada – em 2011, eu já não sou [serei] mais presidente – agora, eu gostaria de ser convidado para inaugurar, para participar da inauguração, porque também não é justo. Eu, que já vim aqui na Colônia 13, fazer campanha, na terra do Joel. O Joel foi vice-prefeito de Diadema, mas é um sergipano que me enchia os “pacotes” todo dia para vir a Lagarto. Pois agora estou em Lagarto, Joel, fique tranquilo.

Vejam, o Fernando Haddad disse uma coisa importante, gente: o que nós estamos fazendo na educação, no País, é uma coisa que deveria ter sido feito há 20 anos, porque as pessoas que presidiram o País deveriam ter muito mais inteligência do que eu, porque todas tiveram diploma universitário. Ora, por que precisa vir um metalúrgico que não tem diploma universitário, para fazer o que eles deveriam ter feito? Eu não consigo entender, porque todos eles são bem melhor formados do que eu. Todos eles sabem que a educação é importante, porque todos eles tiraram proveito porque estudaram.

Ora, o que eu acho que aconteceu? Eu, como não tive o direito de fazer uma universidade – porque não tinha condições de fazer – eu sei da preocupação de uma mãe ou de um pai com a formação de um filho. Não pensem que o pai de vocês ou a mãe de vocês pensam em deixar de herança para vocês dinheiro. Eles não querem deixar dinheiro, porque não têm. Eles



querem deixar é vocês com um diploma na mão, para vocês poderem ser gente em qualquer lugar do mundo que vocês forem. É isso o que pensa um pai e uma mãe.

Portanto, eu como consegui formar meus filhos – todos eles se formaram –, eu acho que a nossa decisão de fazer os filhos dos pobres se formarem é porque nós queremos que um filho de um sem-terra, que um filho de uma mulher que mora em um barraco... Primeiro, que deixe de morar em barraco, porque nós também aprendemos a fazer casas agora. Esse projeto Minha Casa, Minha Vida, vai ser 1 milhão de casas que vai ter que fazer, e só o Marcelo Déda está recebendo aqui... pode construir em Sergipe 11 mil casas, 11 mil casas.

Bem, companheiros, voltando à questão da universidade. Então, a minha ideia de fazer universidade é porque eu acho que a coisa mais sagrada, a coisa mais sagrada para um ser humano é ele estudar. Não tem nada mais sagrado, porque quando ele estuda, que ele fica preparado, ele fica dono do seu nariz, fica dono das suas atitudes. E se a gente ficar com medo: “não vamos gastar 3 milhões, 4 milhões, 5 milhões porque fica caro”, daqui a 30 anos você vai ter que construir três ou quatro cadeias para colocar as crianças que você poderia ter recuperado quando elas tinham tempo de estudar.

Quando a gente vê na televisão, em Sergipe, em São Paulo, no Rio de Janeiro, um jovem de 20 anos sendo preso, de 22, de 23 [anos], a gente tem que saber que aquele jovem cometeu um ilícito e ele tem que pagar. Mas a gente tem que saber que, muitas vezes, ele chegou a fazer o que fez porque na época em que a gente deveria dar oportunidade, a gente não deu nem oportunidade, nem esperança, e ninguém vive sem oportunidade e sem esperança.

E também, acabar com essa história de só fazer universidades na capital. É tudo na capital: o melhor hospital é na capital, a melhor escola é na capital. O povo do interior é gente, o povo do interior tem o mesmo direito. Por



isso é que, de vez em quando, algumas pessoas me criticam: “O Lula só pensa no Nordeste, o Lula só vai ao Nordeste”. Não é verdade. Como presidente da República, eu trato como filhos os 190 milhões de habitantes. Mas eu vou atender, e pode reclamar quem quiser, aquela parte do Brasil que foi, durante mais de um século, esquecida, tratada como se nós fôssemos de segunda categoria.

Nós vamos sair daqui agora e vamos inaugurar uma escola técnica lá em Aracaju. É uma escola técnica feita pelo governo do estado, mas em parceria com o governo federal. Eu estou muito tranqüilo, gente, sabe por quê? Porque o Valadares tem mais experiência política do que eu. (incompreensível) foi governador aqui do estado.

Eu duvido que na história do Brasil – falo isso sem medo de errar – eu duvido que em algum momento da história do Brasil os municípios já foram tratados com a decência com que são tratados pelo meu governo. Eu duvido! Eu duvido que alguém diga que não recebeu dinheiro do governo federal porque pertencia a outro partido político. O meu compromisso é mais sagrado, é mais sagrado. Os prefeitos sabem que nós... antigamente, prefeito ia a Brasília e era recebido por cachorros policiais. Eram recebidos [por] aquele pastor alemão, verdade? Agora, nós temos até dentro do Palácio do Planalto uma sala só para receber prefeitos. Temos na Caixa Econômica Federal, em cada capital, nas superintendências da Caixa Econômica Federal, um departamento só para atender prefeitos, orientá-los, fazer projetos. Já recebemos (incompreensível) prefeitos.

Antes de ontem anunciamos R\$ 4 bilhões para drenagem e, em agosto, (incompreensível) mais 3 bilhões nós vamos dar. Agora tem sempre gente achando que “a vaca vai para o brejo”. Tem sempre aquelas pessoas torcendo, torcendo, torcendo, torcendo: “O Lula precisa dar errado, o Lula não pode dar certo, o Lula precisa dar errado”. Quando, na verdade, eles deveriam é torcer para o Brasil dar certo. Deveriam torcer...



Eu não sei se vocês viram o programa de televisão do adversário nosso ontem, antes de ontem. Olhem, a verdade é esta, a verdade é esta, gente: Eles ficam nervosos porque um homem que, do ponto de vista da sociologia, não estava escrito que podia chegar ao poder, chega ao poder. E com muita competência de formar a equipe, e com muita competência de manter a amizade com o povo brasileiro, nós estamos fazendo um governo elogiado pelo mundo inteiro, pelo mundo inteiro. Então, isso não é competência minha, não. Isso é competência do povo deste país, que acreditou. O povo está com a auto-estima elevada, ninguém tem mais vergonha de dizer que é nordestino, que é negro ou que é brasileiro, nós temos orgulho de dizer, nós temos orgulho. Antigamente, as pessoas ficavam de joelhos para o FMI. Vocês viram que engraçado: esta semana eu emprestei US\$ 10 bilhões para o FMI (incompreensível).

As pessoas precisam entender que o Brasil mudou porque o povo compreendeu que o Brasil precisaria mudar. E o povo brasileiro sabe perfeitamente bem que a relação que nós estamos construindo entre o Estado e a sociedade, entre o governo e o movimento, nunca aconteceu neste país. E nós estamos criando um novo paradigma. Sou testemunha, Marcelo Déda, que o Nordeste brasileiro está com uma safra de governadores da mais extraordinária competência e qualidade. Meninos como você, meninos como o Jaques Wagner, como o Eduardo Campos, como o Cid, lá no Ceará, são pessoas que estão com a cabeça arejada, ajudando a gente a pensar o Brasil. Apenas alguns poucos ficam lá em Brasília remoendo, remoendo, remoendo. Quanto mais eles ficam bravos, mais eu fico tranquilo. Quanto mais eles ficam bravos, eu fico tranquilo. Qual é a minha consciência? A minha consciência a gente mede pelos investimentos em educação. O orçamento da educação dobrou de valor no nosso governo. Um ministro meu que falar de gasto em educação vai perder o emprego, porque educação é investimento puro, é um investimento que traz retorno na veia.



Veja, Marcelo Déda, nós fizemos o PAC da Ciência e Tecnologia. O Brasil nunca investiu muito em tecnologia. Nós fizemos um PAC e colocamos R\$ 41 bilhões para gastar, para investir até 2010. Sabem que o Brasil já passou a Rússia na produção de artigos de ciência? Já passou a Rússia, já somos o 13º país do mundo. E quanto mais a gente investir em educação, mais o Brasil vai dar um salto de qualidade. Por isso é que com a competência do Fernando Haddad, que é um ministro que tem surpreendido o Brasil... nós estamos fazendo quantos campi? Cento e um campi avançados, pelo interior do país, 12 universidades novas e quatro que estão no Congresso Nacional para serem aprovadas. E estamos fazendo 214 escolas técnicas profissionais. Só para vocês terem idéia, de 1909 a 2003, no Brasil, foram construídas 140 escolas técnicas, em um século. Em oito anos, nós vamos construir 214 escolas técnicas neste país, porque eu quero que cada menina e cada menino, ao terminar o ensino fundamental, tenha a possibilidade de aprender uma profissão, virar gente, ganhar um salário digno, viver dignamente com a sua família.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu quero dizer para vocês que o meu mandato está terminando em 2011 [no final de 2010], mas olhem... eu acho que está chegando a hora e a vez das mulheres, está chegando, eu acho... eu estou vendo que as mulheres estão querendo dar a volta por cima. Mulher... Então, fiquem tranquilos que nós vamos eleger quem vai ficar no meu lugar, para fazer mais do que eu fiz na educação, na saúde, ajudar mais o estado de Sergipe, porque nós aprendemos muito e agora nós sabemos o caminho das pedras para as coisas acontecerem no Brasil.

Eu quero, Prefeito, dizer para você que é uma alegria imensa e pedir desculpas a vocês todos. Eu estou vendo gente no sol há duas horas, e eu e o Déda tagarelando aqui, também durante duas horas.

Muito obrigado, que Deus abençoe cada homem e cada mulher daqui de Lagarto.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do Centro Estadual de Educação Profissional José Figueiredo Barreto e assinatura de contrato das obras da ponte sobre o rio Piauí

Aracaju-SE, 12 de junho de 2009

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe, e sua companheira Eliane Aquino,

Companheiros ministros Fernando Haddad, da Educação, e Luiz Barretto, do Turismo,

Senhora Leonor Barreto Franco,

Senhor Belivaldo Chagas, vice-governador de Sergipe,

Senadores Almeida Lima e Antônio Carlos Valadares,

Deputados federais Iran Barbosa, Jackson Barreto e Valadares Filho,

Meu companheiro prefeito de Aracaju, Edvaldo Nogueira, e senhora Danusa Silva,

Vereador Emmanuel Nascimento, presidente da Câmara de Vereadores de Aracaju,

Meu querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da BR,

Meu caro José Fernandes de Lima, secretário de Educação de Sergipe, em nome de quem cumprimento os demais secretários aqui presentes,

Nossa querida Maria Rosalvânia da Cruz Araújo, diretora do Centro de Educação Profissional José Figueiredo Barreto,

E nosso querido companheiro – olha que nome bonito que ele tem – Abi Custódio do Amor Divino. Com um nome desses, vai longe este menino.

Meus queridos companheiros e companheiras,

Na verdade, todos nós somos “o cara”. Eu acho que o que está



acontecendo hoje em Sergipe vai acontecer este ano em muitos municípios brasileiros, porque só neste ano nós temos cem escolas técnicas para inaugurar, só neste ano. Já inauguramos umas 30, faltam umas 70. Então, imaginem o seguinte, que em um ano nós vamos inaugurar 2/3 de tudo o que foi feito em cem anos.

A mesma coisa a gente fala para a universidade. Se todo presidente da República que passou pela Presidência da República desde a Proclamação da República tivesse feito quatro universidades ou três universidades, a gente não teria problema de universidade para colocar os nossos jovens. Acontece que o Juscelino fez bastante. O Juscelino deve ter feito mais de dez universidades. Está certo que uma grande parte em Minas Gerais, mas fez. Mas, de lá para cá, e antes dele, as pessoas tinham na cabeça que pobre não precisava estudar em universidade. As pessoas tinham na cabeça que: “Bom, eu já estou na universidade, por que eu vou me preocupar com quem não está na universidade?”. Eu, por exemplo, não tive oportunidade de estudar. Uma das razões era que, muito cedo, tinha que trabalhar para ajudar em casa. Agora, é exatamente pelo fato de eu não ter tido oportunidade de ter estudado, mas ter formado os meus quatro filhos, que eu acho que é justo a gente dar ao povo deste país a mesma oportunidade que tem a parte mais rica da população.

Uma outra coisa que me chamava atenção era por que o Nordeste era tão esquecido. Se você for olhar no campo da educação, você vai perceber que a maioria dos pesquisadores deste país está em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Os doutores, os mestres, a maioria está em Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. E o Norte e o Nordeste foram sendo esquecidos, porque eu acho que uma parte da elite imaginava que nordestino só gostava de ser pedreiro, só gostava de ser pedreiro. A coisa que mais me irritava era o pessoal em São Paulo olhar assim para aqueles prédios grandes e falar: “Isso aqui foi um nordestino que construiu”.



Ora, o que nós estamos fazendo é dizer para todo mundo que o nordestino não quer ser mais do que ninguém. Nós apenas queremos ser tratados como cidadãos e cidadãs de primeira classe, e não de segunda classe. Nós não queremos apenas ser pedreiros – mas também não temos vergonha de ser pedreiros –, mas nós também queremos ser engenheiros, nós queremos ser médicos, nós queremos ser arquitetos, nós queremos ser advogados, nós queremos ser economistas. Nós também, do Nordeste, queremos provar que nós poderemos nos desenvolver tão rapidamente quanto se desenvolveu o sul do País. E nós estamos começando agora, nós estamos começando agora. Nós vamos precisar de, pelo menos, 20 anos para que a gente possa tornar o Brasil mais forte, mais igual e que não haja tanta diferença regional como existe hoje. Vocês estão lembrados que quando nós assumimos o governo, nós tomamos a decisão de fazer com que o Nordeste brasileiro pudesse receber investimentos que até então não recebia. Por isso, nós resolvemos duplicar a BR-101, atravessando todo o Nordeste, para [que] o turista que for direto para a Bahia em um voo charter, correr [corra] todo o litoral, o cara que chegar em Pernambuco pode percorrer, o cara que vier a Sergipe pode percorrer, mas para isso tem que ter estrada. Se não tiver infraestrutura, não tem possibilidade.

Outra coisa importante que nós estamos fazendo são os investimentos nas universidades brasileiras. As escolas técnicas, eu acho que quando terminar o mandato, nós criamos [criaremos] um outro paradigma. Quem vier depois de mim governar o Brasil, não vai olhar para trás e ver números pequenos. As pessoas vão saber que um metalúrgico, sem diploma universitário, sem mestrado, sem doutorado, fez mais escolas do que os doutores que já governaram este país. E nós... também na universidade. Quando nós criamos o PAC, o PAC da Ciência e Tecnologia, o Brasil não tinha política de ciência, não tinha política de ciência e tecnologia, a gente não tinha um programa. No que a gente ia investir? Cada ministro que entrava fazia o



seu programa, o ministro ia embora e o programa acabava. Entrava outro, fazia um programa, o ministro ia embora, o programa acabava. O que nós fizemos? Nós fizemos, Marcelo Déda, o maior debate que já foi feito neste país sobre política de ciência e tecnologia.

Quando nós aprontamos o PAC da Ciência e Tecnologia... eu acho que vou passar para história como o único presidente da República que foi aplaudido por todo o Conselho Nacional de Política de Ciência e Tecnologia. O Programa não é do Lula, o Programa não é do Marcelo Déda e o Programa não é do ministro Sergio Rezende. O Programa é da comunidade que fez. Eu ainda criei uma comissão de cientistas para fiscalizar a aplicação do dinheiro, para ver se a gente consegue evoluir. Qual é o orgulho que eu sinto? O orgulho que eu sinto é que este ano o Brasil passou a Rússia na produção de artigos em revistas especializadas sobre Ciência e Tecnologia. Já somos o... passamos a Rússia e a Holanda, em uma demonstração de que o povo brasileiro não é inferior a ninguém. O que falta para nós, e faltava muito, era a gente se sentir, eu diria, com a autoestima lá em cima, era a gente acreditar que nós não somos inferiores a ninguém. Vejam que engraçado, aconteceu na minha vida: eu passei 20 anos da minha vida pelas ruas de Aracaju, de Recife, de Salvador, de Fortaleza, de Boa Vista, de Porto Velho, de São Paulo, do Rio de Janeiro, carregando uma faixa "Fora FMI", "Fora FMI". Nós não só não devemos nada ao FMI, como agora são eles que nos devem, porque nós emprestamos 10 bilhões para eles.

Essa virada acontece na medida em que o povo começa a acreditar em si mesmo, na medida em que o povo começa a perceber que não tem que ter complexo de inferioridade. Nós não somos inferiores a ninguém, nós somos iguais. Acontece que a elite brasileira sempre foi subordinada à elite americana e à elite europeia, ou seja, nós sempre achávamos que eles podiam as coisas e nós não. Eu aprendi no movimento sindical: nenhum interlocutor respeita o outro interlocutor se ele próprio não se respeitar. A chave da vitória de um ser



humano de um país é ele acreditar nele. Por que eu perdi três eleições e fui para a quarta para ser presidente? É que eu queria provar que eu tinha mais competência do que eles para governar este país.

Pois bem, nós estamos inaugurando uma escola. Esta escola aqui começou bem antes. Como disse o nosso companheiro Marcelo Déda, começou ainda no governo Albano Franco. O outro governo veio e parou. Eu poderia dizer para o Déda: sabe, Déda, eu não vou ajudar. Esta escola começou na época dos Tucanos, eu não vou ajudar. Não. Quando ele pediu, o governo federal, através do nosso companheiro Fernando Haddad, deu 2,8 milhões para acabar esta escola. Porque eu tenho a convicção de que na hora em que a gente tiver 960 jovens estudando aí, serão 960 jovens que estarão livres das drogas, de cair na criminalidade, na violência. Eu prefiro construir cem escolas do que construir uma cela na cadeia.

Aí a gente vai para as universidades. O que acontecia no Brasil? Eu fui na Caravana da Cidadania em 1994, 1992 e em 1991. O que acontece? Todas as universidades federais do Brasil – e eram poucas, eram 54 universidades, eram 43 universidades federais – todas elas nas capitais, como se, dentro de cada estado, a gente marginalizasse o povo do interior. Então, o jovem do interior, se quisesse estudar em uma faculdade, ele tinha que abandonar a família lá e vir aqui tentar encontrar condições de passar em um vestibular, e depois morar em péssimas condições porque tinha que pagar um aluguelzinho em uma pensão, e ficava tudo muito difícil. Eu comecei a pensar: por que não levar a faculdade até onde estão as pessoas em vez de trazer as pessoas onde está a faculdade? Por que não fazer?

Hoje é uma realidade: nós temos 12 universidades federais novas sendo construídas ainda; temos quatro propostas no Congresso Nacional para a gente criar uma delas, é uma universidade binacional, ou seja, Brasil e África, para que a gente possa ter metade dos estudantes africanos estudando aqui, e metade brasileiros; uma da América Latina, para que a gente possa ter alunos



latino-americanos, professores latino-americanos, e que o currículo seja um currículo não do Brasil, mas um currículo latino-americano. Essa também está sendo construída.

O que nós queremos dizer? É que a gente conseguiu, aos poucos, levar a universidade para o interior do País, e quando a gente leva a universidade para o interior do País, a gente leva desenvolvimento também. Por quê? Porque atrás de uma universidade vai um grupo de professores, de professoras, de estudantes. Daqui a pouco começa a crescer o comércio, daqui a pouco tem um hotelzinho, daqui a pouco alguém quer montar uma fábrica, vai procurar uma fábrica que tenha uma mão-de-obra altamente qualificada, e aí, essa combinação que nós estamos fazendo – mais de cem campi. Nós já fizemos mais... Ou melhor, até 2010, nós vamos fazer mais de cem extensões universitárias pelo nosso país afora e 214 escolas técnicas.

Não pensem que eu estou contente, não. Não pensem que eu estou contente. Eu vou fazer questão de eleger uma pessoa para assumir a Presidência deste país para fazer mais do que eu, porque nós mudamos o paradigma. O paradigma não vai ser de 140 escolas em cem anos. Vai ser de 214 em oito anos. O paradigma vai ser muito maior e eu já disse aos meus ministros: [no] dia 31 de dezembro, todos eles vão ter que me entregar tudo o que eles fizeram em oito anos, cada centavo que eles investiram, cada centavo que gastaram, cada tijolo que foi colocado em alguma obra. Eu quero que cada ministro vá ao cartório, registre o que fez, porque eu quero entregar para as universidades, para os sindicatos, quero entregar para os deputados, para os senadores e, sobretudo, entregar na mão da pessoa que vai me suceder: olha, isso aqui, toda vez você leia, porque você tem que fazer mais do que eu. Porque o paradigma mudou.

Eu não falei aqui do ProUni. Você sabe quantos alunos tem do ProUni, aqui, Dedé? Uns 4 mil, 5 mil? Veja se no meu discurso fala alguma coisa de ProUni aí? Eu trouxe um discurso por escrito aqui, mas Déda falou a metade



dele, Fernando Haddad falou a outra metade e eu falei: eu não vou falar do ProUni, não. Mas olhem, o ProUni é uma idéia extraordinária do Fernando Haddad. O ProUni foi um jeito que nós encontramos de garantir aos pobres da periferia deste país o direito de fazer um curso. Vocês sabem que nós fizemos a isenção de alguns impostos e fizemos a troca do valor do imposto por uma vaga para um jovem, desde que fosse um jovem que tivesse feito o ensino fundamental e o segundo grau em escola pública. Aí acertamos. Teve muita gente contra, viu, Déda? Muita gente contra. Achavam que a gente estava dando dinheiro para a escola privada, que a gente estava retrocedendo. Eu quero agradecer aos companheiros da UNE que eu vi por aqui, com as bandeiras, porque sempre a UNE esteve do nosso lado, cobrando, mas também brigando contra aqueles que não queriam que fizesse [fizéssemos].

Ora, qual é o milagre, hoje? O milagre, hoje, é que nós temos 742 – ou 41 – mil alunos da periferia fazendo universidade hoje, dos quais metade são meninas e meninos negros deste país que não tinham oportunidade de estudar, e aí disseram que esses alunos iriam baixar o nível da educação, porque eram da periferia. Quando o MEC fez, dois anos depois, no ano passado, ele fez a aferição, em 14 cursos, os melhores alunos eram os alunos do ProUni, eram os meninos pobres da periferia.

Então, isso prova o quê? Isso prova que as pessoas precisavam apenas de uma oportunidade. O ser humano, na medida em que tem oportunidade e ele não perdeu a esperança, ele vai embora. Quando a gente vê na televisão, todos os dias, aquele jovem sendo preso, aquele jovem sequestrando, aquele jovem fazendo barbaridade, você pode ver que é tudo jovem de 20 anos, 22, 23, 24, não tem ninguém de 40 anos, de 50 anos. Sabem por quê? Porque esta geração que está sendo presa hoje é a geração que não teve oportunidade nos anos 80, nos anos 90, é a geração que não pôde estudar, é a geração do desemprego deste país, é a geração da falta de oportunidade, e aí um moleque desses, por desespero, cai no crime.



Por isso que nós criamos o ProJovem. O ProJovem, nós temos a ideia de, até 2010, tirar 4 milhões de jovens das ruas, jovens que têm entre 17 e 24 anos, que pararam de estudar, nós queremos trazê-los para eles terminarem um curso e aprenderem uma profissão. Em vez de ir para a bandidagem, vão para o escritório trabalhar, vão para o comércio trabalhar, vão viver dignamente.

Por isso, Marcelo Déda, eu estou feliz de estar aqui hoje, feliz. Cada vez que eu inauguro uma escola, eu sei que é uma cadeia a menos que vai ter que ser feita neste país, ou uma cela a menos. E cada vez que eu inauguro uma escola, Déda, eu acho que o futuro do Brasil está se garantindo, porque daqui a algum tempo não vai valer apenas o fato de a gente ter muito minério, ter muita floresta. O que vai valer é que a exportação será exportação do conhecimento, da sabedoria, da competência tecnológica de um país e, por isso, nós precisamos nos preparar para isso.

Quero terminar dizendo a todos vocês... Eu vou falar: veja, Marcelo Déda vai receber, vai ter a chance de pegar financiamento para construir, se tiver perna para construir... vão ter 11 mil casas para ele construir aqui. O projeto Minha Casa, Minha Vida é um projeto para construir 1 milhão de casas populares, das quais quase metade é para quem ganha até três salários mínimos, que [são] as pessoas que [não] podem pagar mais. O Programa, Marcelo, talvez seja o programa mais bem feito na história do Brasil. Porque hoje uma pessoa que compra uma casa, se ela está pagando aluguel – se a prestação da casa nova for R\$ 200,00 e ela estiver pagando R\$ 200,00 de aluguel – ela não pode pagar porque ela está pagando aluguel. Nesse novo programa, a pessoa só vai pagar a casa quando pegar a chave e entrar dentro dela e não vai precisar pagar mais [aluguel]. Então... E nós poderíamos fazer mais se... Quero dizer e quero agradecer a vocês também porque o movimento nacional de moradia ajudou a construir o Programa, foram ouvidos e tem uma parte do dinheiro que são vocês mesmos que vão ter que fazer as casas.



Então, Déda, eu acho que saio daqui hoje... vou chegar em casa às 8 horas da noite – eu vi vocês se beijando, eu vi o Edvaldo beijando – e eu vou chegar em casa, vai ter um pau de macarrão me esperando, porque todo muito fez um feriado prolongado e eu resolvi trabalhar. Mas não é só o Déda que está chateado, não, que tinha até viagem marcada, o Edvaldo... iam passear, porque é um direito de feriado prolongado. Mas eu também não tinha outro dia para vir aqui, porque amanhã à noite eu viajo para Genebra, depois eu vou à Rússia, depois eu vou ao Cazaquistão. Então, eu não poderia vir em outra data aqui. Peço perdão aos namorados e vocês peçam para a Marisa me perdoar na hora em que eu chegar em casa.

Gente, olhe, está chegando o momento em que vocês vão ver as pessoas falarem muita bobagem na televisão. Tinha gente que estava pensando que o Brasil ia quebrar porque... vocês sabem um jogador que está no banco de reservas, em um campo de futebol? Eu fico imaginando que tudo em que ele está pensando é que o outro que está jogando se machuque para ele entrar. O cargo de presidente da República é o cargo mais importante do País. Nós somos 190 milhões de habitantes, mas só um pode chegar, a cada quatro anos.

O que aconteceu no Brasil? É que os meus adversários imaginavam que pelo fato de eu não ter a quantidade de anos de escola que eles tiveram, que eu ia ser um fracasso e que, portanto, eles iam voltar. Então, Déda, eu confesso que o meu orgulho é de saber que os meus adversários tiveram a mesma oportunidade que eu tenho. Governaram... alguns governaram 500 anos este país.

Eu só queria pedir aos adversários do Déda [para] deixarem o Déda governar os quatro anos dele. Déda, não bata boca à toa, Déda, não bata boca. Deixe o adversário gritar, porque este estado também... este estado sempre foi tratado, por alguns governantes, que achavam que o povo era rebanho, podiam levar para onde quisessem. Você é a oportunidade deste



povo se libertar pela primeira vez, deste povo votar livremente. Então, Dédinha, tenha paciência, não brigue, não perca sono, não perca sono, não brigue com a sua mulher por causa dos seus adversários, não brigue com o seu povo, com os seus filhos. Faz parte da política. A arte é paciência. Quando chegar a hora certa, nós vamos contar os tijolinhos para ver quem fez mais por Sergipe, se foi você ou se foram eles.

Portanto, eu quero terminar dizendo: Marcelo Déda, você é o cara!

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na inauguração das obras de recuperação do Quarteirão dos Trapiches Laranjeiras-SE, 12 de junho de 2009

Meu querido companheiro Marcelo Déda, governador do estado de Sergipe, e sua companheira, Eliane Aquino,

Companheiros ministros Fernando Haddad, da Educação; e Juca Ferreira, da Cultura,

Companheiro senador da República, Almeida Lima,

Companheiro deputado estadual, Iran Barbosa,

Nossa querida prefeita Ione Sobral, prefeita de Laranjeiras,

Companheiro Josué Modesto Sobrinho, reitor da Universidade Federal de Sergipe,

Vereadora Maria Brasilina Borges, presidente da Câmara Municipal,

Companheiro Luiz Fernando de Almeida, presidente do Iphan,

Companheiro José Airtton Batista, diretor do campus de Laranjeiras,

Nosso querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da BR Distribuidora,

Companheiro José Macedo Sobral, secretário do Trabalho de Sergipe,

Senhora companheira Eloísa Galdino, secretária de Cultura de Sergipe,

Senhor Carlos (incompreensível) de Souza, vice-presidente do (incompreensível) da Universidade Federal de Sergipe,

Companheiro Déda, companheiras – não sei se este som está funcionando, está perfeitamente bem – eu não tenho... depois de falar antes de mim uma quantidade de gente sabida como esta que falou aqui, eu fico pensando o que eu vou falar.

Eu, de vez em quando, Déda, fico pensando se as pessoas que



tivessem governado [governaram] o Brasil antes de mim, tivessem tido um pouco mais de preocupação com o Brasil. As pessoas falam muito em governar o Brasil quando, na verdade, o que nós temos que fazer é cuidar do Brasil, é cuidar do Brasil como a gente cuida da família da gente, fazendo com que todos sejam tratados de forma adequada. Agora, me parece que ao longo da história, as pessoas que chegavam ao governo... Nós já tivemos muitos advogados que chegaram ao governo, já tivemos usineiro, já tivemos gente muito letrada que chegou ao governo. Eu fico imaginando por que essa gente não fez as coisas certas que tinha que fazer, e ainda permitiu que se estragassem as coisas boas que a gente tinha. Por exemplo, vamos pegar este prédio aqui, e a gente olhar que este aqui estava igual a este aqui, e olha que o (incompreensível) ficou bonito. Virou um cartão postal da cidade de Laranjeiras. Vocês, agora, quando quiserem mostrar a cidade de vocês, vocês podem mostrar uma fotografia da Universidade Federal de Sergipe, campus de Laranjeiras, um prédio histórico, recuperado, bonito.

Mas, o que nós estamos fazendo no Brasil hoje, Déda, é recuperar o desmazelo de muita gente que governou este país nesses últimos cem anos. Por que a gente chega ao Rio de Janeiro, a São Paulo e a muitas cidades do Nordeste, e a gente encontra um monte de gente morando em favelas? Por que a gente encontra um monte de gente morando em situações totalmente inadequadas? É porque a verdade é que o pobre só é utilizado em época de eleição. Não tem nada que tenha mais valor do que um pobre em época de eleição. Em época de eleição, o candidato passa pelas ruas, ele cumprimenta até um companheiro que está com uma carrocinha catando papel nas ruas. Mas, depois das eleições, muita gente se esquece do pobre.

Esses dias eu fui a um encontro no Rio de Janeiro – eu estava contando isso para as pessoas. Aquele Complexo do Alemão, a Favela de Manguinhos, aquilo era tudo fazenda 50 anos atrás. Era fazenda. Por que se construiu uma favela tão imensa? O povo não gosta de morar mal. O povo adora morar em



um lugar bom, adora ter uma casa boa. Quem não quer ter? Mas me parece que as pessoas se esqueceram de que governar este país é a gente olhar para a totalidade do seu povo, e como uma mãe, que é o papel do governo. Dentro daquela família grande de 190 milhões de habitantes, a gente olhar com olhar de mãe e tratar daquela criança que está mais frágil. Se tem um gordo, forte, que está brincando, e tem um mais raquítico que está meio doentinho, de quem a gente trata mais? É do magrinho, que está mais fraco. No Brasil não era assim. No Brasil, quem era rico ficava cada vez mais rico, e quem era pobre ficava cada vez mais pobre.

Isso, também, a gente não consegue mudar em uma década, porque é um acúmulo de desmazelo de 500 anos, é um acúmulo de desmazelo de muitos anos. E, para que a gente possa recuperar isso, é preciso a gente esperar, quem sabe, 20 anos, 25 anos, com governos sucessivos, comprometidos com o povo, para a gente poder ter a mudança.

Aí é que eu quero explicar para vocês porquê o meu orgulho e a minha paixão com a [pela] Educação. Eu, de vez em quando, fico pensando por que pessoas tão importantes que passaram pelo governo do Brasil, pessoas letradas, pessoas que eram doutores, eram mestres, eram mais não sei... – tem tantos títulos – eu fico pensando por que eles não fizeram isso, por que não investiram na Educação. Eu vou explicar para vocês o sucesso da nossa política em Educação. Primeiro, nós temos que dar mérito ao ministro Fernando Haddad, que tem trabalhado com uma competência extraordinária, tem trabalhado com uma competência extraordinária. Eu jamais imaginei ele ministro da Educação. Ele poderia ser de qualquer outra área, mas não da Educação, e terminou... Por não ser meramente um professor, ele virou um... Acho que não vai ter na história um ministro que participou da construção de tudo o que nós estamos fazendo hoje neste país.

E estamos fazendo isso, sabem por que, meus companheiros e companheiras? Eu estava olhando a cara de vocês quando o Fernando



Haddad estava falando, e eu comecei a me lembrar de quando eu tinha a idade de vocês. Quando eu tinha a idade de vocês, muito tempo atrás, eu já tinha a certeza de que eu não ia conseguir fazer universidade. A gente já sabia. Quem nasce no meio dos ricos pode até fazer pós-graduação na Europa. Mas quem nascia no meio dos pobres, no Brasil, já sabia que o máximo que ele poderia fazer, no caso de um milagre, era o pai ter dinheiro para pagar um curso em universidade particular, porque nas públicas ele não conseguia entrar nunca.

Como eu tinha vontade de fazer universidade e não consegui fazer, eu acho... Cada vez que eu olho para vocês, eu fico pensando: vocês têm que ter aquilo que eu não tive, vocês têm que ter aquilo que eu não tive. Cada pobre deste país, cada cidadão de classe média, cada empresário que tem filhos, tem o direito de colocá-los na universidade. A universidade não é berço para ricos. A universidade é o lugar que vai garantir a igualdade de oportunidades para homens e mulheres do interior e da capital. Garantir, verdadeiramente, que os pobres possam estudar.

E aí aconteceu o primeiro milagre, o Prouni. Não sei se aqui tem aluno do Prouni. Mas o Prouni hoje já tem 545 mil alunos e metade deles são meninas e meninos negros, coisa que era rara. Eu acho que tem mais negros e negras estudando hoje nas universidades brasileiras do que durante todo o tempo da descoberta do Brasil, porque era quase proibido chegar à universidade. Então, o Prouni já tem 545 mil alunos e a nossa expectativa é que chegue a 720 mil alunos até o final do ano que vem.

O Reuni, o reitor teve que trabalhar muito para que a gente aqui fizesse Reuni. Tinha alguns poucos jovens que não queriam que nós fizéssemos o Reuni. O que era o Reuni? Era um acordo que nós fizemos com as universidades federais para que a gente elevasse a média de alunos, por professor, de 12 para 18. E tinha uns poucos estudantes que quebraram reitorias em São Paulo, quebraram reitorias, não sei se aqui em Sergipe, mas quebraram reitorias no Rio de Janeiro. Quebraram reitorias porque eles



achavam que era demais 18 alunos por sala de aula. Como eles já tinham chegado, eles não queriam que os outros chegassem. E nós queríamos que os outros chegassem à universidade, que tivesse a chance de os pobres chegarem à universidade pública. E o que aconteceu? O número que o Fernando Haddad deu para vocês e o que o nosso companheiro que representou os estudantes falou aqui: nós tínhamos 113 mil vagas por ano de renovação nas [universidades] federais. No ano que vem já serão 227 mil, ou seja, mais do que o dobro daquilo que entrava na universidade.

Eu acho que nós temos que investir mais em educação. Por isso é que no governo foi proibido a gente utilizar a palavra “gasto” com educação, foi proibido. Cada ministro sabe que ele tem que ter consciência de que o investimento de mais retorno é a educação, porque estaremos investindo na inteligência do ser humano, na formação de profissionais que depois vão servir à nação brasileira, por isso que nós estamos apostando na Educação. Eu sei o que é um homem sem profissão. Ele parece um ser humano igual a todos nós, mas um cidadão que não tem informação “come o pão que o diabo amassou” quando vai procurar emprego. Imaginem um cara sem educação, vai procurar emprego, chega na porta da loja, da fábrica, o diretor de Recursos Humanos pergunta: “O que você sabe fazer?” “Nada”. Ou ele fala: “De tudo um pouco”. Também é nada. Então, o cidadão precisa aprender uma profissão, sobretudo os jovens, que é o tempo em que a gente aprende com mais facilidade. Mas, muitas vezes também é o tempo em que a gente tem preguiça. “Ah, eu não vou estudar porque eu não estou com vontade”. Quem não estudar agora, vai se arrepender daqui a 20 ou 30 anos.

Nós, cada vez que inaugurarmos uma escola como esta, iremos ter menos necessidade de criar uma cadeia na cidade de Laranjeiras, em Aracaju ou em qualquer outro lugar. É uma aposta que nós estamos fazendo. É trocar os investimentos que se fazia em cadeias, no futuro, para a gente investir em Educação, formar as mulheres brasileiras... Eu estou vendo aqui os nossos



jovens do ProJovem, estou vendo aqui... Com esse programa do ProJovem, nós queremos tirar 4 milhões e meio de jovens brasileiros, meninas e meninos, que têm de 17 a 24 anos, que pararam de estudar e que nós queremos trazer de volta para a escola, pagando uma ajuda para eles e formando-os profissionalmente. Se Deus ajudar, a gente vai conseguir atingir os 4 milhões e meio de jovens que estão deserdados no Brasil.

Mas a formação profissional, que eu dou uma importância tremenda... Se a gente der uma profissão para uma mulher e para um homem, uma profissão boa, raramente essa pessoa vai ficar desempregada. Dentro do território nacional, em qualquer lugar que ela for e perguntarem “o que você sabe fazer?”, ela vai dizer: “Eu sou enfermeira, eu sou especialista em turismo, eu...” Se ela tiver uma profissão, o mercado para ela está garantido, e o que é mais importante é que a mulher fica mais independente. Ela não fica subordinada ao salário do marido, ela não fica subordinada ao salário do seu companheiro, porque uma mulher só pode morar com um homem porque ela gosta dele, porque ela o ama, e não porque ela precisa do dinheiro dele. Então, a profissão, para a mulher, é uma coisa sagrada. É elevar o nível de independência da mulher brasileira, e o dos meninos também. Um menino bem-formado vai arrumar emprego em qualquer lugar deste país.

Então, a aposta que nós estamos fazendo é fazer com que o investimento em Educação chegue ao interior, porque nós não podemos ver, como o Déda mesmo disse, um jovem com 17 anos terminar o 2º grau e não saber o que fazer da vida. Às vezes tem que ir para a capital para tentar a sorte no vestibular. Se der sorte e se estudou muito, passa. Aí, depois, não tem nem onde morar. Se ele é pobre e não pôde passar na federal, ele vai para a particular. Faz o vestibular e passa. Quando chega fevereiro, quando ele fica sabendo o preço da mensalidade, está fora da universidade.

Ora, meu Deus do céu, neste mundo, cada vez mais... Este mundo, cada vez mais... O mundo precisa de cada vez mais inteligência, o mundo



[está] cada vez mais automatizado, o mundo está hoje subordinado a uma engenharia eletrônica que a gente não imaginava que fosse existir tão rapidamente. Se a gente não preparar a juventude, o que vai ser do Brasil? O que vai ser deste país? Se vocês não estudarem, daqui a dez anos o que vocês estarão fazendo na vida? Nada, nada. Mesmo que cresça o estado, mesmo que cresça a economia, o mercado de trabalho está exigindo cada vez mais gente preparada. Antigamente, para pegar um servente de pedreiro, não se pedia nenhuma exigência. Mas hoje eles pedem o diploma de 2º grau, de 1º grau. Hoje eles pedem. Para alguma profissõozinha “merreca”, eles pedem até de 2º grau.

É por isso que nós estamos fazendo a combinação universidade com escolas técnicas profissionais, para que a gente possa formar nos dois ao mesmo tempo e a gente [possa] ampliar a possibilidade de oferta de mão-de-obra altamente qualificada para os vários setores do Brasil. Quando eu comecei dizendo “por que os outros não fizeram?”, é porque talvez os outros não tivessem [tenham] sentido na pele o que eu senti, de não ter um diploma universitário. Eles não sentiram na pele e não viveram o mundo que vocês vivem.

Por isso, Déda, eu acho... a grande coisa que vai acontecer depois de 2010 – pode vir aqui Marcelinho – o que vai acontecer? O que vai acontecer depois de 2010, Déda, é que nós criamos um outro paradigma, nós criamos um outro paradigma. Ou seja, acabou o tempo em que o Presidente da República não tinha que dizer o que fez. Agora não, eu vou chegar no dia 31 de dezembro, quando eu entregar o mandato eu vou entregar um pacote das coisas que foram feitas neste país, um pacote. Cada ministro vai ter que preparar... cada centavo que ele investiu, e vai ter que ir ao cartório, vai ter que registrar em cartório, para que eu possa entregar para todos os reitores das universidades do Brasil, para todos os dirigentes sindicais do Brasil, para cada parlamentar brasileiro, para cada governador e, sobretudo, para o sucessor,



sucessora talvez, quem sabe? Eu quero fazer isso porque quem entrar vai ter que olhar o que estava feito, e Deus queira que ele queira fazer mais do que eu. Deus queira que, em vez de 214 escolas técnicas, ele faça 500. Deus queira que em vez de 100 campi avançados, que ele faça 300. Quanto mais fizer, mais vai ser bom para o povo brasileiro.

E o Brasil, o Brasil saiu daquela fase em que nós éramos obrigados a nos entender como se nós fossemos cidadãos de segunda classe. O Brasil, cada vez que falava com a Europa ou com os Estados Unidos, o Brasil ia lá como se fosse um vira-lata, o Brasil não se auto-respeitava. E isso é muito importante, Marcelo, esse é o legado que a gente vai deixar para o povo. Vocês têm que saber que um cidadão brasileiro que tem apenas um diploma primário e um curso técnico chegou à Presidência da República. Por que eu cheguei e vocês não podem chegar? Eu cheguei pela perseverança, porque senão eu tinha desistido, perder três vezes não é fácil. Mas a cada vez que eu perdia eu achava que iria ganhar na outra, ganhei. Qual era o meu desejo? Era provar que inteligência não tem nada a ver com a quantidade de anos de banco de escola, são duas coisas distintas. Uma coisa é o conhecimento, e outra coisa é a inteligência. Eu queria provar que para governar este país você não precisa, necessariamente, ter um diploma universitário, porque este país tem que ser governado muito mais com o coração do que com a cabeça. Este país tem que ser governado para a maioria do povo que precisa. É para isso que o Estado existe, é para cuidar das pessoas mais necessitadas, sem esquecer dos outros, porque nós queremos governar para todos, mas nós temos que saber quem é o nosso horizonte, quem é a nossa orientação, para quem nós queremos governar, quem nós queremos ajudar. Nós queremos criar uma sociedade, não nivelada por baixo, mas uma sociedade nivelada por cima, onde todos possam, sem distinção, ganhar as (incompreensível).

O Marcelo Déda, quando eu vim aqui pela primeira vez, em 1985, era um menino. Foi candidato a prefeito em Aracaju. Falava que nem o diabo.



Falava... Naquele tempo, nem ele podia imaginar que ia ser governador de Sergipe, porque não era para nós. Governo era para os outros, era só para os outros. Nós só íamos assistir e bater palmas. Hoje ele está governador e eu estou presidente. Então, o povo aprendeu, e Deus queira que o povo aprenda muito mais, aprenda muito mais. E é para isso que a gente está fazendo escolas, porque se o cidadão tiver conhecimento, for inteligente e tiver sensibilidade, aí o Brasil estará arrumado para sempre. Não pensem que nós vamos parar, não. Nós estamos construindo, Déda... Tem mais quatro universidades para serem construídas, novas. Em vez de 12, seriam 16, não é isso, Fernando? Nós queremos fazer uma universidade, que vai ser feita lá na cidade de Redenção, no Ceará - onde foi a primeira libertação dos escravos - uma universidade entre o Brasil e o continente africano, com metade de estudantes brasileiros e metade de africanos.

Nós estamos fazendo uma também para a América Latina, uma universidade que vai ter estudantes de toda a América Latina, brasileiros, professores da América Latina e brasileiros, para que a gente faça uma mistura boa em toda a América Latina, para que a gente acabe com a fronteira. Nós temos que conhecer a história latino-americana, eles têm que conhecer a brasileira, nós temos que conhecer a da Argentina, do Peru. A gente fazer com que isto aqui seja um polo de integração, através da formação e qualificação de todos os jovens da América Latina.

Então, Marcelo Déda, quando eu venho a uma cidade como esta, vejo um prédio destes, e saber que na semana que vem os alunos já vão estar aí dentro estudando, Déda, eu fico pensando: a gente poderia ter feito uma fábrica aqui. Uma fábrica, você tem previsão: "a fábrica vai render 50 milhões por mês". Poderia fazer uma outra coisa qualquer, um restaurante... tem uma certa previsão. Agora, quando se [a gente] faz uma universidade, a gente não consegue medir o que essa universidade vai dar de retorno a Laranjeiras, a Sergipe e ao Brasil. A gente não sabe o retorno, porque a gente não sabe



quantos gênios vão sair dessa universidade. Deve ter muitos gênios, e aí vai vir atrás, lone... Atrás vem um hotelzinho, vem uma pensãozinha, daqui a pouco uma fábrica quer se instalar e quer saber onde é que tem mais conhecimento. Aí a cidade vai crescendo, a universidade vai exigindo mais, vocês, estudantes, vão fazer mais greves, nós vamos ter que aumentar mais prédios, daqui a pouco vocês estão reivindicando mais coisas... A democracia é exatamente isso e é por isso que ela é extraordinária.

Por isso, Juca, querido Juca, eu quero te dar os parabéns e ao Luiz Fernando, do Iphan, pela recuperação disto aqui, e vamos ver se a gente recupera este também. Vamos ver se a gente recupera este também, porque... O que eu fico perplexo é como os caras não fizeram nada novo e ainda deixaram estragar o que tinha. É isso que me deixa perplexo. Este é um começo extraordinário. Você, lone, e Marcelo Déda, que são os dois mandatários daqui, eu fico triste de saber que foi Dom Pedro II que veio aqui, em 1860, e só eu vim agora como mandatário deste país. Então, é uma coisa maluca, é uma coisa maluca isso, mas o Brasil era assim. Agora, a verdade nua e crua é que este país nunca mais voltará a ser o que era, nunca mais voltará. A minha oposição fica zangada, fica nervosa, eles sabem que eu tenho candidata a presidente da República. Eles sabem mais, e eles têm que saber mais: as mulheres de hoje não são subservientes como eram 30 anos atrás. As mulheres, hoje, não querem apenas lavar ou passar, como antigamente. Esse trabalho já era. As mulheres agora querem estudar, querem fazer política e querem chegar ao poder, elas querem ser governadoras de estados, prefeitas – já tem aqui – e por que não presidentas da República? Por que não?

Então, gente, eu só queria pedir para vocês o seguinte... Eu estou feliz sabem por quê? Porque quando eu entrei no governo... Eu carregava faixas, vocês devem ter carregado faixas “Fora FMI, fora FMI”. Nós devíamos 16 bilhões para o FMI. Nós chamamos eles, devolvemos os 16 bilhões deles, e esta semana emprestamos US\$ 10 bilhões para o FMI. Podem ficar certos de



que este país não volta a ser o que era. Este país só tende a crescer, e depende de nós, de mim e de vocês, e agora com a ajuda de mais um polo universitário, isso vai ficar cada vez mais fácil.

Quero, Déda, te dizer que a dona Marisa está meio nervosa com você porque sabe (incompreensível) que a gente marca a data bem antes, e a gente não se lembrava que era Dia dos Namorados, não se lembrava. Quase o Brasil inteiro está fazendo feriado prolongado. Muita gente viajou. Brasília está vazia. Quando, ontem à noite, eu confirmei para a dona Marisa que eu vinha para Sergipe, ela fez o que toda mulher sabe fazer, ou seja... Então, eu vou voltar para casa, vou levar o buquezinho de rosas que você prometeu que vai dar, e certamente vou dizer que fui eu que comprei, e vamos ficar em paz. Ela vai te ligar, se prepare.

Eu queria, gente, terminar dizendo para vocês o seguinte: hoje é um dia importante. Hoje é um dia importante porque eu acho que, mais grave do que qualquer outra coisa que nós temos no Brasil, o problema mais sério é a degradação da estrutura social deste país, são as desavenças dentro das nossas casas, são as desavenças de meninos e meninas que não respeitam mais os pais, de pais que não respeitam mais os meninos e as meninas, de uma televisão que não tem nada educativo para ensinar para essas pessoas. Então, a sociedade vai se degradando. Por isso que o dia de hoje é importante: Dia dos Namorados. Não tem nada melhor... Quem não tiver, hoje é dia próprio para arrumar namorada. Quem não tiver namorada ou namorado, trate de arrumar. A lua está quase cheia, ainda, a lua está quase cheia. Que Deus abençoe o povo de Laranjeiras e o povo de Sergipe.

Um abraço e até a próxima.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 98ª Conferência Internacional do Trabalho

Genebra-Suíça, 15 de junho de 2009

...brasileiros que me acompanham nesta viagem, Celso Amorim, das Relações Exteriores; Carlos Minc, do Trabalho; José Pimentel, da Previdência Social; Edison Lobão, de Minas e Energia; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Franklin Martins, da Comunicação Social; Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos; Nilcéa Freire, de Políticas para as Mulheres,

Embaixadora Maria Nazareth Farani Azevedo, representante permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas, em Genebra,

Embaixadora Maria Estela Pompeu Brasil Frota, embaixadora do Brasil na Suíça,

Senhoras embaixadoras, senhores embaixadores,

Senhoras e senhores representantes de Governo, altas autoridades,

Senhor Jean Maninat, diretor regional do escritório da OIT,

Senhora Laís Abramo, diretora do escritório da OIT em Brasília,

Senhoras e senhores representantes das organizações empresariais, de trabalhadores,

Senhoras e senhores da imprensa,

Companheiros e companheiras,

Com emoção venho a Genebra comemorar os 90 anos da OIT. Foi aqui, em maio de 2003, que fiz meu primeiro discurso em um organismo da ONU. Naquela ocasião, evoquei minha trajetória no mundo do trabalho como torneiro mecânico, dirigente sindical, fundador do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores. Assinalei que a agenda desta entidade



coincidia com a minha agenda pessoal e minha agenda política.

Quero felicitar a OIT por convocar esta reunião mundial sobre a crise do emprego. No momento em que vivemos a pior retração econômica global em muitas décadas, é fundamental que a comunidade internacional se una na busca de respostas. A OIT é o lugar certo para buscar soluções coordenadas para os impactos de uma crise que atinge a todos. Só neste ano, 50 milhões de trabalhadores poderão perder o seu emprego.

Alguns tentam transferir o ônus da crise para os mais fracos. É aí que aparece a face oculta e cruel da globalização. Cresce a xenofobia e os trabalhadores imigrantes se tornam os bodes expiatórios. A comunidade internacional não pode permitir que isto ocorra.

Há pouco mais de dois meses, na Cúpula de Londres, os líderes do G-20 reconheceram que a prioridade não era salvar bancos ou financeiras falidas, mas defender empregos. Assumimos o compromisso de apoiar os países mais afetados, sobretudo os mais pobres, para criar postos de trabalho, gerar e distribuir renda.

No momento em que tantos paradigmas caem por terra, a OIT representa uma reserva política, mas também ética e moral. É o que se pode constatar da proposta de Pacto Global pelo Emprego, apresentada pelo diretor-geral Juan Somavía. Aí estão contribuições importantes para a criação de um novo modelo, menos concentrador de riqueza, mais solidário, humano e justo. Esse Pacto pode contribuir significativamente para a implementação de ações verdadeiramente solidárias nos planos interno e internacional.

O Brasil tem apoiado a participação da OIT no G-20. Tive a alegria de, juntamente com a presidente Cristina Fernández de Kirchner, enviar carta ao primeiro-ministro Gordon Brown sublinhando a importância de que a OIT seja parte dos debates.

Senhor presidente Somavía,

Quando esta crise se desencadeou nos países ricos, o Brasil se



encontrava preparado para enfrentá-la. As políticas anticíclicas que vínhamos adotando desde 2003 expandiram o emprego e a renda dos trabalhadores. Criamos uma vasta rede de proteção social. Somente o programa Bolsa Família atende 11 milhões de famílias brasileiras e está sendo ampliado nas periferias das áreas urbanas afetadas pela crise. Ao vincular o recebimento deste benefício a compromissos em saúde e educação, o Programa tem um componente importante de desenvolvimento humano e ajuda a manter as crianças na escola.

Ao contrário do que sugeria o pensamento econômico conservador, mostramos ser possível compatibilizar vultosos investimentos públicos e programas sociais com o equilíbrio macroeconômico. Milhões de brasileiros foram incluídos no mercado de trabalho, deixando para trás a fome e a pobreza. Os brasileiros com emprego formal passaram de 49% do total, em 2003, para 53%, em 2008. A renda cresceu principalmente nas camadas mais pobres, o que se reflete numa maior mobilidade social. Entre 2003 e 2008, foram gerados 10 milhões de empregos formais e o salário mínimo real cresceu 65%. Combinamos a expansão de nossas exportações – que aumentaram três vezes – com a constituição de um importante mercado de bens de consumo de massa.

A despeito do forte impacto da crise sobre o mercado de trabalho, voltamos a criar empregos já no primeiro quadrimestre de 2009. Todas as obras de infraestrutura do Plano de Aceleração do Crescimento – que prevê investimentos de US\$ 300 bilhões – foram mantidas. Lançamos um programa para construir um milhão de moradias, beneficiando sobretudo as famílias mais pobres e, ao mesmo tempo, gerando centenas de milhares de novos empregos.

Senhoras e senhores,

Sempre acreditei na solidariedade como caminho para o desenvolvimento social. O Brasil quer compartilhar experiências bem-



sucedidas, pois acredita na cooperação Sul-Sul, na parceria entre os que vivem realidades semelhantes.

Com o apoio da OIT, estamos fortalecendo nossa cooperação com países latino-americanos, caribenhos e africanos na área de proteção social. Ajudamos a elaborar a legislação previdenciária do Timor-Leste e a fazer avaliação atuarial de Cabo Verde. Sindicatos em Angola têm sido beneficiários do ensino a distância, com patrocínio da OIT e do Brasil. Apoiamos o combate ao trabalho infantil em Moçambique e no Haiti. Colaboramos para a implementação das convenções fundamentais da OIT. Essas iniciativas de cooperação não estão vinculadas a nenhuma condicionalidade. Ampliam conhecimentos e capacitam as nações beneficiadas a gerenciarem, elas próprias, os resultados dos projetos.

Minhas amigas e meus amigos,

Este ano comemoramos o décimo aniversário da convenção para a proibição e eliminação das piores formas de trabalho infantil. O Brasil foi o primeiro país das Américas a ratificá-la. Forçar uma criança a trabalhar é roubar o seu futuro.

Exemplar também é nossa condenação ao trabalho forçado, crime que atenta gravemente à dignidade humana. Para que esse mal seja definitivamente erradicado, adotamos medidas de reinserção e indenização de vítimas e estamos responsabilizando os criminosos. O Brasil recebe com alegria o relatório global “O Custo da Coerção” e as menções elogiosas feitas ao empenho do governo brasileiro. Mas apostamos também no diálogo social para humanizar o trabalho.

Na próxima semana, vamos assinar – trabalhadores, empresários e governo – um acordo histórico para aperfeiçoar as condições e as relações de trabalho na cana-de-açúcar. O trabalho no setor vai se tornar muito mais digno e seguro, e a produção brasileira de biocombustíveis estará cada vez mais cercada de garantias trabalhistas, ambientais e de segurança alimentar.



Construir um mercado de trabalho justo para todos significa também combater as formas de discriminação, sobretudo com base em raça e gênero, e levar em conta as necessidades das famílias trabalhadoras.

Todas essas frentes serão refletidas no Plano Nacional de Trabalho Decente, sobre o qual acabo de assinar declaração com o diretor-geral Somavía. Estão presentes aqui representantes dos trabalhadores e dos empregadores brasileiros, num reconhecimento de que o Plano está sendo elaborado com ampla participação da sociedade civil.

Meus amigos e minhas amigas,

Quando estive aqui em 2003, disse que meu governo faria, para o mundo do trabalho, muito mais do que tinha sido feito anteriormente no meu país. Seis anos e meio depois, tenho a alegria de dizer que sim, que avançamos muito: no combate a formas desumanas de trabalho, no aumento da renda, na educação para o trabalho, na criação de empregos formais e na maturidade do diálogo social.

Tenho certeza de que o Brasil poderá seguir contando com a OIT nessa empreitada. E no momento em que assumimos o Conselho de Administração, quero agradecer o voto de confiança que a Organização depositou no Brasil. Por isso, quero desejar-lhe muito êxito em seu trabalho.

Meu caro amigo Somavía,

Eu terminei a minha parte formal do discurso e eu queria aproveitar... Não, não. Eu queria aproveitar... é porque eu tenho um almoço com o presidente Sarkozy, e ele tem um horário e eu tenho outro horário. Eu queria dizer uma coisa para vocês. Este momento que nós estamos vivendo é um momento muito delicado, mas é um momento muito precioso. Nessas crises, nós precisamos aprender, em vez de chorar, a refletir; em vez de xingar, propor, porque o mundo está precisando de novas alternativas. Vocês são testemunhas de que na crise dos anos 80 e dos anos 90, o FMI e o Banco Mundial tinham todas as soluções para os países pobres. Quando a crise se dá



nos Estados Unidos, no Japão e na Europa, nem o FMI e nem o Banco Mundial têm qualquer proposta para solucionar a crise. Bancos importantes, que todos os dias medem o risco do México, medem o risco do Brasil, medem o risco da Argentina, do Paraguai, do Uruguai, do Peru, da África do Sul, de Angola, de Moçambique, esses bancos que eram tão especialistas em medir o nosso risco, não pararam para medir os seus próprios riscos e quebraram.

No ano passado, por ocasião da Conferência das Nações Unidas, em setembro, eu disse em um discurso que era chegada a hora da política para enfrentar os problemas das crises, sobretudo se nós levarmos em conta a não-conclusão do acordo da OMC. A não-conclusão da Rodada de Doha se deu por problemas políticos. Nós tínhamos eleições nos Estados Unidos e nós tínhamos eleições na Índia, e isso não permitiu que o acordo fosse concluído, depois de chegarmos tão perto. O que nós queríamos no acordo da Rodada de Doha? Era flexibilizar o mercado agrícola dos países ricos para que os países mais pobres do mundo pudessem produzir e vender a esses países. O que nós queríamos? Que os Estados Unidos da América do Norte reduzissem os seus subsídios para que dessem uma contribuição à capacidade produtiva dos países mais pobres, sobretudo dos países latino-americanos, da América Central, do Caribe e dos países africanos. Não foi possível.

Durante um ano eu falei por telefone com quase todos os presidentes, dizendo que os nossos técnicos já tinham chegado ao limite, que agora era a hora dos dirigentes políticos decidirem. Mas não foi possível. Paramos quase na hora de fazer o acordo. Depois vem a crise econômica, e uma crise econômica que começou sem que nós soubéssemos bem o que era, porque começou com o *subprime* nos Estados Unidos e depois se alastrou numa rede de especulação financeira sem precedentes na história da Humanidade. O incrível é que nós, os mortais, os seres humanos normais, nunca conseguimos entender por que o petróleo saiu de US\$ 30 para US\$ 150. Nós nunca conseguimos entender porque as *commodities* agrícolas, em dois meses no



ano passado, praticamente dobraram de preço. Os mais simplistas logo disseram “é o etanol brasileiro”, quando, na verdade, o Brasil produz etanol em 1% da sua área agricultável. Mas o que estava por detrás da fundação [afirmação] simplista de que era o etanol? Era que, como tinham acontecido problemas no *subprime* nos Estados Unidos, grandes bancos especuladores resolveram especular com o petróleo no mercado futuro e resolveram especular com *commodities* no mercado futuro. Quem trabalha com papel, vendendo papel, comprando papel, sem produzir nada, um dia quebra. E aconteceu.

Esse momento exige de empresários, de trabalhadores e de governos uma atitude mais dura. Nós não podemos conviver com paraísos fiscais. Nós não poderemos viver com um sistema financeiro que especula papel com mais papel, sem gerar um posto de trabalho, sem produzir um parafuso, um sapato, uma camisa, uma gravata. Não é possível que a gente não se dê conta de que mais de 1 bilhão de seres humanos ainda tem dificuldades para conseguir comer uma vez por dia.

Então, a hora é de nós aproveitarmos, como vocês estão aproveitando aqui, e construir uma proposta, fazer o G-20 entender essa proposta. Mas fazer, também, dentro de cada país, cada governante entender essa proposta, fazer com que isso se dê num debate na Conferência das Nações Unidas. Por enquanto, o desemprego é um problema social. Ele só vai se transformar em um programa político na hora em que vocês começarem a agir, na hora em que vocês começarem a cobrar, na hora em que vocês começarem a exigir. Não é possível que a gente termine o século XXI igual terminamos o século XX. Se um ser humano nasceu no continente africano, algo de errado está acontecendo do [se o] continente africano continuar sendo um continente muito pobre, com tanta riqueza que tem lá.

Nós temos implorado, presidente Somavía, [para] que os países ricos façam projetos de desenvolvimento e o Brasil se propõe a, junto com eles,



construir projetos para fazer investimentos produtivos, para que as pessoas possam produzir e gerar empregos, porque não existe outra possibilidade de nós criarmos um estado de bem-estar social se não houver produção, riqueza e trabalho.

Eu fui agora a alguns países da América Central e tem países em que a carga tributária, Somavía, é de 9%, tem países em que a carga tributária é de 12%. A verdade, meus amigos, é que um Estado com uma carga tributária de 9% não existe como Estado. Não é possível. Aqui, ao contrário dos países pobres, que têm uma carga tributária pequena, a OIT poderia nos presentear com a carga tributária sueca, da Finlândia, da Noruega, da Alemanha, da França, da Itália, de todos, para que a gente perceba que os países que têm mais política social, mais estado de bem-estar social, são exatamente os Estados que têm uma carga tributária condizente com a necessidade de fazer justiça para o seu povo.

Então, essa crise econômica abre uma perspectiva enorme para que a gente possa debater tudo, porque antes da crise teve o Consenso de Washington, que parecia a solução do Planeta. Não foi. Depois veio o neoliberalismo dizer que o Estado tinha que ser o mínimo possível, que o mercado iria resolver todos os problemas. O mercado também não resolveu. O Estado, que foi negado no último meio século, na hora da crise, a quem os bancos americanos recorreram? Ao Estado. A quem os bancos alemães recorreram? Ao Estado. Porque somente o Estado tinha garantias e credibilidade para fazer aquilo que o mercado não conseguia fazer.

Por isso – sobretudo aos dirigentes sindicais –, esta é uma oportunidade excepcional para vocês pensarem e produzirem alternativas junto com os empresários para que mude, definitivamente, a relação Estado-sociedade e [para] que a gente possa construir, nos nossos países, um mundo mais justo, mais solidário e mais humano.

Eu estou presidente da República, mas daqui a um ano e meio estarei



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

como cidadão do mundo, brigando para que as coisas melhorem. No Brasil, acabamos de dar um exemplo. Enquanto o mundo rico anda jogando a culpa em cima dos imigrantes, esta semana, no Brasil, foi aprovada no Congresso Nacional, por iniciativa do governo, a legalização de todos os imigrantes que não estavam legalizados.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com sindicalistas

Genebra-Suíça, 15 de junho de 2009

...já causou muitos prejuízos. E acho extremamente importante que vocês estejam preocupados em propor alternativas. Além da reunião do G-20, a presidenta da Argentina, a companheira Cristina, e eu assinamos um documento exigindo que na próxima reunião do G-20 a OIT seja convidada a participar da reunião, porque não é justo que esteja lá o FMI, que esteja lá o Banco Mundial e outras instituições multilaterais, a OMC, e não estejam os companheiros da OIT.

A Organização Mundial da Saúde também mandou um documento para mim, pedindo que eu intercedesse junto ao G-20, que eles gostariam de participar da reunião do G-20 para que não haja redução dos investimentos na área da saúde, por conta da crise.

Eu penso que a coisa mais importante que aconteceu em Londres, na reunião do G-20, foi a gente tirar a palavra “flexibilidade” do mercado de trabalho. O que eu temo, na verdade? Eu temo que tenha pessoas incomodadas com o G-20. Alguns achando que o G-20 é um grupo muito grande e achando que eles não devem se reunir. E tem outras pessoas que acham que era preciso um fórum em que todos os países pudessem participar. A verdade é que não existe como evitar que os grupos existam, ou seja, cada país reúne-se com quem quiser, com quantos países quiser e constitui um grupo.

Agora, o que nós temos defendido é que as Nações Unidas assumam para si a responsabilidade de fazer a grande discussão sobre a crise econômica, porque é o único espaço em que um país de 300 mil habitantes pode falar o mesmo tanto que fala um país de um bilhão de habitantes. Quando



nós defendemos mudanças nas Nações Unidas, o que nós queremos, na verdade, é que ela tenha mais representatividade, que os continentes estejam representados no Conselho de Segurança como membros permanentes. Para quê? Para que as decisões tenham mais legitimidade e para que a ONU volte a ser uma instituição que decida e que se cumpram as coisas. Mas enquanto isso não acontecer, nós vamos continuar trabalhando no G-20, vamos continuar trabalhando no G... agora não é mais [G]-3, é G-14, vamos continuar trabalhando no Ibas – Brasil, China [Índia] e África do Sul.

O caso concreto e objetivo é que se nós analisarmos essa crise como oportunidade, e eu sei que isso é cansativo, mas vocês precisam estar presentes com a proposta de vocês em todos os fóruns, vocês precisam voltar a ser militantes. O que está acontecendo, sobretudo na Europa? Os imigrantes estão pagando a conta, seja latino-americano, seja africano, na verdade são os pobres que vão pagar a conta.

No Brasil, nós acabamos de provar [aprovar] o projeto de lei enviado pelo Executivo [para] a legalização de milhares de imigrantes. Só bolivianos são mais de 50 mil, e nós estamos legalizando a vida deles. Não é justo que por um equívoco de comportamento do sistema financeiro mundial, um boliviano teria [tenha] que ser proibido de ficar no Brasil, um queniano [tenha que] ser proibido de ficar nos Estados Unidos, ou um moçambicano [tenha que ser proibido] de viver na França. Esse é o combate que nós temos que fazer e não podemos permitir que a direita, em cada país, (incompreensível) o imigrante como se ele fosse o mal da nação, ocupando o lugar de uma pessoa do próprio país.

Eu tenho notado que em algumas campanhas políticas o maior instrumento da direita é dizer que vai diminuir a imigração para (incompreensível) o emprego (incompreensível). Nós não podemos permitir que essa visão ideológica possa permanecer no mundo do trabalho. (incompreensível) e essa possivelmente... é praticamente possível a gente



convencer os trabalhadores de que não é o pobre de outro país que está atrapalhando o seu emprego. Essa é uma luta muito difícil, porque muitas pessoas ficam com vergonha, muitas pessoas ficam acuadas e, muitas vezes, os próprios trabalhadores culpam os imigrantes. Então, não é uma luta fácil, mas é uma luta que somente o movimento sindical pode assumir e defender com unhas e dentes.

Eu falo isso muito à vontade porque o meu país tem muitos imigrantes. Só italianos, são quase 30 milhões, italianos e descendentes de italianos; espanhóis, são outros milhões; alemães, são outros milhões; japoneses, são outros milhões; e muita gente da América Latina. Então, eu acho que o Brasil é um exemplo de que a imigração nunca foi problema para nós. Eu não me lembro dos dirigentes sindicais brasileiros fazendo discurso contra a imigração. Esse é um desafio que nós temos que fazer, temos que preparar com cuidado. Agora eu quero me colocar à disposição de vocês. Eu tenho certeza de que o Primeiro-Ministro da Austrália também, tenho certeza de (incompreensível), que a Cristina Kirchner também. Vamos tentar, sem nenhuma procuração, fazer chegar nesses fóruns multilaterais um apelo dos trabalhadores. Agora, uma coisa que é sagrada, que vocês não podem deixar de participar de nenhuma dessas reuniões. Vai ser no G-20? Vocês têm que estar lá; vai ser no G-8? Vocês têm que estar lá; vai ser no G-14? Vocês têm que estar lá, porque a presença de vocês dá força para que a gente produza (incompreensível) da reunião.

Nós temos que aproveitar esse momento. Não sei por que, mas eu acho que há um momento de mudança, no mundo, muito importante. Não é esquecer a crise e voltar ao mesmo que era antes. É, a partir da crise, o que a gente pode fazer de novo, que políticas cada país pode tomar para evitar que haja mais sofrimento para o trabalhador.

E nós temos que contar com as expectativas. Na América Latina nós temos um processo muito grande de renovação de dirigentes, acho que como



nunca houve, na América Latina. Eu disse ao meu amigo Somavía que a eleição do Obama é uma oportunidade, é algo diferente que aconteceu nos Estados Unidos (incompreensível) coisa que era antes. Não sei se em outras reuniões vocês já estiveram com o Obama. Mas é preciso fazer, urgente. Se cada companheiro começar a agir agora e cobrar, nós temos chance de sair da crise em uma situação melhor do que nós entramos na crise. E eu acho que o movimento sindical tem um papel muito importante a cumprir. Eu fico pensando na minha experiência sindical. O trabalhador está bem, ele acha que não precisa de sindicato. Quando tem uma crise dessa magnitude, a tendência natural é os trabalhadores ficarem com medo e não quererem brigar. Mas é exatamente nesse momento que a gente tem que fazer pressão junto aos governos. Eu falo isso porque os companheiros sindicalistas brasileiros vivem me pressionando e eles sabem que eu nunca me recusei a fazer uma reunião com eles, nunca tomamos uma decisão importante sem conversar com eles, porque é mais seguro fazer as coisas quando mais gente está de acordo. Os companheiros brasileiros podem até ter críticas, mas eles sabem que desde a proclamação da República no país, eles nunca tiveram uma relação tão democrática como a que eles têm com o meu governo.

Isso é uma coisa que nós temos que aproveitar a oportunidade. Cada país... Nós temos que construir as nossas propostas e discutir com os governantes. Da minha parte, eu gostaria de recebê-los em todos esses eventos internacionais, mas que a voz de vocês chegasse lá como chega a voz de qualquer outro segmento social. Nós vamos ter agora, na Itália, o G-14 e acho importante, Luis, (incompreensível). Eu vou chegar a Roma acho que um dia antes. Quem sabe a gente possa chamar outras pessoas, porque eu acho que vocês podem ajudar a encontrar a saída.

Vocês viram que nessa crise o FMI não teve resposta, o Banco Mundial não teve resposta e os governantes, muitos, estão sem resposta, porque estava todo mundo, ao longo do tempo, acostumado a tratar de crises em



países pobres. Quando a crise chega nos países ricos, eles não (incompreensível).

Amanhã nós vamos ter uma reunião dos Brics. Por incrível que pareça, China, Índia, Brasil e Rússia têm uma contribuição enorme a dar nessa crise. Primeiro, porque somos metade da população do mundo. Segundo, porque adotamos políticas anticíclicas que estão dando certo. E esse momento exige ousadia. Não adianta ficar esperando o tempo se encarregar de resolver a crise: resolve-se o problema dos bancos e não se resolve o problema da produção e do emprego.

Então, eu gostaria que vocês preparassem o documento de vocês e mandassem para todos os presidentes. E, na hora, nós vamos ver quem vai levar o documento de vocês na [para a] reunião. Se todo mundo receber, fica mais fácil para a gente. Portanto, vamos lutar para que a OIT participe do G-20 e vamos lutar para que o movimento sindical possa se fazer ouvir nesses fóruns em que se discute os problemas importantes da humanidade.

Muito obrigado (incompreensível).

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
sessão do Conselho de Direitos Humanos**

Genebra-Suíça, 15 de junho de 2009

Senhoras e senhores,

É com grande satisfação que me dirijo ao Conselho de Direitos Humanos.

Gostaria de cumprimentar a Alta Comissária, Navanethem Pillay. O histórico da vida de Pillay é a maior prova de seu comprometimento com a causa dos direitos humanos. Em abril último, sua contribuição foi fundamental para o sucesso da Conferência de Revisão de Durban.

Senhor Presidente, tive a grande satisfação de recebê-lo em recente visita ao Brasil durante a assinatura, em Manaus, do compromisso “Mais Amazônia pela Cidadania”. Permita-me expressar a satisfação do governo brasileiro com o sucesso da primeira presidência africana do Conselho de Direitos Humanos sob sua sábia liderança. Ao longo de seu mandato, este Conselho fortaleceu-se em sua vocação para o diálogo, em seu compromisso com a universalidade de seus temas.

Senhor Presidente,

De certo modo, a luta pelos direitos humanos se confunde com a minha trajetória pessoal e política. (incompreensível)

Em sua curta e marcante gestão, Vieira de Mello defendeu um enfoque abrangente e equilibrado, que leva em consideração os princípios de universalidade, interdependência e indivisibilidade dos direitos humanos.

A figura de Sérgio Vieira de Mello estará para sempre associada aos mais altos valores defendidos pelas Nações Unidas.

Senhor Presidente,



Sabemos que o tratamento dos direitos humanos é um dos principais desafios do sistema multilateral. A criação deste Conselho, para a qual o Brasil tanto contribuiu, representou avanço importante. Reflete a necessidade de substituir a dinâmica contraproducente de tempos passados por um ambiente de cooperação e convencimento.

Um de seus instrumentos inovadores é o Mecanismo de Revisão Periódica Universal. Ao garantir avaliação abrangente e transparente da situação de direitos humanos em todos os membros da ONU, o Mecanismo tornou o sistema mais racional e mais equilibrado.

O Brasil se orgulha de ter sido um dos primeiros países a apresentar seu relatório nesse novo modelo. O Conselho está mais apto a responder prontamente a situações que merecem atenção especial e urgente da comunidade internacional.

Estou certo de que a maior ênfase na cooperação produzirá resultados tangíveis. Uma agenda positiva é mais eficaz para melhorar as condições de vida da população afetada e prevenir novas e sistêmicas violações de direitos humanos.

Agradeço a forte aprovação deste Conselho à proposta brasileira sobre Metas Voluntárias em Direitos Humanos, como parte das comemorações dos 60 anos da Declaração Universal de 1948. Este documento é importante para a conjugação entre igualdade e liberdade em cada país, indispensável à conquista da paz entre os povos.

É fundamental estender a mão a governos nacionais e atraí-los para colaborar com a comunidade internacional de forma aberta e receptiva. Governos acuados tendem ao isolamento e ao radicalismo. Não interessa a ninguém um ambiente que incentiva o rancor e alimenta a intransigência. Este Conselho deve buscar no diálogo, e não na imposição, o caminho para fazer avançar a causa dos direitos humanos.



O Brasil trabalha para que este Conselho se afirme como uma instância universal, objetiva e cooperativa, à qual todos – governos, sociedade civil, indivíduos – possam recorrer para garantir que os direitos humanos sejam plenamente respeitados em todos os países.

A universalidade só tem consistência quando incorpora a diversidade e a pluralidade, respeitando diferentes costumes, tradições, visões científicas, racionalidades, crenças e pensamentos (incompreensível).

Senhor Presidente,

A realização dos direitos econômicos, sociais e culturais não é apenas essencial para garantir um padrão de vida digno a todos. Ela é, sobretudo, importante para preservar direitos civis e políticos, para consolidar o Estado de Direito e para construir sociedades democráticas justas e prósperas.

Acredito que o exemplo é a melhor forma de persuasão. É preciso passar das palavras às ações concretas. O Brasil investe na cooperação Sul-Sul como forma de promover os direitos humanos.

Em diversas regiões do continente africano, prestamos cooperação técnica na área de pesquisa agrícola com vistas a promover o direito à alimentação. Na área da saúde, estamos participando dos esforços para ampliar o acesso a medicamentos para Aids, por meio da construção de fábrica de antirretrovirais em Moçambique.

No Haiti, emprestamos um novo significado às operações de paz da ONU ao demonstrar que, para se obter a verdadeira paz, não basta combater a violência pela força das armas: deve-se, ao contrário, promover o desenvolvimento econômico e, com ele, a inclusão e justiça social. Na Palestina, além de importante contribuição financeira, estamos implementando, juntamente com a África do Sul e com a Índia, projeto de inclusão social em Ramalá.



Quero fazer um apelo à paz. Junto-me a outras vozes que vêm proclamando mudanças no Oriente Médio. Não podemos desperdiçar os novos ventos de mudanças.

Senhor Presidente,

Em momento de crise econômica mundial como o que vivemos precisamos, mais do que nunca, unir esforços. A atenção aos direitos humanos é parte indispensável de qualquer estratégia para superar os efeitos da crise mundial que eclodiu em setembro de 2008. Foi esse o espírito que animou o Brasil, juntamente com os companheiros africanos e com a Rússia, Índia e China, a promover Sessão Especial do Conselho sobre a dimensão humana da atual crise econômica e financeira.

No Brasil, a consolidação da democracia e a consagração dos direitos humanos avançam com o esforço do governo e a determinação da nossa sociedade. Desde 2003 definimos uma moldura institucional para tratar do tema dentro do governo. Conferimos *status* ministerial à Secretaria de Direitos Humanos e à Secretaria da Promoção da Igualdade Racial e à Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Adotamos políticas econômicas e financeiras responsáveis, sem comprometer os investimentos na área social. O programa Fome Zero, por meio do Bolsa Família, assegura alimentação regular e adequada e já atinge 11 milhões de famílias pobres no Brasil. Ao longo dos últimos seis anos e meio, nos esforçamos para garantir emprego e renda para as pessoas. Reduzimos a desigualdade, diminuindo pela metade a pobreza extrema. Dez milhões de brasileiros saíram da miséria, 20 milhões migraram para a classe média. O salário mínimo real cresceu 65%. Criamos mais de 10 milhões de empregos formais. Foram medidas importantes e essenciais, mas ainda insuficientes para saldar o legado de desigualdades no meu país. Temos muito caminho pela frente.



Assinarei, em breve, um decreto presidencial instituindo o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos, que o Brasil introduziu já em 1996, atendendo às recomendações da Conferência de Viena, de 1993. A terceira edição do Programa se baseia nas resoluções de uma ampla conferência nacional concluída em Brasília, em dezembro passado, envolvendo a participação direta de milhares de cidadãos. Incorpora, também, propostas aprovadas em 50 conferências nacionais que meu governo promoveu desde 2003, somando 4 milhões de pessoas num debate democrático sobre as políticas públicas que concretizam direitos humanos: da saúde à educação profissional, da diversidade sexual à segurança alimentar, do desenvolvimento agrário à proteção do meio ambiente.

Senhor Presidente,

Como governante de um país em desenvolvimento, espero que dessa crise possa emergir uma ordem internacional que recompense a produção e não a especulação, que respeite padrões ambientalmente viáveis, que faça do comércio internacional um instrumento do desenvolvimento, que apoie os esforços para combater a pobreza e os desequilíbrios que maculam o mundo hoje.

A crise financeira, que nasceu da desregulação das economias mais ricas, não será pretexto para incentivar o descumprimento das obrigações de cada Estado com a promoção e proteção dos direitos humanos. Tampouco deve conduzir a que sejam descumpridos compromissos com os mais necessitados.

O Congresso brasileiro acaba de aprovar, por iniciativa do Executivo, legislação que regulariza a situação de centenas de milhares de migrantes no País. O Brasil foi e continuará a ser um país aberto e solidário aos trabalhadores migrantes e suas famílias.



Apesar do empenho da comunidade internacional em eliminar todas as formas de intolerância, nossas sociedades continuam a testemunhar os flagelos causados pela discriminação.

Há menos de dois meses, na Conferência de Revisão de Durban, reafirmamos nosso compromisso coletivo de combater o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e as formas correlatas de intolerância. Agora é preciso zelar pelo cumprimento dessas promessas. Não pode haver respeito integral aos direitos humanos em um mundo onde é crescente a desigualdade entre pessoas e entre nações. A reforma das instituições internacionais, com maior participação dos países em desenvolvimento em suas decisões, é essencial para assegurar uma governança mais justa e eficaz.

O mais importante é garantir que a dignidade dos seres humanos esteja sempre no centro das atenções e preocupações da comunidade internacional. Tenho certeza de que, com esse enfoque, será muito mais fácil promover uma cultura de respeito aos direitos humanos em todo o mundo.

Garantir e promover a paz é a razão de existir das Nações Unidas. Não haverá paz no mundo enquanto persistirem injustiças, desigualdades e intolerância. A tolerância está na base da verdadeira paz e concórdia, é a base para a efetiva realização de todos os direitos humanos.

Uma das maiores conquistas dos direitos humanos é a democracia, é a convivência democrática na diversidade. Ninguém precisa falar a mesma língua, ninguém precisa ter a mesma cor. Não precisam ter as mesmas idéias ou credos. Precisamos, sim, é de ter a grandeza de sentar em torno de uma mesa, discutir nossas propostas e fazer avançar nossas ideias.

Senhor Presidente,
Amigos e amigas aqui presentes,
Alta Comissária,



Eu queria dizer a vocês que é exatamente no lugar em que se discute direitos humanos que nós precisaríamos fazer uma discussão sobre a crise econômica mundial, suas causas e seus (incompreensível).

O que nós estamos percebendo é que, em vez de os países pobres ficarem reclamando dos efeitos da crise, nós temos a oportunidade, pela primeira vez de, junto com os países ricos, debatermos a crise com profundidade, as suas causas, os seus efeitos e as soluções para que a crise não repercuta mais fortemente na parte mais pobre da humanidade.

Essa crise traz um efeito perverso, sobretudo quando os imigrantes – sobretudo os pobres africanos, latino-americanos, asiáticos – que transitam pelo mundo à procura de oportunidade de trabalho, começam a ser enxergados como responsáveis por ocupar um lugar das pessoas filhas dos países.

Como disse em meu documento, no Brasil nós acabamos de legalizar centenas de milhares de imigrantes que viviam ilegalmente no País, para dar uma resposta, para dar um sinal aos preconceituosos, àqueles que imediatamente querem encontrar os responsáveis pela sua própria desgraça, pelo seu desemprego. E não são os imigrantes os responsáveis pela crise, não são os pobres do mundo [os] responsáveis pela crise. Os responsáveis pela crise são os mesmos que durante séculos sabiam como ensinar a administrar os Estados. Sabiam ter ingerência nos Estados pobres da América Latina e da África. E esses mesmos senhores, que sabiam de tudo há algum tempo, hoje não sabem mais nada. Não conseguem explicar como davam tantos palpites sobre as políticas dos países pobres e que não têm sequer uma palavra para analisar a crise dos países ricos.

Este é um momento em que os países pobres precisam fazer valer a soberania dos seus Estados. Os países não são respeitados porque são ricos. Os países não são respeitados porque têm alta tecnologia. Os países não são respeitados apenas porque têm um grande sistema de defesa. Os países são respeitados quando seus dirigentes se respeitam. Os países são respeitados



quando seus dirigentes falarem [falam] exatamente aquilo que o povo deseja que eles falem. Não existe, na história da humanidade, nenhum interlocutor que respeite outro interlocutor que não se respeita.

A discussão econômica, neste momento, embora eu faça parte do G-20, exige a participação de todos os países do mundo. Disse ao secretário Ban Ki-Moon que a ONU deveria trazer para dentro das Nações Unidas o debate sobre as questões econômicas, para que pudéssemos ouvir o presidente Obama, para que pudéssemos ouvir o presidente Hu Jintao, mas que também pudéssemos ouvir os países menores do mundo. Porque, de forma direta ou indireta, todos estão sofrendo a consequência da irresponsabilidade de um sistema financeiro desregulado e que durante tanto tempo viveu da especulação e não da produção.

Nós não temos um momento mais importante do que este. Falo a vocês com a convicção de um país que foi o último a entrar na crise e será o primeiro a entrar [sair] na [da] crise, mas que estava vivendo um momento excepcional, como todos os países. A África está consolidando a sua democracia, na América Latina estamos consolidando a nossa democracia. E nós temos clareza que os princípios elementares dos direitos humanos é o direito de a pessoa [se] levantar de [pela] manhã e tomar um café, almoçar, jantar, ter acesso à cultura, ter acesso à educação. Não é mais aquele tempo em que direitos humanos era apenas o direito de nós gritarmos que queríamos (incompreensível).

Hoje, nós não queremos gritar. Nós queremos comer, queremos estudar, e queremos que o bolo da riqueza produzida no mundo seja distribuído de forma mais justa, mais solidária, para que a gente possa concretizar, definitivamente, os direitos humanos no planeta Terra.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à sede da União Internacional de Telecomunicações (UIT), onde foi agraciado com o Prêmio Mundial das Telecomunicações e Sociedade da Informação

Genebra-Suíça, 15 de junho de 2009

Meu caro secretário-geral, meu amigo Touré,
Companheiros ministros brasileiros que me acompanham nesta viagem,
Senhores e senhoras conselheiros da UIT,
Jornalistas,
Amigos e amigas

O Brasil se orgulha de ser membro da União Internacional de Telecomunicações a partir de 1877. Desde que a UIT foi criada, para padronizar o telégrafo, muita coisa mudou. O telefone, o rádio, a televisão e a internet estão hoje em todas as partes; dominam as comunicações. O mundo ficou menor e as pessoas ficaram mais próximas.

Cerca de um mês atrás, em 18 de maio, comemoramos o Dia Mundial das Telecomunicações e da Sociedade da Informação. A ocasião nos fez lembrar da importância de combater a exclusão digital, que é hoje uma das maiores limitações na busca do desenvolvimento.

Para reduzir as desigualdades, precisamos aumentar o acesso às tecnologias modernas de comunicação. Elas devem chegar a um maior número de pessoas, a fim de que possam exercer sua cidadania. O acesso às tecnologias deve extrapolar a dimensão de infraestrutura de comunicações. Os cidadãos devem estar capacitados a utilizar essas tecnologias de maneira interativa e crítica. É assim que vamos promover a cidadania e a diversidade cultural na sociedade do conhecimento.



Estamos determinados a resolver o problema da inclusão digital no nosso país. Estamos equipando todas as escolas públicas urbanas brasileiras com internet banda larga. Estamos distribuindo, experimentalmente, milhares de computadores portáteis para alunos e professores da rede pública de educação básica. Já distribuimos um kit com dez computadores e outros itens a mais de 5.500 municípios brasileiros para a implantação de telecentros comunitários, que são espaços de convivência, aprendizado e lazer. Reduzimos o imposto sobre as soluções de informática e criamos linhas de financiamento para a rede varejista, o que contribuiu para aumentar a venda de computadores no Brasil. Hoje, há quase 30 milhões de computadores pessoais no país. Em 2003, eram apenas 15 milhões.

Os programas brasileiros de inclusão digital e de governo eletrônico utilizam o *software* aberto e livre. Essa opção reduz custos e permite a construção de ambiente digital seguro e favorável à troca de experiências e conhecimentos. Além disso, o *software* de código aberto e livre é essencial para a construção de uma sociedade da informação inclusiva, centrada na pessoa e voltada para o desenvolvimento.

A capacidade das telecomunicações de ultrapassar fronteiras também pode ser usada para atividades ilícitas. A Cúpula Mundial de Sociedade da Informação deu à UIT mandato para aumentar a segurança na internet. Gostaria de felicitar o secretário-geral Touré pelo lançamento da Agenda Global de Cibersegurança.

Para garantir a segurança na internet, precisamos unir nossos esforços de cooperação. A UIT, como agência especializada da ONU, é o lugar certo para coordenar esse esforço. No combate à pedofilia, a UIT poderia definir padrões a serem adotados por todos os países. No combate ao crime cibernético em geral, precisamos de um instrumento multilateral que estimule uma efetiva cooperação internacional.



O desafio dos crimes cibernéticos demonstra a importância do debate sobre a governança da internet. A Cúpula Mundial da Sociedade da Informação concluiu que essa governança deve ser transparente e democrática, com a participação de governos e sociedade civil. A UIT deve fazer parte desse esforço, inclusive no Fórum de Governança da Internet das Nações Unidas.

Agradeço mais uma vez ao Secretário-Geral da UIT pela honra de receber o Prêmio Mundial das Telecomunicações e Sociedade da Informação. Vejo esse prêmio, Secretário, como resultado do esforço do governo brasileiro para promover a inclusão digital e um espaço virtual democrático e seguro, sobretudo para nossas crianças e adolescentes.

Com esse prêmio, o governo brasileiro se sente ainda mais estimulado a continuar trabalhando, ao lado da UIT e dos demais parceiros, para construir uma sociedade da informação democrática e que promova cada vez mais o desenvolvimento.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido pelo presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev
Astana-Cazaquistão, 17 de junho de 2009**

Presidente,

É uma honra visitar o Cazaquistão e ter a oportunidade de consolidar um diálogo lançado pela visita pioneira que o presidente Nazarbayev fez ao Brasil em 2007. Queremos realizar o potencial de uma relação que data de 1991. O Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer a independência cazaque.

A abertura de nossa Embaixada residente em Astana, em 2006, e a troca de visitas presidenciais dão impulso ao relacionamento bilateral. Estamos reduzindo as distâncias e ampliando oportunidades de cooperação. É o que estão fazendo os 26 jovens cazaques que participam de um programa de intercâmbio esportivo e educacional, em Ribeirão Preto. O projeto do Centro Cultural do Cazaquistão, concebido pelo arquiteto Oscar Niemeyer, fará da simpática e agradável Astana uma cidade ainda mais familiar para os brasileiros.

Na esfera comercial, os avanços são palpáveis. O intercâmbio entre os dois países quintuplicou nos últimos cinco anos, mas ainda está muito aquém do seu potencial. Precisamos trabalhar em conjunto com nossos empresários para expandir e diversificar ainda mais essas trocas e atrair investimentos recíprocos. Com esse propósito, determinei ao Vice-Ministro de Indústria e Comércio Exterior que venha ao Cazaquistão em setembro deste ano, acompanhado de missão empresarial.

A forte vocação agrícola de nossas economias abre amplo leque de opções. A visita que Vossa Excelência fez à Embrapa criou condições para que nossas empresas de pesquisa agropecuária participem dessa cooperação.



Podemos trabalhar juntos no aperfeiçoamento da produção de carne, trigo e de cultivos agrícolas em regiões semi-áridas.

O Cazaquistão é uma potência energética empenhada em diversificar sua matriz. Como o Brasil, apresenta condições de liderar a revolução dos biocombustíveis.

Confio em que novas oportunidades se abrirão para a Embraer comprovar a competitividade dos seus aviões na Ásia Central. A abertura de escritório da Vale, no ano passado, em Almaty, ajudará o Cazaquistão a realizar o seu vasto potencial mineral. Ao tornar-se em breve o primeiro produtor mundial de urânio, o país demonstra o papel estratégico que está chamado a desempenhar para a economia mundial.

Senhor Presidente,

Em tempos de crise internacional, nossos países têm mantido políticas econômicas sólidas e iniciativas audazes. Estamos preservando empregos e protegendo conquistas sociais. O Cazaquistão é o país que cresce mais rapidamente na Ásia Central. Transformou-se em um ator cada vez mais influente.

Queremos construir uma agenda que contribua para reduzir as assimetrias de poder e democratizar as instâncias decisórias internacionais. Compartilhamos a idéia de um mundo multipolar e a importância de revigorar as instituições internacionais.

Continuaremos a defender a reforma das Nações Unidas e a necessidade, em particular, de ampliação do número de membros permanentes no Conselho de Segurança. Agradeço o valioso apoio do Cazaquistão ao pleito brasileiro.

Primeiro país a abrir mão de seu arsenal nuclear, o Cazaquistão tem sólidas credenciais na área de desarmamento e segurança. A Ásia Central e a América Latina e Caribe são zonas livres de armas nucleares. Esse é um fator de particular transcendência no momento em que se agravam as tensões



decorrentes de novos testes nucleares.

Sei do empenho do Presidente Nazarbayev pela paz e a estabilidade no Afeganistão. O Brasil tem participado de conferências em prol da recuperação do país. Nossa experiência no Haiti indica que não basta combater a violência com ações de dissuasão militar. Uma paz duradoura só virá com a promoção do desenvolvimento econômico, a inclusão e justiça social.

O Cazaquistão dará contribuição ainda mais relevante no cenário internacional quando assumir as presidências da Organização para a Cooperação e Segurança na Europa, em 2010, e da Organização da Conferência Islâmica, em 2011.

Meus amigos, minhas amigas,

A Ásia Central e a América do Sul têm experiências a compartilhar em matéria de integração regional. A experiência na consolidação do Mercosul e da Unasul pode ser útil para o desenvolvimento institucional dos foros regionais integração da Ásia Central.

Cazaquistão e Brasil são países multiétnicos e multiculturais. Aprendemos ao longo de nossa história os valores da tolerância e do respeito à diversidade. O Brasil sediará a III Reunião da Aliança de Civilizações no Rio de Janeiro em 2010. Essa iniciativa busca ajudar a superar preconceitos e polarizações entre culturas e comunidades diferentes. Ficaria muito honrado em poder contar com a participação de nossos amigos cazaques e especialmente do presidente Nazarbayev, nesse evento.

Caro Presidente, meus amigos,

Ao agradecer ao governo e ao povo cazaques a maneira calorosa e fraterna pela qual eu e minha delegação fomos acolhidos em Astana, quero expressar minha convicção de que, com minha visita ao Cazaquistão, em retribuição à visita do presidente Nazarbayev ao Brasil, as condições estão dadas para que nossas relações ganhem maior dinamismo.

Por isso, quero propor um brinde...



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211B)



Declaração à imprensa concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após reunião ampliada com o presidente do Cazaquistão, Nursultan Nazarbayev

Astana-Cazaquistão, 17 de junho de 2009

Excelentíssimo senhor Nazarbayev, presidente da República do Cazaquistão,

Senhor Marat Tazhin, ministro das Relações Exteriores do Cazaquistão, por meio de quem cumprimento os demais ministros e autoridades cazaques,

Companheiros ministros brasileiros, embaixador Celso Amorim, Edison Lobão e Franklin Martins,

Embaixador Frederico Duque Estrada Meyer,

Amigos jornalistas,

Senhoras e senhores,

Primeiro, a honra de estar visitando o Cazaquistão e saber que sou o primeiro presidente do Brasil e da América Latina a visitar este país. Por isso, eu acho este momento um momento histórico na relação do Brasil com o Cazaquistão e com a Ásia Central. Queria agradecer a hospitalidade e o carinho do presidente Nazarbayev e do povo cazaque a mim e à minha delegação.

Nossos países ainda se conhecem pouco, mas nossa cooperação, por exemplo, em esportes, mostra o desejo de nossa sociedade (incompreensível). Neste momento, eu queria aproveitar para convidar a imprensa brasileira, [para] quando regressar ao Brasil, ir a Ribeirão Preto visitar a sede da Olé Brasil Futebol Clube e mostrar ao povo brasileiro o que está acontecendo com os jovens cazaques.

Precisamos (incompreensível) e acelerar esse processo de



aproximação. Estou enviando missão empresarial chefiada pelo secretário-executivo do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio ao Cazaquistão, em setembro ou outubro. Assim descobriremos ainda mais oportunidades de comércio e investimentos. Podemos avançar em outras áreas como a exportação de carne, por exemplo. Alguns empresários brasileiros estão visitando o Cazaquistão agora. Temos interesse em participar do crescimento econômico e dos investimentos em infraestrutura do Cazaquistão.

Uma missão da Embrapa também está em Astana neste momento. Nós podemos citar o aperfeiçoamento da tecnologia e produção de carne, de trigo e de cultivos agrícolas em áreas áridas, como excelente ideia para trabalharmos juntos. Nossas empresas de aviação têm tomado parte na aproximação entre os nossos países. Já assinaram cartas de intenção de leasing de duas aeronaves, o E-190. É a primeira operação da Embraer na Ásia Central. A nossa Vale tem muito interesse no Cazaquistão, até porque todo mundo sabe que o Cazaquistão tem um potencial mineral extraordinário.

Bem, vimos também possibilidade de diversos acordos que pouco a pouco criarão (incompreensível) uma relação mais sólida. O presidente Nazarbayev e eu também conversamos muito sobre nossas convergências no plano multilateral. Como dois grandes países em desenvolvimento, o Brasil e Cazaquistão reconhecem a necessidade de adequar as normas internacionais à realidade contemporânea. O mundo mudou e é preciso agir conforme as novas regras.

Mencionamos tanto a necessidade de reformar as instituições econômicas quanto as políticas. Agradei o presidente pelo apoio que ele dá ao Brasil na participação do Conselho de Segurança da ONU, e eu queria terminar dizendo ao Presidente que muita coisa vai acontecer entre Brasil e Cazaquistão depois desta nossa visita. Temos interesse em trabalhar juntos na área de petróleo, temos interesse em trabalhar juntos na área de minério, temos interesse em parceria na área da aviação, temos interesse de participar,



com obras de engenharia, na infraestrutura do Cazaquistão, temos interesse na produção de biocombustíveis e, sobretudo, temos interesse em vender e comprar aqui no Cazaquistão.

Eu não pude ver a construção de Brasília, porque era muito novo, e Juscelino [a] fez em cinco anos. Mas quem vê essa cidade ser construída em dez anos, percebe que não existe limite e nem dificuldades para um governante que tem vontade de fazer.

Quero, de público, dar os parabéns ao presidente Nazarbayev pela corajosa decisão de desativar o seu arsenal de armas nucleares logo depois da independência do Cazaquistão. E quero que o presidente Nazarbayev saiba que o Brasil é o único país do mundo que tem na sua Constituição o impedimento da produção e do uso de armas nucleares, e o mundo precisa de mais governantes que acreditem mais na paz do que na guerra. Eu penso que nós poderemos dar o exemplo a outros países de que só tem um jeito de eles melhorarem a vida do povo: é eles tendo paz.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
apresentação da candidatura Rio 2016**

Lausanne-Suíça, 17 de junho de 2009

Senhor Presidente,
Senhores membros do Comitê Olímpico Internacional,

Eu gostaria de reiterar meu integral compromisso com a candidatura do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Assumo este compromisso porque entendo o extraordinário poder que o esporte tem, de transformar nações e a vida das pessoas, especialmente das mais jovens e das mais humildes. Ninguém fez mais para reforçar este poder do esporte do que vocês do movimento olímpico.

Para o Brasil, sediar os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em 2016 será não apenas uma grande honra, será também uma forma maravilhosa de catalisar as transformações sociais em curso no nosso país e na América do Sul.

Por essa razão o meu governo tem sido tão enfático e determinado em apoiar a candidatura do Rio de Janeiro. O governo federal ofereceu todas as garantias possíveis e assumiu todos os compromissos necessários. Por isso aprovamos o financiamento integral do projeto. E também é esta a razão pela qual os três níveis de governo e todo o País estão unidos em apoio à candidatura do Rio 2016.

Estive recentemente em Londres e Pequim para ver o que é necessário para sediarmos os jogos e para aprender mais sobre o poder e sobre os valores do movimento olímpico. Tive a honra de encontrar-me com muitos de vocês. Esses contatos ajudaram a entender melhor a maneira pela qual os líderes políticos podem trabalhar com os líderes esportivos para obter



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

resultados que beneficiem as próximas gerações.

O Rio está pronto e o Brasil está pronto. Estamos à espera de vocês no Rio, em 2016.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$212)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade simultânea de início do Mutirão Arco Verde Terra Legal nos estados de Mato Grosso, Pará e Rondônia

Alta Floresta-MT, 19 de junho de 2009

Eu, sinceramente, cada vez que venho a um ato, em qualquer lugar, eu acho que o povo brasileiro não tem similar, não tem igual, porque a paciência de vocês de ouvir a quantidade de discursos que vocês estão ouvindo é uma atitude nobre de vocês. Blairo, é uma coisa extremamente carinhosa a gente saber que tem uma parcela do povo brasileiro que está disposta a discutir... Eu também amo vocês.

Então, eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro, companheiro de verdade, o companheiro Blairo Maggi, governador do Mato Grosso,

O nosso querido Eduardo Braga. Como está tendo enchente lá no Amazonas, eu preferi trazê-lo aqui... Ele estava em Brasília, eu pedi para ele vir aqui. Gentilmente ele veio porque é meu amigo, é amigo do Blairo.

Cumprimentar o companheiro Ivo Cassol, do estado de Rondônia,

Cumprimentar a nossa companheira Ana Júlia Carepa, nossa querida companheira governadora do estado do Pará,

Cumprimentar os ministros que estão aqui comigo, o companheiro Pimentel, da Previdência; o companheiro Minc, do Meio Ambiente; o Guilherme Cassel, que está no Pará com a Ana Júlia; o companheiro Marcio Fortes, das Cidades, que está lá com a companheira Dilma Rousseff, a companheira Dilma; e devem ter outros ministros lá com a companheira Dilma. Sabe o que acontece, Blairo? Sabe o que acontece? Vai terminando o tempo do mandato, as pessoas já vão correndo atrás de quem pode ser a futura presidente. Então, tem mais ministros com ela do que comigo aqui. O que eles não sabem é que



eu ainda tenho o peso da caneta. O Gregolin está lá com ela também, o ministro da Pesca. O Ministério da Pesca foi criado, finalmente aprovado pelo Congresso Nacional.

Eu quero cumprimentar a nossa querida Maria Izaura Dias, prefeita de Alta Floresta, em nome de quem eu quero cumprimentar os prefeitos de Belém, quero cumprimentar os prefeitos que estão aqui e quero cumprimentar o nosso querido prefeito lá de Porto Velho. Roberto, você está ao lado da Dilma, dê um recado aí. Eu não sei se alguém falou, mas finalmente eu estou aqui com o presidente do Incra, o companheiro Rolf. Aliás, estou aqui com o Paulo Okamoto, presidente do Sebrae, estou aqui com o presidente do Ibama, mais vários deputados federais, senadores. Eu queria dizer, Roberto, que hoje, aquela promessa que nós fizemos de entregar os títulos de terra para aquele povo que mora na periferia de Porto Velho, a Dilma está aí para anunciar isso. Se ela não anunciou, dê a palavra novamente para ela quando eu acabar de falar, para ela anunciar a entrega dos títulos de terra, que estavam no Incra, para o povo que mora em Porto Velho.

Blairo, meu querido Eduardo Braga, meu querido povo de [Alta] Floresta, companheiros e companheiros da imprensa. Eu vou ser muito breve porque já é meio-dia e eu acho que nós temos que ter o mínimo de compreensão de que nem água vocês tinham, aqui na frente. Sabem que eu descobri que vocês estavam sem água quando me trouxeram um copo d'água. Eu fiquei pensando: eu estou na sombra e estão me trazendo água, e o povo que está no sol? Então, o companheiro Blairo se encarregou de dar ordem aqui, deve ter acabado toda a água do supermercado em [Alta] Floresta, porque finalmente chegou a água.

Mas eu queria dizer aos companheiros que estão com uma faixa ali, pedindo assentamento lá em Carlinda. Eu acabei de conversar com o companheiro do Incra, aqui. O dinheiro já foi depositado, tem uma pendenga com o proprietário e neste mês deve estar regularizado, e vocês finalmente vão



poder ter a terra de vocês.

Mas eu queria, companheiros e companheiras, utilizar meia dúzia de minutos com vocês, falar com essa moça bonita que está de Ray-Ban, eu nem sei como é o rosto dela porque o Ray-Ban é tão bonito que a gente fica olhando para o Ray-Ban. Mas eu queria dizer para vocês que o que está acontecendo hoje aqui em Alta Floresta, o que está acontecendo lá em Rondônia, o que está acontecendo lá no Pará, é uma pequena revolução de procedimento do governo federal, do governo estadual e do governo municipal. E o Blairo tem razão, nós não podemos nunca nos esquecer de que nos anos 70 foi feita uma reforma agrária neste país e que muita gente foi induzida a vender as pequenas propriedades que tinham, ou mesmo aqueles que não tinham, no Sul do país, e se embrenharam por este Brasil afora para construir cidades como Alta Floresta.

Hoje é fácil a gente vir aqui e fazer críticas, mas a gente não sabe quantos pegaram malária aqui, a gente não sabe quantos morreram de picada de cobra e não tinha um médico a 100 quilômetros de distância. A gente não sabe quantas crianças entraram na escola tardiamente, porque as pessoas vinham, faziam barracos e ficavam muitos meses nos barracos.

Eu fico com orgulho quando vejo um cidadão que tinha 50 hectares de terra no Rio Grande do Sul. Hoje ele tem 2 mil hectares, tem casa, tem carro e está vivendo de forma... bem de vida, porque produziu, porque trabalhou, porque comeu “o pão que o diabo amassou”. Eu vejo isso como eu vejo... tem gente que acha que o Kaká ganha muito. O Kaká não ganha muito. Esses jogadores são meninos pobres, ficam famosos, ganham muito dinheiro e eu fico orgulhoso de ver as pessoas vencerem na vida, eu fico orgulhoso. E só vence na vida quem trabalha, só vence na vida quem, efetivamente, persevera, só vive [vence] na vida quem tem amor àquilo que faz. Então, eu queria dizer desse reconhecimento.

Ninguém pode ficar dizendo que ninguém [alguém] é bandido porque



desmatou. Nós tivemos um processo de evolução, e nós, agora, precisamos remar ao contrário. Nós temos que dizer para as pessoas que se houve um momento em que a gente podia desmatar, agora desmatar joga contra a gente, vai nos prejudicar no futuro, porque empréstimo internacional não sai, porque quando o Blairo for exportar a soja dele, o comprador na Alemanha, o comprador vai dizer “Ah, é da região da Amazônia, que está destruindo?” “É”. “Então, não vamos comprar”. Então, hoje, preservar é uma vantagem comparativa para nós. Hoje, em vez de a gente dizer “não pode cortar árvore”, nós temos que incentivar e pagar para as pessoas plantarem as árvores que nós achamos que precisa plantar. Por que a gente não refloresta este país, e as pessoas receberem [recebem] por aquilo [isso]?

Outro dia eu vi na televisão, lá em Minas Gerais, aquele fotógrafo, o nosso careca, o Sebastião Salgado, fazendo um modelo de fazenda que tem em Nova Iorque. Todos os pequenos produtores de Nova Iorque, todos – vocês viram também no Globo Rural – recebem dinheiro da prefeitura para não poluir os córregos que passam na casa deles e que vão levar água para as pessoas de Nova Iorque beberem. Ora, se um cidadão tem um sítio e eu quero evitar que a vaca faça cocô ou xixi naquela “aguinha” que ele tem, se eu quero evitar que os porcos vão lá, o que eu tenho que fazer? Pagar para que ele possa colocar a vaquinha em outro lugar, para que ele [possa] colocar o porco em outro lugar, mas ele tem que receber. Ele tem que receber pelo benefício que ele está fazendo para a comunidade.

Então, é isso o que nós precisamos fazer. Tem que mudar a cabeça do governo, mudar a cabeça do prefeito, mudar a cabeça do governador, mudar a cabeça do produtor, mudar a cabeça dos advogados, mudar a cabeça de todo mundo, para que este país seja destravado de uma vez por todas, e este país possa viver condignamente, decentemente, sem ninguém precisar morrer por causa de um mingado pedaço de terra, como acontece hoje.

Por isso é que nós vamos regularizar. Eu vou dar um testemunho aqui.



Eu vou pegar dois exemplos. Eu fui visitar uma fazenda do companheiro Blairo, e eu vi uma diferença. Todas as matas ciliares, em todo o transcurso do rio, estão preservadas, e você vê a água verdinha lá dentro, azulzinha. Tem até... quando tem... não sei se é cal, caulim, sei lá o que é, uma pedra branca, [que] você vê a água azulzinha. Aí você passa em outra fazenda, o cidadão desmatou toda a margem do rio, e aí começa a ter erosão. Ele próprio vai perder. Nós temos 60 milhões de hectares de terras degradadas neste país. Sessenta milhões de hectares de terras degradadas, que nós precisamos... Eu já propus ao companheiro Minc, já propus ao Guilherme Cassel, já propus ao Reinhold Stephanes de a gente fazer um grande programa de florestamento [reflorestamento] dessa área degradada, plantar madeira para as pessoas venderem, plantar biodiesel para as pessoas ganharem dinheiro. O que a gente não pode é ficar apenas brigando, em vez de sentar e encontrar a melhor solução que possa agradar a todo mundo.

Agora vai ter a Convenção do Clima em Copenhague. Todo o mundo vai estar lá, todo o mundo vai estar lá, todos os países. E se a gente não tomar cuidado, todo mundo vai dizer que o Brasil tem que cuidar da Amazônia, porque a Amazônia é o pulmão do mundo e que o Brasil está desmatando, que o Brasil está queimando e que o Brasil “não sei das quantas”. E podem começar [a colocar] restrição, podem começar a colocar restrição à carne brasileira, podem começar a colocar restrição à soja brasileira, podem começar a colocar restrição ao milho brasileiro, podem colocar restrição ao crédito do Brasil. Então, nós temos que dizer para eles: “primeiro, não metam o seu nariz no nosso terreiro. A Amazônia é nossa”. E nós queremos preservar a Amazônia porque nós temos noção, nós temos noção de que preservar a Amazônia hoje é a gente garantir que os nossos filhos e os nossos netos possam viver em um mundo pelo menos igual ao que nós estamos vivendo. Porque se a coisa continuar do jeito que está, com o aquecimento global, nós estamos vendo coisas acontecendo no mundo: está voltando a ter enchente



em lugares que há 100 anos não tinha enchente, está tendo seca onde nunca teve seca, está ficando deserto onde tinha muita água e está ficando cheio de água onde nunca teve água. Alguma coisa o homem lá de cima está falando: “Olha, eu criei o mundo para vocês viverem, mas se vocês estiverem estragando o mundo que eu dei para vocês, vocês vão ser vítimas”. Jesus já se permitiu morrer uma vez para nos salvar. Agora nós temos que criar juízo e cuidar de nós mesmos.

Então, não é incompatível a política de preservação ambiental com a política de desenvolvimento sustentável. O que nós queremos é que sejamos razoáveis, para que ninguém possa acusar o Brasil de nada. E por isso nós vamos regularizar. São quase 300 mil títulos de terra, companheiro que tem 1.500 hectares, companheiro que tem 700 hectares. Nós temos que legalizar para ele ter o documento pregado na parede da casa dele. Quando alguém chegar lá, ele vai dizer: “é minha essa terra”. Quando ele entrar no Banco do Brasil para pegar um empréstimo, ele vai ter o empréstimo. Quando ele for comprar um trator ele vai ter financiamento. Por quê? Porque o que dá cidadania para a gente é o título da casa em que a gente mora, é o título da terra que a gente tem. Ou seja, as pessoas vão ficar cidadãos de verdade.

Por isso, companheiros, eu acho que este dia é extraordinário. Eu quero agradecer, inclusive, o comportamento do companheiro Blairo Maggi, porque o estado do Mato Grosso do Sul... do Mato Grosso... na verdade, os dois estados. Tanto o Mato Grosso quanto o Mato Grosso do Sul eram acusados como os estados que mais desmatavam. Eu, há mais de um ano, estou dizendo aos meus companheiros que em vez de a gente ficar xingando, em vez de a gente ficar brigando, em vez de a gente ficar acusando, é muito melhor a gente reunir os prefeitos das cidades que mais têm queimadas no mundo, ou melhor, no Brasil, e a gente chamar para Brasília, sentar. Os prefeitos têm reivindicações para fazer, porque se a gente quer que eles façam as coisas, eles têm o direito de falar: “Presidente, nós faremos isso, mas nós precisamos



disso, disso, disso e disso para que a gente possa fazer um jogo combinado, para que a gente possa fazer um jogo combinado”. Então, eu queria dizer, Prefeita, eu estou indo agora... no dia 07 eu vou para o encontro do G-8 lá na Itália, vou ficar lá nos [dias] 09 e 10. Mais ou menos lá para o dia 15 ou 16 eu quero ver se me reúno com todos os governadores dos estados amazônicos e quero ver se [me] reúno com todos os prefeitos das áreas que têm mais queimadas, para a gente fazer um pacto de verdade, para a gente acertar o que é de direito de cada um, qual é o papel do prefeito, o que ele tem que fazer, qual é o papel do governador, qual é o papel do presidente da República, qual é o papel do Congresso. Se a gente fizer isso, a gente vai perceber que todo mundo vai viver em paz, tranqüilo, e a gente vai produzir muito mais. O que eu quero? O que eu desejo na vida? O que eu desejo na vida é que o povo brasileiro, sobretudo a parte mais pobre da população, possa viver dignamente, ou seja, as pessoas trabalhem, as pessoas poderem ter acesso ao crédito do Banco do Brasil, as pessoas poderem ter uma casa boa. Não tem nada mais delicioso do que uma dona de casa ter uma casa digna. Pode ser humilde, mas que seja digna essa casa. Que as pessoas trabalhem, que as crianças tenham escola. E essa legalização vai permitir que tudo isso aconteça.

Minc, falta uma coisa que nem eu, nem você, nem o Blairo, nem o Eduardo Braga, nem a Dilma, nem o governador Ivo Cassol, nem a Ana Júlia e nem o Guilherme falamos. Eu estava comentando com o companheiro Blairo Maggi. Às vezes a gente vem aqui, faz discursos maravilhosos, falamos, falamos, mas tem um burocrata lá na capital, em Cuiabá, tem um burocrata na prefeitura, tem um monte de burocratas lá em Brasília, e a gente fez um discurso aqui, presidente, governador e ministros, mas ele não ouviu. Quando chegar para ele fazer, como ele não ouviu, ele fala: “Por que eu tenho que fazer isso? Eu não vou fazer isso. Eu não gosto disso”.

Então, eu queria propor que a gente apresentasse, para este programa, um número telefônico, um número tipo 0800, 035, para que as pessoas



pudessem reclamar: “Aqui não está acontecendo o que vocês prometeram. Aqui não está”. Eu vou dar um exemplo disso: a gente pode colocar um *call center* e colocar gente para cuidar direitinho.

Este país ficou 25 anos sem crescer. Este país... Nesses 25 anos, teve a Constituinte. A gente criou uma máquina de fiscalização poderosa e não criamos uma máquina de execução, porque ela foi falida, porque tentaram destruir, porque chamaram os funcionários públicos de marajás e tentaram detonar. Então, tem uma máquina de execução ganhando um terço do que ganha a máquina de fiscalização neste país.

Nós sabemos que temos que fazer muita coisa para destravar o País, para destravar. Essa política nossa de regularização de títulos fundiários na Amazônia é a maior demonstração que a gente vai dar ao mundo. Nós vamos dizer: lá nós temos todo mundo com o título da terra, nós sabemos a área em que vai plantar, nós sabemos a área em que vai criar isso, a área em que vai criar aquilo. Agora, vocês, por favor, paguem para que a gente mantenha a nossa floresta em pé e a gente possa ajudar os pequenos produtores a trabalharem dignamente.

Querida companheira Dilma, querido companheiro Cassol, querida companheira Júlia, querido companheiro Blairo, eu quero pedir desculpas e paciência para vocês porque nós falamos demais, mas também nós gostamos demais de vocês.

Um abraço. Que Deus abençoe o povo do Mato Grosso, o povo do Pará, o povo de Rondônia, o povo de Nova [Alta] Floresta e o povo do Brasil.

Um beijo, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao 10º Fórum Internacional Software Livre

Porto Alegre-RS, 26 de junho de 2009

Bem, na verdade, a Dilma falou pelo governo brasileiro. Não era necessário eu dizer absolutamente nada aqui, hoje, porque eu acho que passar naquele “corredor polonês” que eu passei para chegar aqui, já valeu pelo menos uns quatro discursos.

Mas, eu queria cumprimentar os meus companheiros de Ministério que estão aqui conosco,

Querida cumprimentar os deputados federais,

Os nossos senadores,

O nosso ex-governador Olívio Dutra,

O prefeito Fogaça,

Querida cumprimentar uma convidada especial que chegou atrasada aqui, que é a nossa companheira Lourdes Munhoz, da Espanha, deputada por Barcelona e assessora do presidente Zapatero na área de Software Livre. Eu nem vi a cara dela, porque ela não se apresentou aqui. Fica em pé.

Quero cumprimentar o nosso querido reitor Joaquim Clutê,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Marcelo Branco, coordenador geral do 10º Fórum Internacional de Software Livre,

Quero cumprimentar os companheiros das instituições públicas brasileiras que estão aqui, estou vendo na minha frente o Banco do Brasil e o Serpro,

Quero cumprimentar os convidados estrangeiros,

Quero cumprimentar aquela criancinha que está no colo ali, que deve estar pensando: O que que nós estamos fazendo aqui e porque os seus pais trouxeram ela para cá. Um dia, ela vai saber.



E eu quero cumprimentar uma pessoa especial que está aqui, que é o Sérgio Amadeu, porque agora que o prato está feito...

Quero cumprimentar o companheiro Tigre também, o nosso presidente da Federação da Indústria do Rio Grande do Sul.

Agora que o prato está feito, é muito fácil a gente comer. Mas fazer esse prato não foi brincadeira. Eu lembro da primeira reunião que nós fizemos, na Granja do Torto, em que eu entendia absolutamente nada da linguagem que esse pessoal decidia, e houve uma tensão imensa entre aqueles que defendiam a adoção do Brasil do software livre e aqueles que achavam que nós deveríamos fazer a mesmice de sempre, ficar do mesmo jeito, comprando, pagando a inteligência dos outros e, graças a Deus, prevaleceu no nosso país a questão e a decisão do software livre. Nós tínhamos que escolher: ou nós íamos para a cozinha preparar o prato que nós queríamos comer, com os temperos que nós queríamos colocar e dar um gosto brasileiro na comida, ou nós iríamos comer aquilo que a Microsoft queria vender para a gente. Prevaleceu, simplesmente, a ideia da liberdade.

Eu queria contar aqui uma coisa, porque prevaleceu, na minha cabeça, a questão do software livre. Vocês sabem que eu nunca fui comunista. Quando me perguntavam se eu era comunista, eu falava que eu era torneiro mecânico. Mas eu tenho extraordinários companheiros que participaram da luta armada neste país, companheiros que pertenceram aos mais diferentes partidos e correntes ideológicas do mundo, todos extraordinários companheiros. Eu tinha um irmão mais velho que, a vida inteira tentou me levar para o Partidão, e o meu irmão trazia para mim, acabados, todos os documentos que tinham sido escritos e produzidos 200 anos atrás ou 150. O meu irmão queria que eu decorasse O Manifesto, queria que eu lesse e relesse O Capital, queria que eu discutisse tudo isso, e eu dizia para o meu irmão: Frei Chico, tudo isso foi produzido tanto tempo atrás. Não dá para a gente começar a produzir alguma



coisa nova a partir de agora? Quando caiu o Muro de Berlim, eu fiquei feliz porque ia permitir que a juventude pudesse repensar e escrever coisas novas, construir novas teorias, porque parecia que tudo estava construído e que nada mais poderia ser diferente.

O software livre é um pouco isso, ou seja, é dar às pessoas a oportunidade de fazer coisas novas, de criar coisas novas, de valorizar a individualidade das pessoas. Porque não tem nada que garanta mais a liberdade do que você garantir a liberdade individual, que as pessoas permitam aflorar a sua criatividade, a sua inteligência, sobretudo em um país novo como o Brasil, em que a criatividade do povo possivelmente seja, sem nenhum menosprezo a outros povos, o povo de maior criatividade no século XXI.

Pois bem, eu penso que o nosso governo já fez muito, mas o nosso governo poderia ter feito mais. Nós somos um governo muito democrático. Não acredito que tenha no mundo um governo que exercite a democracia como o nosso governo exercita. Não acredito. Não acredito que tenha no mundo alguém que debata tanto, que discuta tanto como o nosso governo. E isso, às vezes, complica, não é Tarso? Às vezes nós temos que ouvir uma vez, duas vezes, três vezes, porque como eu sou analfabeto nesta questão da internet – meus filhos são todos doutores perto de mim. Porque a internet tem uma coisa fantástica, Olívio: é a primeira vez que os netos são mais sabidos do que os avós. É a primeira vez. Antigamente, pelo fato de você ser mais velho, você queria se impor em tudo, não é isso? Filho não podia falar quando você estava em reunião, você não podia dar palpite na conversa de adulto. Agora, não. Agora tem dois gênios em pé na garagem conversando e tem um moleque (incompreensível) e ele fala: “Como é que muda o canal da televisão?”. É só colocar dois controles remotos que as pessoas não sabem mexer. E o moleque de oito anos de idade vai lá e mexe, remexe, desvira, vira, aluga casa, paga aluguel, paga luz, paga água.

Então, eu penso que nós estamos vivendo um momento revolucionário



da humanidade, em que a imprensa já não tem mais o poder que tinha a uns anos atrás, a informação já não é mais uma coisa seletiva em que os detentores da informação podem dar golpe de Estado, a informação não é uma coisa privilegiada. O jornal da noite já está velho diante da internet, o programa de rádio, se não for ao vivo, for gravado, já fica velho diante da internet, o jornal fica hiper velho diante da internet, e fica tão velho, que todos os jornais criaram o bloco para informar junto com os internautas do mundo inteiro. Bem, essas coisas, essas coisas todas nós não sabemos onde vai parar, nós não sabemos. Eu sei que cada vez que eu converso com vocês, eu fico imaginado que se a minha geração fosse tão inteligente e criativa como a de vocês, nós já seríamos muito melhores do que nós somos hoje, porque a máquina pública é uma coisa complicada. Ela é cheia de vícios, de normas, sabe, que vêm da época do Império. E você ir mudando essas coisas, um burocrata, ele tem um manual, e o manual só diz o que pode e o que não pode. Se você apresentar uma coisa nova, é proibido. Ele não é capaz de falar: “bom, eu tenho uma coisa nova aqui, eu vou tentar intermediar”, não. Ele diz pode ou não pode. E tudo isso levou tempo para que o governo começasse a criar condições para chegar no nível que nós chegamos.

Eu vou contar uma coisa para vocês: há cinco anos atrás, nós tentamos adquirir uma empresa nossa, veja que absurdo. Nós compramos uma empresa nossa. Ela era nossa, mas quando foi privatizado o sistema de eletricidade no Brasil, foi privatizado também as redes de fibra ótica e foi criada uma empresa chamada Eletronet, que era aquela empresa americana AES, que não cumpriu com seus deveres e faliu. Então, pelo tratado, pelo contrato, a Eletronet era do governo. E nós então queríamos pegar de volta a Eletronet para que a gente pudesse levar internet, sabe, para todas as casas brasileiras onde tivesse a rede, em todo o sistema de linha de transmissão do Brasil, inclusive nos oleodutos e gasodutos da Petrobras.



Nós não pudemos comprar. Está até hoje na Justiça. Ou seja, querem que a gente pague uma fortuna pelo o que é nosso. Está na Justiça há mais de cinco anos. Tem um síndico da massa falida que quer ganhar mais do que vale a empresa. E nós até hoje não conseguimos a Eletronet de volta, que é um patrimônio público brasileiro. Apenas para demonstrar para vocês a dificuldade que a gente tem. E eu acho que tem uma coisa acontecendo no mundo, que eu acho fantástico. Eu, quando vejo um menino de 15 anos, de 16 anos, eu quando vejo meu neto de sete anos conversando com todo mundo, eu fico pensando: o que será do mundo daqui a 20, 30 anos ou 40 anos com essa disponibilidade de conhecimento que está chegando na casa das pessoas. Nós tivemos o primeiro desafio: fazer com que o computador chegasse às mãos das pessoas mais pobres. Quem é do governo sabe quanto tempo nós passamos discutindo o Computador para Todos. O que nós queríamos? Nós queríamos que o computador chegasse na periferia do País, para as pessoas que ganhavam pouco, para que pudessem pagar, na época, R\$ 50 de prestação. Nós não queríamos dar de graça, apenas vender. Criamos financiamento especial no BNDES para financiar o comércio varejista, para poder fazer chegar mais barato.

Ontem eu tive uma reunião com o comércio varejista, e a maior procura nas lojas hoje é o computador. Não mais o computador, agora já inventaram outro, é notebook. Já deram um passo adiante. Ninguém mais quer se sentar a uma mesa para lidar com o seu computador, já quer carregar o bichinho no colo. Então, é uma coisa exuberante que está acontecendo.

Eu fui agora inaugurar o programa Luz para Todos, e é importante os estrangeiros que estão aqui compreenderem. O Luz para Todos é um programa do governo federal para levar energia elétrica, sobretudo no campo, nas comunidades indígenas, nos quilombos, para as pessoas que não têm energia. Em 2004, a Dilma me apresentou uma proposta de a gente atender 10 milhões de pessoas até 2008, que eram os dados do IBGE. Na segunda-feira



eu fui inaugurar a ligação na casa 2 milhões e 40 mil. Vocês sabem o que aconteceu? Preste atenção, Dilma. Peça para a sua assessoria anotar: as pessoas que receberam o Luz para Todos, 83% compraram televisor; 79% compraram geladeira; 47% compraram aparelho de som. E nós não medimos o computador.

A verdade é que agora, Sérgio, aquela mesma discussão que a gente fazia de levar computador para o pobre, agora nós vamos ter que tomar uma decisão de financiar computador para os companheiros que receberam energia elétrica depois de 500 anos no Brasil. Ou seja, nós tiramos as pessoas do século XVIII, colocamos no século XXI e, portanto, elas têm o direito de ter um computador para os seus filhos chegarem ao século XXI imediatamente.

Nós... Eu vou terminar... depois eu vou falar da lei do Azeredo, que eu vi o pessoal com uma faixa aí pedindo para eu vetar antes de a lei ser aprovada. Primeiro, temos que batalhar bastante. Mas, [deixe-me] contar uma coisa para vocês. Nós, na informática... O Sergio Rezende, nosso ministro de Ciência e Tecnologia está aqui. Na Olimpíada da Matemática... Vocês sabem que, em 2004, a gente tinha uma olimpíada da Matemática que tinha 270 mil alunos de escolas privadas. Quando eu propus fazer a Olimpíada da Matemática nas escolas públicas – o Tarso era o ministro – algumas pessoas disseram para nós: “Não, criança de escola pública não tem interesse”. Em 2005 se inscreveram 10 milhões e 500 mil pessoas; em 2006 se inscreveram 14 milhões de pessoas; em 2007 se inscreveram 17 milhões de pessoas; em 2008, 18 milhões e 300 [mil]; e agora, para 2009, 19 milhões e 200 mil crianças da 5ª a 2ª série se inscreveram para a Olimpíada da Matemática. A maior olimpíada era a americana, que tinha por volta de 6 mil membros inscritos. A nossa tem 19 milhões e 300 mil crianças. Dessas, tem 300 que receberam medalha, entre bronze, prata e ouro, e dessas, 30 são tricampeãs de medalhas de ouro. Tem um menino que é um gênio, que ele ia para a escola... Ele é tetraplégico, ele é quase cego, quase surdo e não anda. Esse menino ia para a



escola, o pai dele carregando ele em um carrinho de construção civil, e esse moleque é tricampeão da Olimpíada de Matemática.

Nós, agora, fizemos a Olimpíada de Português. Na primeira participaram 6 milhões de jovens, e este ano estamos começando a Olimpíada de Ciências, que são as três matérias mais complicadas para o nosso povo aqui. Então, essa molecada toda que ganhou medalha de ouro são gênios. Então, o software livre é uma possibilidade de essa menina reinventar coisas que precisam ser reinventadas. O que precisa? De oportunidade. Podem ficar certos de uma coisa, companheiros, que neste governo é proibido proibir. Neste governo... O que nós fazemos neste governo é discutir. Os empresários sabem quanto que nós discutimos, sem rancor, sem mágoa, sem querer abater um concorrente, não! É debater, é fortalecer a democracia e levá-la as suas últimas conseqüências.

Porque esse país ainda está se encontrando consigo mesmo, porque durante séculos nós éramos tratados como se fossemos cidadãos de terceira classe, nós tínhamos que pedir licença para fazer as coisas, nós só podíamos fazer as coisas que os Estados Unidos permitissem, ou se a Europa permitisse. E a nossa auto estima está em alta. Nós aprendemos a gostar de nós mesmos. Nós estamos descobrindo que nós podemos fazer as coisas. Nós estamos descobrindo que ninguém é melhor do que nós. Pode ser igual, mas melhor não são, não têm mais criatividade do que nós. O que nós precisamos é oportunidade.

Essa lei que está aí, essa lei que está aí, não visa corrigir abuso de internet. Ela, na verdade, quer fazer censura. O que nós precisamos, companheiro Tarso Genro, quem sabe seja mudar o Código Civil, quem sabe seja mudar qualquer coisa. O que nós precisamos é responsabilizar as pessoas que trabalham com a questão digital, com a internet. É responsabilizar, mas não proibir ou condenar. (incompreensível) é o interesse policialesco de fazer uma lei que permite que as pessoas adentrem à casa das



pessoas para saber o que as pessoas estão fazendo, até seqüestrando os computadores. Não é possível, não é possível.

Então, eu queria, meu querido Marcelo, dizer para você que hoje – eu não sei os meus companheiros o que sentiram. Para mim, hoje foi um dia glorioso, glorioso, porque eu tenho uma assessoria especial, que cuida da cuida da questão digital, amigo do Marcelo, tenho... O governo tem dez ministros que falam em inclusão digital. Inclusão digital é a palavra mais “sexy” do governo, sabe? É a palavra mais “sexy” – todo mundo fala. E, então, eu precisava de um coordenador que falasse uma linguagem só para mim, e coloquei o companheiro César Alvarez, que é um gaúcho aqui do Rio Grande do Sul, torcedor do Internacional, que vai apenas empatar com o Corinthians quarta-feira, por bondade dos gaúchos. O Olívio Dutra é conselheiro e eu pedi para ele falar com o Conselho do Internacional: empata a zero a zero, para nós está bom, Olívio, não tem nenhum problema.

Mas eu, então, com essa coordenação, nós estamos tentando avançar. Eu só queria dizer para vocês uma coisa: olhem, eu tenho mais um ano e meio de mandato. Mais um ano e meio de mandato. É importante que vocês detectem aquilo que nós já fizemos e que precisa ser aperfeiçoado. E é preciso que vocês detectem aquilo que nós ainda não conseguimos fazer, e nos ajudem a fazer. Porque nem sempre o problema do governo é problema de dinheiro. Às vezes é que as pessoas têm 500 atividades, e essas novidades vão ficando para segundo plano, e por isso que nós temos uma coordenação.

E vamos ver, companheiros, se com todos esses números que a Dilma colocou aqui para vocês, com a nossa intenção de colocar este país dentro da inclusão digital, de fazer com que as crianças da periferia tenham os mesmos direitos que as crianças do rico, de ter acesso à Internet, de poder se formar, de poder transitar livremente por esse mundo, que é a Internet, nos ajude a conseguir.

Tenha certeza de uma coisa, Marcelo: nós não sabemos tudo, nós



sabemos apenas uma parte. Sozinho talvez você também não saiba tudo, saiba só uma parte. Mas se a gente juntar um pouco do que cada um de vocês sabe, a gente possa construir um tudo que falta para a gente, definitivamente, democratizar este país de verdade, e que todos sejam livres e que possam fazer as coisas o bem. As pessoas de bem são maioria. Não vamos ficar nervosos porque de vez em quando aparece um maluco falando as coisas. Tem até um site propondo morte ao Lula. Não tem problema, os que propõem vida são infinitamente maiores. Infinitamente maiores.

Então, eu queria dizer para vocês que entrar naquele “corredor polonês” e ver aquela gama extraordinária de meninos e meninas, acho que todos com menos de 25, 30 anos de idade, é a gente poder sair daqui e dizer em alto e bom som: “Finalmente este país se encontrou consigo mesmo. Finalmente este país está tendo o gosto da liberdade de informação”.

Um abraço e bom encontro para vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos dois milhões de ligações pelo programa
Luz para Todos**

Congonhinhas-PR, 22 de junho de 2009

Meus queridos [companheiros] e queridas companheiras,

Meu querido companheiro governador do estado do Paraná, Roberto Requião,

Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,

Meu querido companheiro ministro das Minas e Energia, Edison Lobão,

Meu querido companheiro paranaense de Londrina, ministro do Planejamento, Paulo Bernardo, e sua senhora Gleisi,

Companheiros deputados Alex Canziani, Andre Vargas, Assis do Couto, e Cássio Barros, vice-líder do governo, Rodrigo Rocha Loures e o nosso querido dr. Rosinha,

Meu caro Luciano, prefeito de Congonhinhas,

Meu caro Henrique Taubaté, presidente da Câmara Municipal de Congonhinhas,

Companheiro Rolf, presidente do Incra,

Companheiro Samek, presidente de Itaipu,

Companheiro Mescolotto, presidente da Eletrosul,

Nosso companheiro Cardeal, presidente do Conselho de Administração da Eletrosul,

Nosso querido companheiro Valter Bianchini, secretário de Agricultura e de Abastecimento do Paraná, em nome de quem cumprimento todos os demais secretários de estado aqui presentes,

Nosso companheiro Hélio Shinoda, diretor do programa Luz para Todos,



Senhora Patrícia, nossa querida Patrícia que falou aqui, representante dos assentados,

Meu caro Odair Sarto Artor e família, em nome de quem saúdo os beneficiados com a instalação de energia elétrica,

Meu caro José Damasceno, representante da coordenação do MST,

Nossa querida Maria Petrolina do Amaral Lima. Ela estava – não está aqui –, estava lá sentada. É uma senhora de 102 anos de idade, do Quilombola de Água Morna e ela também recebeu energia elétrica.

Bem, ser o último orador é sempre complicado quando tanta gente já falou aqui e eu, muito mais do que apenas falar para vocês e para quem está aqui, gostaria que a imprensa anotasse alguns números. Esses dias eu li em um jornal – não sei que jornal – que nós não tínhamos cumprido a meta do programa Luz para Todos. Quando eu vejo uma notícia dessas, eu só posso entender que esse companheiro que escreveu não participou da festa, chegou no fim e quer dar palpite sobre a festa. Porque, quando nós lançamos o Programa Luz para Todos, nós lançamos o Programa Luz para Todos com base no estado do IBGE existente em 2003. E portanto, o IBGE dizia que nós tínhamos por volta de 2 milhões de residências sem energia elétrica no Brasil, no campo. E nós então, nos propusemos a cumprir essa meta. E hoje quando a gente vem aqui, na casa do seu Aldair acender a luz na casa dele, na verdade são 2 milhões e 40 mil residências que acabaram de receber a energia elétrica. Portanto, é até um pouco mais do que nós nos propusemos a cumprir.

Em alguns estados importantes nós já ultrapassamos a média e já estamos fazendo a segunda fase. Eu vou dar um exemplo: o estado do Paraná, o estado de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sergipe, São Paulo, Alagoas, Ceará e Espírito Santo. Em todos esses estados, nós já ultrapassamos a média, já ultrapassamos os limites do IBGE e já estamos



fazendo a segunda fase do Programa Luz para Todos. E vamos ver se nós temos pernas para que a gente possa cumprir com aquilo que nós nos propusemos.

É importante ter um número extraordinário. Até agora, entre governo estadual e governo federal, nós já investimos no Programa R\$ 9,8 bilhões – R\$ 9,8 bilhões, quase R\$ 10 bilhões – nós já investimos em parcerias com os governos dos estados no Programa Luz para Todos. Outro número muito importante para vocês terem noção: o Programa Luz para Todos no Brasil já colocou 4 milhões e 620 mil postes – 4 milhões e 620 mil postes – 883 mil Km de fio. Prestem atenção, 883 mil quilômetros de fio. Daria para enrolar o planeta Terra quase umas cinquenta vezes. Vejam mais! Foram comprados, Requião, 708 mil transformadores, 708 mil transformadores. Isso significa muita geração de empregos, mas vou dar um dado melhor, agora, para vocês.

Depois do Programa Luz para Todos, 96 mil famílias resolveram voltar para o campo. Na hora em que em eles perceberam que tinham a oportunidade de voltar para o campo e produzir, utilizar tecnologia, eles voltaram para o campo. É importante: 35,8% tiveram melhora na qualidade de vida familiar e 34% tiveram melhora nas oportunidades de trabalho, 41% passaram a estudar à noite. Ou seja, quase 50% das pessoas que foram beneficiadas com o Programa Luz para Todos voltaram a estudar e estudam à noite.

Outro dado muito importante aqui: depois do Programa Luz para Todos, de todas essas ligações que nós fizemos, 78% adquiriram televisão, 73% compraram geladeira e 44% compraram equipamento de som. Veja o significado disto na indústria brasileira: foram 1 milhão e 570 mil televisores comprados, 1 milhão e 462 geladeiras compradas e 894 mil aparelhos de som comprados por causa do Programa Luz para Todos. Além de outras coisas que as pessoas compraram para refrigerar o leite, de máquinas para fazer ração animal, de outras máquinas para fazer suco com as frutas plantadas pelos proprietários.



Então, na verdade o que aconteceu foi uma pequena revolução neste país. Essa é uma pesquisa feita pelo Ministério das Minas e Energia que visitaram 3 mil e 660 propriedades que receberam o Programa Luz para Todos. É importante, Lobão, mandar essa pesquisa assinada por Vossa Excelência para a imprensa brasileira publicar corretamente, com os números do programa Luz para Todos. Por que eu estou fazendo isso? Por que este programa é importante? Porque... Eu vou dizer uma coisa para vocês, antes de falar. Aqui no estado do Paraná, o programa Luz para Todos, Requião, você sabe disso, gerou 29 mil e 800 empregos. Aqui no Paraná foram utilizados 459 mil postes. Aqui no Paraná foram utilizados 70 mil e 400 transformadores. Aqui no Paraná foram utilizados 87 mil quilômetros de cabos elétricos, o suficiente para dar duas voltas no planeta Terra. Vocês imaginem isso levado para todo o território nacional, a importância que este Programa tem.

Por que este Programa não foi feito antes? A gente poderia perguntar por que, no Brasil, deixaram de fazer este Programa tantos anos atrás. Nós temos casos de hidrelétricas construídas neste país e, a 50 metros da hidrelétrica tem pobre sem energia elétrica. Sabem por que as pessoas fazem isso? Porque as pessoas que nunca moraram em uma casa sem luz não sabem qual é o sofrimento de uma pessoa viver na base do candeeiro; não sabem o que é uma mulher tentar costurar ou colocar um botão na camisa de um filho para ir à escola, à noite, sob a luz de um pavio molhado de querosene ou de uma vela; não sabem o que é uma mulher fazer comida à noite em um fogão a lenha, de apenas uma boquinha, sem conseguir enxergar sequer a quantidade de tempero que vai lá. E, mais importante, quando nós inauguramos uma das primeiras casas do programa Luz para Todos, uma mulher falou: “É a primeira vez, é a primeira vez que eu vejo o meu filho dormindo à noite”. Quem nasceu em uma capital, nasceu em um hospital, com luz incandescente, depois voltou para casa, luz na rua, luz na esquina, luz em todo lugar, não sabe o que é uma mulher tratar de um filho doente à base da



luz de candeeiro, não sabe o mal que faz para a saúde. É por isso que o Programa não foi pensado antes. Antigamente, a energia chegava no campo, nas fazendas, mas passava perto da casa de um pobre, o poste passava por cima, e eles não eram capazes de fazer uma ligação para atender o pobre. É por isso que nós encontramos tantas, tantas casas neste país sem ligação. Era um absurdo, Requião, em estados do Nordeste a gente encontrava governador que fazia alguma coisa, mas nos outros estados não tinha praticamente nada. E nós começamos quase do zero nisso. Para fazer essas coisas a gente tem que construir parcerias e graças a Deus a gente tem no Paraná um companheiro como o Requião que está pronto sempre a fazer parceria desde que ela seja para ajudar a maioria do povo mais necessitado.

Mas também tem que ter determinação porque R\$ 10 bilhões poderiam ter guardado para pagar o superávit primário; R\$10 bilhões poderiam ter pago para desonerar os produtos, porque quando a gente decide fazer política para os pobres, eles falam que é gasto e para os ricos é investimento.

E nós temos clareza de que não existe investimento mais sagrado do que a gente cuidar do pobre. Porque o pobre na verdade, custa muito pouco neste país. É muito fácil tratar com os pobres. Eles não querem nada mais do que o essencial. O outro é que já quer ter lucro quando faz um investimento, antes de começar a produzir. E nós precisamos reeducar o país, porque são 500 anos de história. E a gente não pode esquecer que a nossa democracia é muito nova. A gente não pode esquecer que a mulher brasileira que hoje tem uma independência, votou pela primeira vez em 1934. A mulher não tem direito a voto, antes disso um pouquinho para votar tinha de ter uma certa quantia de dinheiro em reserva. Somente quem tinha uma quantidade de réis guardada é que podia votar. E a democracia vai permitindo que a gente vá tendo conquista, conquista, conquista. Nós já desapropriamos 43 milhões de hectares para fazer reforma agrária. Eu tenho dito: não basta dar terra para o trabalhador é preciso dar terra e faze-la produzir. Para isso é preciso mais investimentos, mais



assistência técnica. Acabou, acabou aquele período em que a gente dizia: “não, nós temos que ajudar o pobre à cultura da subsistência, ou seja, plantar um pouquinho de macaxeira, de mandioca”. Não sei aqui, mandioca, aipim ou macaxeira? Aqui é mandioca, pois bem... porque no Rio de Janeiro é aipim, no Rio Grande do Sul é aipim, aqui é mandioca. Então, plantar um pouquinho de mandioca para comer, um pouquinho de milho, um pouquinho de feijão, quando, na verdade, nós temos que ensinar as pessoas a produzir, a produzir com tecnologia, para as pessoas ganharem dinheiro. Porque todo mundo acha que o pobre gosta de ficar confinado no meio do mato, sem ter nada. Parece que o pessoal gosta, quando, na verdade, o que o povo pobre quer ter? Ele quer ter casa, ele quer ter carro, ele quer ter geladeira, ele quer ter fogão, ele quer ter televisão, ele quer ter o que todo mundo tem: máquina de lavar roupa, máquina... Porque o pessoal, também lá de cima, pensa que a mulher do pobre gosta de passar roupa com aquele ferro de carvão pesado para “desgraça”.

Sabe, é assim, é por isso que as pessoas não fazem. Chegam a dizer para mim: “Oh, Lula, eles já estão acostumados”. É. Então nós temos que mudar esses costumes. Por isso foi importante a parceria que eu vim assinar aqui com o governador Requião, o Incra e a Secretaria do estado, para levar técnico para ajudar a produzir. Porque hoje nós temos conhecimento, nós temos conhecimento. Nós não temos que produzir umas “titicazinhas” por terra, não! Nós temos que produzir o máximo possível, o máximo. Quanto mais a gente puder produzir por editais, mais dinheiro a gente vai ganhar.

É por isso que o governo criou o programa PAA, compra de alimentos do Governo Federal pela Conab. É para garantir a cada produtor... É só lembrar de 1985, 1983, o Figueiredo era presidente e ele inventou um programa de compra de alimentos. Ele falava assim: “Plante que o governo garante”. E o povo gritava: “Plante e coma, senão o João toma”.

Na verdade, nós estamos com esse programa de alimentos. Eu acho – eu estava conversando com os companheiros do “Sem Terra” antes de vir para



cá – [que] é um dos programas mais extraordinários que nós temos no País, porque nós garantimos ao pequeno produtor a certeza de que ele pode produzir, a certeza de que ele vai ter um preço adequado e a certeza [de] que a gente vai levar esse alimento para a boca daqueles que mais necessitam.

Por isso que a energia é extraordinária. Muita gente não dá importância porque não conhece. Eu digo sempre: a pessoa que nunca morou em uma rua de barro, sempre morou no asfalto, não sabe como o pobre sofre para sair de casa pela manhã para trabalhar. Ele não sabe. Ele não sabe o que é a quantidade de barro na sola do sapato. Se eu e o Requião morássemos em uma rua de barro, nem eu e nem ele tínhamos barriga, muito menos o Paulo Bernardo, de tanta força que você faz para levantar o pé. Não é verdade?

Essas coisas, gente, estão mudando aos poucos. Os resultados são extraordinários. Na sexta-feira eu fiz uma reunião com os empresários e com os trabalhadores rurais daquele programa do trator que o Requião tem aqui, um bom programa, isentou ICMS, fica até mais barato do que o nosso. Mas, sabem quantos tratores já foram vendidos? Onze mil tratores. Onze mil. Onze mil tratores. Antigamente, isso representava 38% da produção industrial. Agora o programa Mais Alimentos está garantindo a produção de 75% da indústria de tratores. Vejam que nós lançamos este programa em maio do ano passado, julho do ano passado quando teve a crise de alimentos. Vocês estão lembrados de que aumentou a soja, aumentou um monte de coisas e logo jogaram a culpa em cima do álcool, porque os gringos tinham interesse de dizer: “É o etanol brasileiro que está fazendo o alimento encarecer”. (falha na gravação)

Por que o petróleo chegou a US\$ 150 o barril e caiu agora? Sabem por quê? É porque tinha uma especulação financeira no mercado futuro e é por isso que os Estados Unidos quebraram. Essa crise, agora, não é uma crise da Bolívia, uma crise da Argentina, uma crise do Paraguai, do Uruguai ou uma crise do Brasil. Essa é a crise dos países ricos. Essa é a crise daqueles que



davam palpite no Brasil o tempo inteiro. Vocês viram que o FMI até se calou, porque nós devolvemos o que tínhamos [devíamos] para eles e falamos: querem US\$ 10 bilhões de empréstimo? Vamos emprestar US\$ 10 bilhões para vocês, para emprestar para o povo pobre.

Então, vir aqui hoje em Congonhinhas, ir à casa do senhor Odair e da mulher dele e ver aquela luz acesa, e depois ligar aquela maquininha e moer uma cana, o Requião é um desastre para moer cana. Um homão deste tamanho, com medo. Eu e o seu Aldair, franzino, magrinho, fomos lá, pegamos a cana, toramos ali, nem trememos... ali. Está certo que a máquina levou um dedo meu, ó... mas já está no seguro este dedo aqui, estamos tranquilos.

Então, vir aqui dizer isso, gente, é para mim uma compensação. Eu sei que a gente não vai conseguir fazer tudo o que precisa ser feito no Brasil. Eu sei também que a gente não consegue consertar em quatro anos, oito anos ou dez anos aquilo que não foi feito em 500 anos. Mas a verdade é que se a gente acertar nos políticos em quem a gente vai votar, a gente tem chance de melhorar as coisas ainda mais, de fazer as coisas acontecerem, de fazer com que as coisas possam melhorar, porque este país tem todas as condições de melhorar. O Brasil não era respeitado antes porque as pessoas que governavam este país não se respeitavam. Não se respeitavam, sabem por quê? Porque esses países ricos hoje sabem que o Brasil não deve nada a eles. Eles sabem que a gente negocia em igualdade de condições. Eles sabem, e qualquer país do mundo hoje sabe que o grande feito do nosso governo foi colocar o pobre na mesa de negociação, foi colocar o pobre como ator social da política brasileira. Hoje é respeitado no mundo inteiro um programa como o Luz para Todos. Quando eles falam que nós colocamos 11 milhões de famílias no Bolsa Família, são 44 milhões de pobres. Quando eles falam que nós tiramos 20 milhões da pobreza e colocamos na classe média, tudo isso é muito respeitado. Nós agora aprendemos muito mais, e vamos fazer muito mais. Por quê? Porque todos nós aprendemos a fazer as coisas.



Por isso é que nós lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida, 1 milhão de casas, para ver se a gente tem capacidade de fazê-las até 2010. Não é o governo. São os empresários, são os trabalhadores, porque vai ter 500 milhões para construir casas para os companheiros do campo. E aí é preciso se organizar, utilizar as cooperativas para que a gente possa, no final de 2010, ter concluído 1 milhão e aprovar mais 1 milhão de casas.

Companheiro Rolf, nosso presidente do Incra, você foi comigo ali, na casa do Aldair. Ele já gastou os R\$ 7 mil de financiamento. Nós vamos ter - companheira Dilma; companheiro Lobão; Paulo Bernardo, você, que é do Planejamento - nós vamos ter que dar uma estudada, porque com R\$ 7 mil não dá mais para fazer casa não, meu filho. Não. Esses dias, Paulo... até um João-de-barro está gastando 7 mil para fazer uma casinha. Então, eu acho que nós vamos ter que estudar direitinho, porque realmente R\$ 7 mil já não dá mais. É uma parceria, que tem um pouco do governo federal, um pouco do governo estadual, mas eu acho que nós temos que aumentar, Paulo, tanto a parte nossa, quanto a parte dos estados. Eu acho que é preciso as cooperativas assumirem a responsabilidade de comprar o material, porque quanto maior for a quantidade de material que a gente compre, mais a gente pode baratear esse material. Então, é preciso que haja um pouco de organização.

No mais, companheiros e companheiras, eu queria me despedir de vocês dizendo... veja que coisa bonita, Requião, que a Eletrosul montou. Coisa bonita... antigamente, os nossos encontros eram no sol, não é? Eu fui agora em Alta Floresta, no Mato Grosso, e estava 40 graus ao meio-dia. A Dilma falava lá em Porto Velho, sem parar, eu vendo a Dilma no telão, e aquele povo suando, morrendo, e eu não podia pedir para ela parar de falar. Quando ela parou de falar, eu comecei a falar e não parei mais, também. Então, hoje vocês estando aqui nesta cobertura, é apenas um sinal. A gente não pode fazer uma cobertura dessas para os eventos que a gente faz com os empresários? Pode. Se a gente pode fazer para os empresários, por que não pode fazer para os



trabalhadores humildes deste país? Por que não posso dar as mesmas condições?

Por isso, companheiros e companheiras, mais uma vez eu quero agradecer, Prefeito. Requião, você viu que o Prefeito é bom de gogó, né? O Prefeito é bom de gogó. Agora, se explica por que ele ganhou, se explica. Mas eu quero agradecer, Prefeito, o carinho, o título de “Cidadão de Congonhinhas” dado a mim e ao Requião. Da próxima vez, dê um para a companheira Dilma Roussef, um para o Paulo Bernardo, um para o Lobão. O Lobão fez um discurso fino aqui, você viu?

Então, gente, com muito carinho, um beijo em cada um de vocês, cada homem, cada mulher. E nós vamos continuar trabalhando para que este país possa melhorar definitivamente. Essa é uma meta nossa e eu tenho certeza de que nós vamos conseguir atingir. Graças a Deus, eu sou tão católico, que um padre não vai nem à minha casa fazer extrema-unção, porque ele sabe o lado de que eu estou.

Um abraço, um beijo e até outro dia.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de homenagem a Apolônio e Renée de Carvalho**

Rio de Janeiro-RJ, 22 de junho de 2009

Querida companheira Renée de Carvalho,
Querida companheira Paulete (incompreensível),
Companheiros René Louis e Raul de Carvalho, filhos do nosso querido
Apolônio,

Governador Sergio Cabral,
Companheiros ministros que me acompanham neste ato,
Senador Paulo Duque,
Prefeito Eduardo Paes,
Embaixador francês,
Cônsul-Geral da França,
Meus amigos convidados,
Minhas amigas,
Companheiros da imprensa,

Estar aqui hoje em uma das mais importantes e simbólicas atividades do Ano da França no Brasil para homenagear alguém com a trajetória de vida do saudoso Apolônio de Carvalho, na presença da sua companheira Renée, companheira de toda a vida e uma guerreira singela e fraterna é, para todos nós, motivo de orgulho e emoção.

Homenagear Apolônio é muito mais do que lembrar de um companheiro e amigo querido. É certo que entre nós o companheirismo estará sempre associado ao sentido humanista inscrito na luta política que abraçamos coletivamente. Mas nesse caso, a memória transcende a afinidade pessoal e a amizade se torna um dever. Dever de reiterar valores e caminhos que ele



defendeu e seguiu, muitas vezes, com o risco da própria vida.

Hoje as referências de Apolônio e Renée ainda guiam os passos, iluminam as dúvidas, encorajam as decisões daqueles que compartilham os mesmos compromissos diante do nosso povo e da nossa história.

A recuperação da memória, assim entendida, não se confunde com nostalgia. Trata-se, ao contrário, de uma projeção do futuro contido na energia encorajadora de um grande homem e de uma grande mulher que nunca se acanharam diante dos desafios da história e que, sobretudo, nunca se deixaram embrutecer pelas adversidades, nem tampouco se permitiram qualquer deslumbramento pelas vitórias conquistadas. Esse traço de ternura desassombra, tão precioso na vida política, distinguiu Apolônio de Carvalho e distingue Renée como expressão de uma integridade humana ímpar.

Companheiros e companheiras,

A verdade é que mesmo os que combateram Apolônio reconheciam um gigante ético e humano abrigado em um militante político inquebrantável, de corpo tão esguio e desempenado quanto o seu próprio caráter. Assim era ele, um homem que sempre confirmou o otimismo e frustrou os derrotados de antemão.

Sua crença no futuro da Humanidade não era desprovida de conteúdo histórico. A verdade é que Apolônio não concebia outra forma de viver que não aquela engajada na elaboração e efetivação de políticas públicas, direitos e deveres que permitissem humanizar a própria sociedade humana. Nele, nada disso era posição. A luta pela justiça social não respondia apenas a um imperativo da sua consciência. Era também uma dimensão vital de existência, tão inexorável quanto respirar, saciar a sede, tomar sol, sorrir e amar.

Foi esse impulso que o tornou uma lenda, em vida. Uma vida de romance e de filme, que ele protagoniza com naturalidade desconcertante. Herói de três nações, personagem de livro de Graciliano Ramos e Jorge Amado, combatente da Guerra Civil Espanhola, comandante de um batalhão



de 2 mil homens na Resistência Francesa. E foi nas trincheiras da luta, na França, que Apolônio conheceu Renée, militante política que combateu pela libertação de seu país e depois (incompreensível) no Brasil, para recuperarmos a liberdade e a democracia. Sempre discreta, como é de seu estilo, mas nem por isso menos efetiva em sua presença e em suas ações.

Meus amigos e minhas amigas,

O repúdio de Apolônio a todas as formas de opressão, em especial a miséria e a desigualdade, guiou a trajetória desse herói que lutou contra a ditadura no Brasil, fundou o PT e integrou sua Direção durante seis anos. Todos se lembram dele como alguém que sabia expressar com maestria a força e a precisão das idéias, sobretudo por meio do idioma universal do exemplo. Apolônio fez dessa linguagem, com e sem palavras, o grande trunfo que explica a sua permanência no coração dos democratas e socialistas de todas as idades e de todos os lugares.

Quero crer que o nosso governo, coerente com os ideais que compartilhamos com Apolônio e Renée, está mudando o Brasil e ampliando o horizonte das possibilidades dos que virão depois de nós, tanto em termos sociais, quanto econômicos. E falo de objetivos concretos que sempre foram muito caros para todos nós, como maior geração de empregos, distribuição de renda, redução significativa das desigualdades, criação de oportunidades para a juventude brasileira e ampliação e aprofundamento da democracia com maior participação social.

Se estivesse aqui, Apolônio certamente repetiria mais uma vez a legenda de sua vida, para dizer: “valeu a pena sonhar”. E completaria, com todos nós: “vale a pena prosseguir com firmeza e persistência”. O Brasil que sempre sonhamos está vivo e ao alcance de nossas mãos. Tenho certeza de que todos aqui concordam: a melhor forma de honrar a trajetória de vida de Apolônio e Renée é continuar erguendo pontes entre os seus sonhos e a vida, em nosso tempo.



Eu queria, querida Renée, utilizar do meu improviso aqui, aproveitando que tem gente mais nova do que nós aqui, para que a gente compreenda o significado por que pessoas como o Apolônio de Carvalho perduram, porque pessoas como o Apolônio de Carvalho transcendem a disputas menores que existem dentro da política brasileira, entre as tendências, as correntes.

Eu me lembro, meu caro amigo Sergio Cabral, da entrada triunfante do Apolônio de Carvalho, recém-voltado do exílio, na fundação do PT, no Colégio Sion. Ele, Mané da Conceição, Hibrain e outros companheiros, que entraram triunfantes, em uma reunião, que eu não sei se todos que estavam lá continuaram no PT ou persistiram no PT. O dado concreto é que o público que estava lá tinha comportamento tão sectário, que alguns que foram nunca mais voltaram, de medo do que acontecia ali dentro.

Depois eu me lembro do Apolônio nas reuniões do PT. O Apolônio, chegou um tempo em que a gente nem lia a pauta e ele já pedia a palavra, tal era a angústia dele com o sectarismo de companheiros que não queriam trabalhar para modernizar a compreensão de mundo que o PT teria que ter, se o PT precisasse chegar ao poder. A Renée participou de muitas reuniões dentro do PT, assistindo, sem pedir a palavra, sem falar, sem ser inscrita. E ela sabe perfeitamente bem que em momento algum, por mais que fosse tenaz a disputa interna do PT, em momento algum nós vimos o Apolônio de Carvalho levantar a voz. Ele não levantava a voz para os amigos, não levantava a voz para os inimigos, até porque é uma das lições que eu aprendi com o Apolônio de Carvalho: a gente, para ser respeitado, a gente não precisa falar alto e nem gritar com os outros, a gente precisa apenas se fazer ser respeitado. E isso a gente faz com comportamento, isso a gente faz com afeição, isso a gente faz tratando os outros com respeito.

Uma das coisas marcantes na vida do Apolônio... e é uma pena que o Apolônio de Carvalho não esteja vivo para ver o que está acontecendo no Brasil. É uma pena que ele morreu no dia 24 de setembro de 2005, um



momento não muito feliz para o PT, um momento não muito feliz para o governo, quando nós fomos vítimas de ataques que em outros momentos históricos derrubou presidentes, levou presidentes a se matarem e fragilizou tanto a democracia brasileira.

Mas mesmo naqueles momentos de crise, eu me lembro de uma visita que fiz a Apolônio de Carvalho. Ele tinha a sagacidade de dizer para a gente: “não desanimem, os adversários agem assim mesmo, sobretudo no Brasil. Uma parte da elite dominante não perdoa quem não seja dela e esteja no governo”. E foi uma pena que ele não esteja vivo (incompreensível) para ver o que está acontecendo no Brasil, para ver o que está acontecendo no Rio de Janeiro, para ver o que está acontecendo em Pernambuco, para ver o que está acontecendo na Bahia e em Sergipe e em quase todo o território nacional. Nós estamos longe, ainda, de construir o país dos nossos sonhos. Certamente, estamos muito longe, ainda, de construir o Brasil que Apolônio de Carvalho sonhava. Mas a verdade é que nós estamos construindo um Brasil, e por conta desse Brasil nós sonhamos, e por conta desse Brasil nós conseguimos organizar politicamente uma parte da sociedade brasileira.

Eu me lembro que, uma vez, terminou uma reunião do Diretório do PT e eu levei o Apolônio de Carvalho para dormir em casa. Nós paramos na Rua Jurubatuba, lá em São Bernardo do Campo, paramos em uma esquina, no bar do Baiano, e fomos comer uma moqueca e tomar uma cachacinha, que ninguém era de ferro, também. Depois de passar o sábado inteiro reunido no Diretório do PT, a gente merecia tomar uma cachacinha. E nós demos um azar, Renée, porque chegamos lá, caiu um pé d’água, e o bar encheu de água. Tinha um companheiro tocando timba. Timba é um instrumento, Sergio, que eu vou morrer sem aprender a tocar. A coisa mais bonita que eu acho, o cara com uma timba consegue fazer um samba de primeira qualidade. É uma timba e um negocinho de aço lá, uma escovinha de aço. Eu e o Apolônio ficamos em cima da mesa, sentados na cadeira, ouvindo o companheiro sentando em cima de



uma mesa, numa cadeira, com a sua timba, até quase às duas horas da manhã, até a água abaixar, para a gente ir embora para casa.

Aí o Apolônio começou a me contar da passagem dele na França, e começou a me contar de alguns ataques que ele fazia aos alemães, como é que ele fazia para tomar as armas dos alemães. Eu não acreditava – engraçado, isso – eu não acreditava que o Apolônio fosse capaz de ferir alguém, não acreditava. Se não fosse ele que estivesse me dizendo o que ele tinha feito para poder fazer a Resistência sair vitoriosa, eu, sinceramente, não acreditaria. Se fosse qualquer um aqui que contasse... você, eu ainda acreditaria, Renée. E ele, muito mais.

Agora, o mais importante do Apolônio de Carvalho é que a gente não via o Apolônio de Carvalho com rancor. No tempo em que eu convivi com o Apolônio, e vivemos momentos muito intensos no nosso partido, eu nunca vi o Apolônio de Carvalho intransigente, eu nunca vi o Apolônio de Carvalho guardar uma mágoa porque tinha perdido uma votação no Diretório do PT. Muitas vezes eu ficava até chateado, nervoso, porque o PT era muito jovem, meninos muito jovens e meninas, ou seja, as vezes achava que o Apolônio tinha virado de direita porque estava em uma posição muito mais eclética, do ponto de vista político. E precisa chegar aos 60 anos de idade para a gente compreender esse ecletismo que nós temos que ter na política, para poder chegar ao poder. O Apolônio tinha isso com antecedência, e por conta disso muita gente dizia: “ele está virando conservador, ele já não é mais o mesmo”.

Hoje eu percebo, Renée, eu me lembro quando eu... quando a gente perde muitas eleições, a gente aprende muito. Alguns não aprendem e desistem. Outros pegam os ensinamentos das derrotas e constroem uma vitória. Mas eu me lembro, Renée, que uma vez eu vim ao Rio de Janeiro fazer um comício e eu falei as palavras “eu quero fazer reforma agrária ampla, radical, sob o controle dos trabalhadores”. Mas eu babava, eu não falava como estou falando agora. Aí, eu desço do palanque e uma mulher fala assim para



mim: “Ô Lula, por que você não fala que você quer fazer reforma agrária, e está bom. Por que você tem que gritar tanto, que assusta a gente”. O Apolônio falava isso com uma tranqüilidade, ele falava rindo as coisas que a gente falava gritando. Ele falava com os olhos alegres aquilo que a gente falava com raiva. As palavras saíam suavemente da boca dele, e da nossa saíam com muita aspereza.

Eu me lembro, Renée, que quando eu fui candidato em 2002, nós fizemos uma pesquisa. Lá estava escrito assim: 83% do povo queria reforma agrária tranqüila e pacífica; eu não vi mais de duas semanas para conseguir gravar um programa de televisão utilizando as palavras “tranqüila e pacífica”, porque eu estava acostumado a falar “ampla e radical, sob o controle dos trabalhadores”. Ou seja, eu acho que a vida inteira do Apolônio ele ensinou a gente a ter essa tranqüilidade, a ter essa postura meiga, doce, sem abrir mão das suas convicções, sem abrir mão das suas argumentações, sem abrir mão daquilo que ele acreditava.

Eu acho bonito esse ato aqui, Renée, sabe por quê? Porque ultimamente eu ando com uma divergência com alguns companheiros meus, a gente fica chorando muito a morte dos nossos mortos e a gente não os transforma em heróis. A gente fica apenas querendo condenar os algozes e a gente não transforma ele em um herói. Eu acho que a gente precisa transformar o Apolônio em um herói. O Brasil é um país sem herói. Se você perguntar, em qualquer lugar deste país, seja do Oiapoque ao Chuí, quem é o único brasileiro, a gente só lembra de Tiradentes, que foi morto e perseguido como foi Apolônio de Carvalho, que foi morto e perseguido... Todo mundo lembra da história do Tiradentes, ou seja...

Então eu acho que nós... esse ato de homenagem ao Apolônio de Carvalho, e os franceses o fazem com galhardia porque o Apolônio, certamente, pela Resistência, foi uma figura marcante na história da França, certamente foi uma figura marcante na história da Espanha, embora não tenha



ganho. Mas a derrota dele permitiu que ele conhecesse a Renée depois, na França, e foi uma vitória exuberante, que perdura até hoje.

Eu não consigo imaginar, Renée, o Apolônio morto. Essa é a verdade. Eu vejo que o Apolônio é um companheiro que sempre nós vamos nos lembrar dele, porque ele está sempre junto conosco. E acho que os ensinamentos do Apolônio não são ensinamentos passageiros.

Eu conversei muito com o Apolônio, (incompreensível), sobre o Mario Alves, muito, até porque foram parceiros do PCBR. Eu achava engraçado a forma com que o Apolônio fazia as críticas... eu acho que menos críticas, mas (incompreensível) das organizações que ele tinha participado e que não pensavam no povo trabalhador, no povo mais humilde deste país. O Apolônio pensava, na sua grandeza. Tudo, para ele, era fazer com que o povo vivesse melhor. Eu lamento profundamente que o Apolônio não esteja aqui para viajar comigo no Brasil, para ver a cara de um aluno do ProUni.

Aliás, esses dias eu vi (incompreensível) publicar uma matéria outra vez, dizendo que os alunos do ProUni estão acima da média. Eles, que disseram que eu ia nivelar por baixo a educação, quando nós criamos o ProUni. São 541 mil jovens, dos quais 40% negros, que estão fazendo universidade neste país. Não há cota que consiga reverter um número dessa dimensão. Eu gostaria que o Apolônio tivesse ido comigo hoje no Paraná inaugurar o programa Luz para Todos. Na verdade, hoje nós inauguramos a ligação em... na verdade, foram 2 milhões e 40 mil famílias que receberam ligação. Isso é um montante de 10 milhões de pessoas. Veja que beleza, Renée. Assim que chega o Luz para Todos, 83% compraram televisão; 78% compraram geladeira; 44,7% compraram aparelho de som. Veja que coisa extraordinária, 41% começaram a estudar à noite, depois que chegou a energia elétrica. Ou seja, por que não se fez isso antes? Sabe, Apolônio, é porque os que governaram este país nem sabiam o que era candeeiro, a não ser por literatura, nunca viveram fazendo comida na base do candeeiro, (incompreensível) cuidar... Se o Apolônio



estivesse vivo, eu tenho certeza de que ele seria o mais extraordinário defensor dessas coisas que estão acontecendo. É um conjunto de pequenas coisas que junto dá uma dimensão extraordinária.

Por isso, eu quero agradecer a todos que participaram da constituição do projeto desta homenagem ao companheiro, porque o companheiro Apolônio, eu diria, não tem similar. Na esquerda brasileira tem pouca gente similar ao companheiro Apolônio, na sua grandeza e na sua paixão em tudo o que ele fazia.

Parabéns, querida Renée. E certamente, eu não vou dizer: ele só foi um grande homem porque tinha uma grande mulher atrás dele. Na verdade, eu poderia dizer: ele foi um grande homem e você, uma grande mulher.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2009/2010**

Londrina-PR, 22 de junho de 2009

Meu caro companheiro Roberto Requião, governador do estado do Paraná,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Reinhold Stephanes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e sua esposa Cristina Stephanes,

Meu querido companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, e sua senhora Gleisi Roffmann,

Meu caro Orlando Pessuti – você é bem melhor do que a análise que o Requião faz de você.

Meu caro companheiro Osmar Dias, senador da República,

Nossos companheiros deputados federais Alex Canziani, André Vargas, Assis do Couto, Ratinho Júnior, Ricardo Barros, Rodrigo Rocha Loures, Odílio Balbinotti e Wilson Picler,

Meu companheiro Barbosa Neto, prefeito de Londrina, por meio de quem quero cumprimentar a todos os prefeitos da região aqui presentes,

Vereador Padre Roque, presidente da Câmara Municipal de Londrina, por meio de quem cumprimento os vereadores da região,

Nosso querido Walter Bianchini,

Meus amigos presidente do Sindicato dos Produtores Rurais do Estado do Paraná, presidentes de cooperativas,

Meus companheiros e companheiras da imprensa,

Hoje é um dia importante para mim, como presidente da República,



importante para o meu governo, importante para o Paraná e importante para o Brasil. Hoje nós começamos, numa cidade pequena aqui próxima, chamada Congonhinhas, onde nós fomos comemorar o Programa Luz para Todos, que atingiu 2 milhões e quarenta mil casas que nós colocamos energia elétrica, desde 2004. Parece pouco, mas são dez milhões de pessoas que nesses últimos 4 anos apagaram o candeeiro e tiveram acesso ao século XXI, porque até então eles estavam no século XVIII.

E esse Programa, só para vocês terem ideia de alguns números, que são muito marcantes, e ele vem complementar os números auspiciosos ditos aqui pela Dilma Rousseff e pelo ministro Reinhold Stephanes. Só para vocês terem ideia, o programa que começou em 2004, nós já investimos R\$ 9 bilhões e 800 milhões no programa Luz para Todos. Só para vocês saberem o volume de emprego que o programa gerou no Brasil inteiro nesses quatro anos, aproximadamente 300 mil empregos foi o que o programa Luz para Todos gerou no Brasil nesse período.

Foram implantados 4 milhões e 620 mil postes. Nós utilizamos 883 mil quilômetros de fio e utilizamos 708 mil transformadores. Imaginem o que significa 4 milhões 620 mil postes, 883 mil quilômetros de fios e 708 mil transformadores no programa Luz para Todos. Alguns estados, nós já passamos a meta estabelecida pelo IBGE: Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. E os estados que nós não atingimos foram os estados em que a gente tinha empresas de energia federalizadas e que não funcionavam corretamente.

O governo federal federalizou ela há algum tempo atrás para privatizá-las. Como elas não eram rentáveis, não privatizou e elas ficaram sendo cabide de empregos porque o governo federal tomava posse e quem indicava os cargos para as empresas eram os governos dos estados, os deputados da



região, e nós descobrimos que essas empresas estavam dando 1 bilhão e 800 milhões de déficit por ano para os cofres da Eletrobrás.

Eu então tomei uma decisão de chamar os governadores dos estados que tinham as empresas federalizadas e fiz uma proposta honesta e simples para eles: vocês querem indicar a direção? Então nós devolvemos as empresas para vocês e vocês arcam com o custo e benefício. Se tiver lucro, maravilha. Se tiver prejuízo, vocês pagam. Ou vocês entregam elas definitivamente para a gente, nós vamos colocar uma administração federal e vamos indicar os diretores. Depois de um ano, todas as empresas passaram a dar lucro, mas essas empresas não conseguiram cumprir as metas do programa Luz para Todos e, este ano, nós vamos tirar a diferença e, portanto, nós temos o prazer de dizer que chegaremos ao fim do ano atingindo a meta em todos os estados da Federação. Mas vamos ver o que significa isso, porque o Requião, não sei se para falar aqui no que significa investir na agricultura, precisou falar de boca aberta da Rússia e da China. Eu ultimamente ando de boca aberta, sabe por quê? Porque o Corinthians está ganhando muito. Estou de boca aberta porque estamos em uma fase boa. Mas veja o que significa aqui. Eu estou de boca aberta por quê? Veja só o que significa aqui esse negócio extraordinário: 78% das famílias que receberam energia elétrica do Luz para Todos compraram televisão, 73% compraram geladeira, 44% compraram equipamento de som. Veja o que significa este percentual em unidades: 1.570.000 televisores, 1.462.000 geladeiras e 894 [mil] aparelhos de som. Ou seja, isso significa uma revolução na vida de 10 milhões de brasileiros que estão próximos da casa da gente, que estão próximos de algumas capitais, que estão próximos de cidades importantes e que eram esquecidos, porque a maioria das pessoas que governaram este país nunca tiveram problema de conviver abaixo da luz de candeeiro, nunca, e, portanto, não sabem como vive uma mãe ou um pai que cuida de sua família à base de luz de candeeiro.

Esse é o primeiro dado de um equívoco que aconteceu neste país



durante muito tempo. Aqui neste país se construía uma hidrelétrica e, às vezes, a cinco quilômetros da hidrelétrica tinha famílias pobres vivendo sem energia elétrica. Porque as pessoas não viam, porque os pobres no Brasil são muito lembrados em época de eleição. Em época de eleição pobre vale mais do que fazendeiro, mais do que banqueiro e mais do que empresário porque são a maioria. Só que depois das eleições as pessoas esquecem.

O que nós queremos fazer? Nós queremos mostrar que é possível este país crescer, os ricos continuarem ricos e os pobres melhorarem de vida para se transformar em cidadãos de classe média, consumidores, que vai fazer com que as pessoas que produzam ganhem ainda mais dinheiro. É uma lógica tão simples de ser entendida e que, muitas vezes, nós dificultamos, porque muitas vezes nós colocamos o discurso na frente da realidade.

Na última sexta-feira, eu fui ao Mato Grosso e foi lá que eu disse a frase “que não era possível chamar de bandido aqueles que na década de 70 desmataram, porque a ordem e a palavra de ordem e o financiamento era para desmatar”. Quem não lembra, quando o Geisel levou milhares de gaúchos, não sei se paranaenses, para a Amazônia, para desmatar. Agora, preste atenção, nós também temos que olhar em função da realidade de cada região deste país. Você não pode pegar um estado que tem a agricultura pronta, que desmatou na década de 30, na década de 40, 50, 60, e dizer: Agora vamos botar tudo, acaba com tudo, vamos replantar tudo o que tinha antes para a gente começar de novo. Assim não vale.

O que nós temos que fazer? Primeiro, eu tenho discutido com o ministro Reinhold Stephanes e nós precisamos ter políticas de florestamento neste país. Nós temos milhões de hectares de terras degradadas, que nós precisamos ter uma política. Da mesma forma, sabe, que nós queremos preservar, nós temos que pagar para preservar, nós temos que pagar para a pessoa preservar a sua terra. E nós temos que pagar para as pessoas plantarem. Se um (incompreensível) a gente pagou... Eu estava vendo porque em Nova Iorque...



é engraçado, quando as coisas acontecem no exterior é tudo bonito. Esses dias, eu estava vendo o Globo Rural e estava passando a água de Nova Iorque. E a Prefeitura de Nova Iorque, ela paga para que o produtor não tenha uma pocilga no riacho. Ela paga para ele fazer um tanque bem distante, ela paga para que a vaca não atravesse no riachinho para a água chegar limpa, lá em Nova Iorque. A Prefeitura paga.

Nós, aqui no Brasil, apenas proibimos. E vocês já viram aquelas plaquinhas nas gramas: é proibido pisar? É uma provocação para a gente pisar. É uma provocação. Então eu penso que ao invés de a gente ficar apenas tentando proibir, é preciso que a gente tenha imaginação fértil, coloque a nossa criatividade para funcionar para a gente saber o seguinte: é inexorável, este país finalmente vai ser o celeiro do mundo, é inexorável. Porque tem mais chinês comendo, tem mais africano comendo, mais brasileiro comendo, mais indiano comendo, o mundo está comendo mais. E quando você olha o mapa do mundo, você percebe que não tem um país que tem a quantidade de terra pronta para agricultura como tem o Brasil, que tem sol o ano inteiro, que tem chuva, que tem uma série de coisas, tecnologia de ponta.

Lógico que nós não estamos sozinhos. Nós temos inimigos, nós temos adversários, nós temos gente que vai lá fora dizer que a nossa carne não presta. Nós temos gente que vai dizer que a nossa soja é isso, que nosso milho é aquilo, que nosso etanol é o responsável pelo encarecimento do alimento. Não pense que isso é de graça. Esse é um discurso ideológico dos nossos adversários. Por que a Shell tem interesse em que a gente produza mais álcool? Por que a Esso tem interesse em que a gente produza biodiesel?

A Dilma sabe, nem a Petrobras gostava da ideia. Para a gente colocar o programa do biodiesel foi quase uma imposição do governo, já que somos nós que indicamos os companheiros da Petrobras para a diretoria. Ora, imaginem uma coisa: vocês todos aqui sabem porque o Brasil criou o Pró-Álcool, todo mundo sabe. Não foi nenhum ato de genialidade. Sobretudo o Reinhold



Stephanes sabe perfeitamente bem. Nós tínhamos o açúcar com o preço extraordinário no mercado internacional, na década de 70. Todo mundo “danou” a plantar cana neste país, e sobretudo no estado de São Paulo, aí o preço do açúcar despenca. O que vai fazer com o álcool ou com a cana-de-açúcar? Graças a Deus se pensou em fazer o Pró-Álcool. Até 1990, a gente teve quase toda a frota de carro brasileiro a álcool e as pessoas não gostavam. Aqui em Londrina deveria ser assim, porque dizem que quando estava muito frio o “desgramado” demorava para pegar, então as pessoas não gostavam. Mas nós tivemos quase 90% da frota a álcool. De 90 a 2000 desmontou tudo.

Outro dia falaram que eu estava elogiando usineiros, porque eu disse que eles estão sendo tratados com cidadania hoje, porque até outro dia eram tratados como os bandidos da indústria brasileira. Falar de usineiro, ninguém queria saber, porque era aquele negócio de só tomar dinheiro emprestado do governo, não pagar, não prestar conta, era uma loucura aquilo. O que está acontecendo hoje neste país? Depois que o álcool deixou de ser combustível para carro e a indústria automobilística não produzia mais nenhum carro, nós fizemos um pacto. E o que resultou deste pacto? Noventa e oito por cento dos carros vendidos no mercado interno hoje são carros flex fuel. Eles utilizam álcool, ou gasolina, ou meio a meio, a gente faz a mistura que a gente quiser. E temos que produzir mais, porque nós precisamos disputar o etanol é no mercado externo, porque eles assinam o Protocolo de Quioto, porque eles assinam “mais não sei o que lá”. Protocolo, agora, vai ter um outro de Copenhague. E querem que a gente preserve as nossas florestas. Nós vamos preservar. Agora, não metam o dedo sujo de combustível fóssil no nosso combustível limpo, não metam. Deixem que a gente vai saber cuidar disso com muito carinho. E, para isso, nós estamos fazendo o zoneamento agroecológico.

Obviamente, eu tenho dito também que hoje a gente preservar, manter o nosso ecossistema e manter a biodiversidade é uma vantagem comparativa para nós na disputa no mercado internacional. Quem viaja o mundo para



comercializar sabe que preservar hoje é uma vantagem comparativa para nós. É mais qualidade, é mais respeito. Porque não pensem que nós estamos sozinhos. A campanha no mundo é uma campanha muito dura. Eu, inocente, eu fui a Genebra da outra vez, o ano passado, quando eu cheguei lá me chamaram para um debate, a primeira coisa que eu ouço é que o etanol brasileiro era o responsável pelo preço da soja em maio e em junho do ano passado, quando subiu de forma excepcional; pelo preço do feijão, que não é nem exportado.

Aí, nós temos que pegar o mapa do Brasil, mostrar que apenas 1% do território brasileiro é utilizado cana-de-açúcar, que nós temos 360 mil de terras na Amazônia que estão preservadas, que nós temos 60 milhões de hectares para recuperar. E é preciso contar toda uma história. Porque quando vem uma Primeira-Ministra alemã no Brasil, conversar comigo, a primeira coisa que ela quer saber é: “como é que anda a Amazônia? A soja está tomando conta da Amazônia? O gado está tomando conta da Amazônia? O milho está tomando conta da Amazônia? A cana...” Ou seja... E eu, educadamente, não pergunto para ela: se você está tão preocupada em preservar, por que “depelou” o seu país? Por que não manteve as florestas em pé lá?

Agora, tem uma coisa que é importante para nós. Hoje, nós temos que aproveitar que nós temos essa extraordinária floresta tropical em pé para fazer dela uma forma de ganhar dinheiro. Eu, inclusive, Requião, estou criando, acho que você... não sei se a Copel já criou, estou criando uma Secretaria Especial de Crédito de Carbono, porque cada projeto de uma usina que a gente fizer, cada projeto de uma empresa de biodiesel que a gente fizer, cada hidrelétrica que a gente fizer, a gente pode entrar com um pedido para que eles paguem o sequestro de carbono que nós vamos fazer e a diminuição da emissão de gás de efeito estufa. O que nós precisamos é nos preparar para esse enfrentamento. Porque, daqui a pouco, vai ter neguinho dizendo: “A Amazônia é internacional”. A Amazônia é de brasileiros e brasileiras, de negros e



brancos.

Então, eu acho que nós precisamos ficar atentos. Nós precisamos ficar atentos nesse debate, que ele é muito delicado. Ele é muito delicado. Inclusive para empréstimo de dinheiro a empresas brasileiras, temos (incompreensível) de financiamentos multilaterais. Eles vão criando o gado e nós temos que fazer as coisas certas para que a gente tenha vantagem.

Obviamente, veja, eu acho um absurdo as pessoas derrubarem a mata ciliar. Eu acho um absurdo, porque qualquer criança de escola, no ensino fundamental, já tem consciência que se a gente “depelar” até a beira do rio vai ter erosão, conseqüentemente aquele rio, logo, logo, vai deixar de ser perene, com prejuízo para todo mundo. E nós não temos o direito...

Eu, agora, fui jogar peixe na represa Billings e, depois de um teste feito pelo Ministério da Pesca, eu não posso criar peixe lá, sabe por quê? É o único lugar que eu tenho para pescar quando eu não for mais Presidente, é a Represa Billings, lá em São Bernardo do Campo. Ela tem 123 quilômetros quadrados. Agora, só uma pergunta: qual foi o engraçadinho que achou que era dono do País, pegou chumbo – uma empresa de mercúrio, melhor – e poluiu a empresa [represa] toda de mercúrio. A gente não pode comer um peixe melhor, porque o peixe come mercúrio que está no fundo da lama. Olha, com que direito o cidadão, por ser empresário, tem o direito de poluir um bem coletivo de toda uma cidade ou de toda uma região? Não é possível nós aceitarmos isso como se fosse desenvolvimento. Isso é um retrocesso.

Então eu penso que hoje nós não precisamos mais ideologizar esses temas e sentar em torno de uma mesa e discutir como é que a gente faz e melhor. Eu estou vendo aqui os nossos premiados. E eu lembro como se fosse hoje, a Dilma participou quando nós fomos aprovar o projeto da hidrelétrica do Rio Madeira, Santo Antônio e Juruá... Jirau. A briga, vocês não queiram imaginar, não queiram imaginar o que nós perdemos de meses discutindo os grãos de areia que estavam no fundo do rio. Não queiram imaginar.



Precisamos contratar o melhor professor do mundo nessa matéria, que era um indiano que veio dos Estados Unidos, me entregou um pote de areia de fundo do mar para mostrar como é que a areia corria, que não ia fazer isso, que não ia fazer aquilo.

Quando nós resolvemos o problema da areia, me chega outro e diz dos peixes, que tinha muito bagre e que os bagrinhos não iam conseguir nadar, para represar lá nos Andes, aquele negócio todo. Eu me comprometi, quando deixar a Presidência, comprar uma canoa, pegar os bagrinhos, colocar na canoa, levar do outro lado e trazê-los de volta. Não, não.

Quando a pessoa, Requião, estava falando que a gente não podia fazer hidrelétrica por causa dos bagres, eu perguntei: que bagres? Talvez ela não tivesse lembrado, mas ela não conhecia um nome de um bagre. E eu falei: é o mandi-chorão que você está falando? É o bagre africano? É o pintado? É a pirarara? É o cachara? Ou seja, porque, na verdade, era uma coisa muito teórica. E eu peguei um companheiro nosso, Requião, lá de Campo Grande, o Jaime, do projeto Pacu, que é o maior criador de peixe hoje, em cativeiro, no Brasil, e ele cria todos esses bagres lá no rio Madeira, onde a gente está fazendo a hidrelétrica, em cativeiro. E eu tenho lá no lago do Alvorada, não no lago grande, o lago pequeno lá dentro, eu tenho peixe de 20 quilos.

Então, conseguimos. Conseguimos finalmente. Quando estava tudo pronto apareceu alguém para dizer o seguinte: olha, mas não pode porque tem uma poça d'água lá que tem mercúrio e não pode fazer hidrelétrica. Tivemos que pegar o Ministério da Saúde e colocar uma equipe para ir lá. Ficava mais barato assentar as famílias em um prédio de cobertura em Copacabana do que não fazer hidrelétrica. Tivemos que mostrar que não tinha. Finalmente nós começamos as duas hidrelétricas.

Eu estou dizendo isso para vocês porque quando a gente reforça a carga ideológica no debate... hoje a gente não deve ficar debatendo se é preciso desmatar ou não desmatar. É correto que a gente desmate o que for



necessário, e que a gente cumpra determinadas regras. Porque também, vamos ser francos, a gente aqui não sente muito, mas às vezes um cidadão do Sul do País ir lá para o Acre, comprar uma quantidade de terras que ele não conhece, chega lá, contrata 50 jagunços, manda tocar fogo, toca fogo em tudo, pensando que vai dar capim, e nem capim vai dar.

É preciso que tenha o estudo do solo correto, é preciso saber se aquilo vai produzir alguma coisa. Porque nós somos um país civilizado, e hoje o Brasil não é um país marginal. Hoje ninguém fala mais que o Brasil é um país pobre, é um país de terceiro mundo. Hoje, este país é convidado para participar do G-8, do G-20, do G-14, do G-13, do G-5, ou seja, este país tem importância política. E isso aumenta a nossa responsabilidade. Aumenta a responsabilidade de um trabalhador humilde, de um trabalhador sem-terra e do maior fazendeiro deste país. Aumenta. Todos nós vamos ter que ter mais responsabilidade, para que a gente utilize a tecnologia para ela substituir a quantidade de terra que nós precisamos para fazer as coisas.

Hoje, a gente deve se lembrar sempre, de vez em quando alguém fala: “O preço da carne está barato”. Mas é importante lembrar que teve um tempo que a gente demorava 48 meses para abater um boi. Hoje, com 18 meses a gente está abatendo, se for criado corretamente. Antigamente a gente colhia uma quantidade de produto por hectare que hoje a gente está colhendo dez vezes mais. Tudo isso é lucro, tudo isso é vantagem do Brasil na competitividade.

Vocês sabem que outro dia eu perguntei para o Furlan quanto tempo demorava um frango. Pouco tempo atrás era 90 dias para matar um frango, hoje já está com menos de 40 dias, daqui a pouco ele nem nasce, a gente já pega ele do ovo e já come, tal é a rapidez do avanço tecnológico.

Então, companheiros, nós precisamos, neste momento, é mais sabedoria do governo. Eu estava cansado. Eu estava cansado de ver a briga, porque governo é que nem mãe. Vocês já viram uma mãe, quando tem dois



filhos que querem a mesma coisa, ou seja, que querem coisas diferentes? Um fala: “Eu quero ir para Nova Iorque”. O outro fala: “Eu quero ir para Londrina”. A mãe está em São Paulo, ou está em Pernambuco, ou seja, quem que a mãe atende? Ela não vai poder privilegiar um, ela vai ter que convencer e tentar mediar, para que a gente... pode não ir a Londrina, ou a Nova Iorque, mas a gente vai em algum lugar.

O governo é a mesma coisa. Eu estava cansado. Quando tem seca, a culpa é do governo. Quando estraga, a culpa é do governo. E eu fiquei: meu Deus, pelo amor de Deus, assuma um pouco desta culpa, meu Deus, distribua comigo, distribua comigo. Eu fui a Itajaí, porque estava há três meses caindo água lá, acabando com Santa Catarina e, Chapecó, a seca acabando com Santa Catarina. Hoje você vê o Rio Grande do Sul com seca e o Nordeste morrendo afogado. Ou seja... e essas coisas a gente tem uma facilidade enorme de culpar as pessoas, sabe? Então o governo culpa vocês e vocês culpam o governo e eu acho que é preciso parar com isso e tentar saber o seguinte: qual é o ponto de equilíbrio? Qual é o ponto de equilíbrio? O ponto de equilíbrio é quando a gente estabelece uma regulação capaz de dar tranquilidade a vocês para não ficar dependendo, a cada vez que tem uma crise, do governo. Por isso que o Congresso tem que aprovar um fundo contra catástrofe, urgentemente. Por isso que o seguro agrícola tem que ser fortalecido, para parar com essa história de alguém culpar alguém.

Ou seja, o que nós precisamos é saber o seguinte: o que nós poderemos construir por este país agora. O País entrou em uma outra esfera. Vocês sabem – muita gente não acreditava – mas nós fomos para a China, agora. Agora encontrei os companheiros que produziam... que produzem frango aqui, falou: “presidente, fechamos o negócio”. Agora, isso é muito trabalho. Quantas vezes os ministros foram na China? Quantas vezes os empresários foram na China? E quando a gente vira as costas chega o outro



que quer vender também. Chega o outro que quer vender. Não somos nós sozinhos.

Eu estou sendo processado por um cidadão que cria porco lá em Santa Catarina, porque ele disse... O Estadão publicou a matéria dele dizendo que ele vendia carne com facilidade para a Rússia, porque ele corrompia os russos. Ora, isso foi publicado em manchete no Estadão de São Paulo. Os russos simplesmente pararam de comprar carne. Eu fui em um debate, eu disse isso, não sabia que ele estava lá, mas eu disse, e ele então está me processando. Eu só vou mandar na minha defesa o recorte de jornal que ele falou.

Essa coisa é muito delicada. E o que eles têm para inventar contra nós? O controle sanitário. Por isso eu falei para o Reinhold: olha, não vai ter [falta de] dinheiro para fazer a fiscalização sanitária. Não vai ter falta de dinheiro. Pode ficar tranquilo, Reinhold, vamos fazer. Porque ou o Brasil age assim, ou o Brasil está disputando com mega países. Não seria muito mais fácil o Bush comprar o nosso álcool quando ele começou a criar o programa dele de etanol do milho, do que produzir de milho? Por que ele não comprou, que era muito mais barato e mais eficiente? É porque ele está preocupado com os votos, porque os produtores agrícolas americanos votam como votam os nossos. Então ele pega uma coisa que é alimento animal, ração animal e ração humana, porque na América Central e no México se come *tortilla* como nunca, sabe, e resolveu produzir etanol. Obviamente que isso é uma coisa grave, quando poderia financiar na África, financiar na América Central a produção de etanol, ou fazer parceria aqui no Brasil, com os nossos empresários.

Então, é uma disputa que nós vamos ter em todas as esferas. Todas as esferas nós vamos ter. Não pensem que será fácil. Eu posso levar álcool para lá brilhando a ouro, com cheiro de perfume francês, eles vão dizer: “Está desmatando a Amazônia”. Eles vão dizer: “Tem trabalho...”. Até trabalho escravo eles disseram que tem.

Agora, qual foi a resposta que nós demos para eles, Reinhold? Essa



semana nós vamos assinar, lá em Brasília, com mais de cem empresários do etanol, e os trabalhadores, uma carta-compromisso com algumas coisas que todo mundo tem que fazer. Não é possível um trabalhador rural ficar sem ter um banheiro para ir, ficar fazendo as suas necessidades no meio do mato; não é possível que ele não tenha uma comida quentinha para comer na hora; não é possível que ele não tenha água gelada para beber. Ou seja, isso é o mínimo de cidadania que nós precisamos dar para dizer para os outros: comprem o nosso álcool. Senão, eles não compram. E eu acho, Requião, companheiro Reinhold Stephanes, empresários, eu penso que nós estamos chegando nesse ponto de equilíbrio, para construir uma coisa que seja sensata para todo mundo.

Hoje eu dizia lá num encontro, lá, sabe, essa história de que a agricultura familiar e o agronegócio não combinam é uma farsa que eu não sei quem inventou. O Brasil precisa das duas. O governo e a nação depende dos dois, depende dos dois. Então, para que inventar essa falsa briga? Por que não estabelecer uma relação?

Veja, nós lançamos o Programa Mais Alimentos em junho do ano passado, não tinha chegado a crise no Brasil ainda. Sabe quantos tratores foram vendidos, em dez meses? Onze mil tratores. Esses 11 mil tratores significam 75% da produção de tratores neste país. E a gente lançou antes da crise. O PAC, a gente lançou antes da crise.

Na verdade, o que nós estamos fazendo na crise é fazer políticas anticíclicas para poder fazer alguns reparos, ir fazendo ajustes, fazendo ajustes. Porque eu não tenho dúvida nenhuma que o Brasil foi o último a entrar e vai ser o primeiro a sair. Agora, o que nós não podemos é ter medo, o que nós não podemos é nos acovardar. Ou seja, se... Imaginem um urso que está hibernando, aquele ursão grande, em uma caverna gelada, ou seja, que são os Estados Unidos e a Europa. Quando eles acordarem, Requião, eles vão querer comprar coisas, e este país tem que estar preparado para produzir e para



vender, para ganhar dinheiro, para fortalecer a nossa indústria.

E nós não podemos deixar que os nossos agricultores fiquem na mão de três ou quatro (incompreensível), que na hora do “pega prá capar”, correm e deixam os agricultores na mão. Por isso que o estado tem que se preocupar. E é por isso que, orgulhosamente, eu estou aqui para anunciar e ouvir o Reinhold Stephanes falar do maior programa para a agricultura brasileira da história deste país. É com muito orgulho que eu participo deste dia aqui na cidade de Londrina.

Veja que engraçado: em dezembro do ano passado, quando saiu o número do desemprego, o meu ministro do Trabalho falou assim para mim: “Presidente, nós tivemos um grande desemprego e a maioria dele foi na agricultura”. Agora, hoje, Requião, eu recebi os números do Caged. No mês de maio, foram criados 131 mil empregos positivos. Onde se criou mais? Na agricultura: 53 mil empregos na agricultura no mês de maio e 49 [mil] no setor de serviço e 17 [mil] na construção civil e 14 mil no comércio. Isso significa aquilo que o Requião disse. Ou seja, a agricultura responde muito rapidamente. O feijão você colhe com 90 dias, a soja você colhe com quatro meses. Ou seja, portanto, tudo que a gente quiser plantar... Só pé de jabuticaba não irrigado, que demora 17 anos para dar. Mas, no resto, dá com muita facilidade. E o Brasil não pode prescindir em fazer essa discussão xenófoba.

Por isso, eu quero terminar dizendo a vocês o seguinte: olhem, eu espero que vocês não acreditem em todos os números que foram falados aqui, porque esses números só serão verdadeiros se eles forem executados. E para serem executados é preciso que vocês cobrem do Reinhold, para que ele cobre do Paulo Bernardo, para que o Paulo Bernardo cobre do Guido e para que o Guido venha pedir para mim se vai liberar ou não.

Porque entre a gente decidir liberar e liberar tem uma distância. É preciso colocar um termômetro, Reinhold, lá na sua sala, que diga qual é o período de plantar, qual é o período de colher, qual é o período de vender, para



a gente fazer com que o dinheiro saia na época certa que as pessoas precisam, senão o Plano é maravilhoso, mas ele não será executado como muitos outros que foram feitos neste país.

No mais, eu quero me despedir de vocês dizendo que eu tinha sido convidado para um almoço, cheguei aqui um pouco atrasado, estou 6h20 sem almoçar, tinha que estar no Rio de Janeiro às 7h, ainda estou aqui, portanto o que eu quero é o seguinte: pelo amor de Deus, gente, plantem, plantem, plantem, porque o Brasil vai precisar, e muito, da nossa agricultura, para que a gente saia desta crise mais forte e muito mais robusto.

Um abraço, e boa sorte a todos vocês, agricultores brasileiros.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante inauguração do novo prédio do Hospital Israelita Albert Einstein

São Paulo-SP, 23 de junho de 2009

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra,
Dom Odilo Pedro Scherer, cardeal-arcebispo metropolitano de São Paulo,

Meu caro companheiro, José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Minha companheira Marisa Letícia,
Parlamentares aqui presentes,

Meu caro Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,
Doutor Claudio Luiz Lottenberg, presidente da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, na pessoa em que saúdo os vice-presidentes, profissionais do corpo clínico e colaboradores do Hospital Albert Einstein,

Senhoras e senhores líderes religiosos,
Companheiros da imprensa,
Amigos e amigas,

É com grande alegria que participo desta solenidade de inauguração de mais um edifício do complexo hospitalar da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein. Há pouco menos de quatro anos, participei das comemorações dos 50 anos desta sociedade beneficente, cujos serviços são uma referência de dedicação profissional à saúde e à defesa da vida.

Este pavilhão, que tenho a honra de inaugurar, leva os nomes de Vicky e Joseph Safra, que contribuíram decisivamente para sua construção. Por intermédio deles, quero homenagear todos aqueles que, ao longo de mais de meio século, contribuíram para o sucesso desta iniciativa com sua



solidariedade. É o caso do doutor Manoel Tabacow Hidal, líder do grupo de pioneiros que fizeram desta obra um símbolo da integração dos judeus que vieram para cá de todas as partes do mundo, e da acolhida que receberam do povo brasileiro. É preciso lembrar que esta geração ainda estava envolta diretamente nas sombras do Holocausto. Por esta razão, nada mais emblemático do que construir um hospital para reforçar o conceito de santificação da existência.

O BNDES colaborou para a execução desta obra. O Hospital Albert Einstein é parceiro de políticas de saúde do governo federal, beneficiando muitas pessoas que não teriam recursos para pagar os custos do seu atendimento de extrema qualidade. Mais de 70% da população brasileira utiliza exclusivamente os serviços do SUS.

O Albert Einstein, por exemplo, é um dos estabelecimentos conveniados e atualmente o principal centro de transplantes de fígado do Brasil, responsável por 25% destes procedimentos pelo SUS. O Einstein é também um dos seis hospitais de excelência com quem o governo assinou convênios, num total de 114 projetos de apoio ao SUS, no valor de R\$ 660 milhões por um período de três anos.

Entre outras ações, caberá ao Einstein capacitar e treinar médicos e enfermeiros do Samu do estado de São Paulo e melhorar os índices de doação e captação de órgãos e tecidos para transplantes. Além disso, firmou um convênio com o Instituto Nacional do Câncer para aprimorar o atendimento nessa especialidade.

Tenho muita confiança em que empreendimentos como este do Hospital Albert Einstein... tenho muita confiança em empreendimentos como este do Albert Einstein. Eles são fundamentais para o desenvolvimento do País e o bem-estar da nossa sociedade.

Eu quero, Claudio, e amigos da comunidade judaica, dizer aqui, acompanhando o que disse o nosso prefeito, o nosso governador e o nosso



ministro da Saúde, primeiro, o exemplo que a comunidade judaica dá ao mundo através do comportamento de vocês aqui, no estado de São Paulo, no Brasil e no Albert Einstein. Segundo, uma comunidade que foi capaz de construir um centro de excelência como o Albert Einstein, que não se preocupa apenas em atender àqueles que podem pagar pelos grandes investimentos e inovações que vocês fizeram no hospital.

Mas um hospital que se dispõe a fazer uma combinação, em ganhar dinheiro para pagar os altos salários que ganham certamente os funcionários daqui e, pagando altos salários, ninguém vai fazer uma reivindicação para o Claudio, daqui para frente, ou seja... E, ao mesmo tempo, a vocação humanista dos profissionais da direção e da comunidade, quando dedicam parte da sua competência, parte do serviço de excelência que vocês prestam, para as vilas e os bairros mais longínquos de São Paulo, para as pessoas mais humildes e mais pobres que, se dependessem apenas do poder aquisitivo, jamais imaginariam ser atendidas por um médico do Einstein ou jamais imaginariam ser atendidas por um hospital de excelência como este.

Eu acho que isso demonstra o que vocês construíram no Brasil. O exemplo de uma comunidade sólida, o exemplo de uma comunidade solidária, o exemplo de uma comunidade que, quando se instalou no Brasil, disse em alto e bom som: “Nós queremos nos firmar como brasileiros, sem negar a nossa história, sabe, e toda uma vida de judeu”. Mas, ao mesmo tempo, vocês tomaram a decisão de mostrar que essa solidariedade e esse humanismo de vocês é feito menos por discurso, mas mais por ações práticas, extraordinárias, que vocês têm tido.

Eu lembro logo no primeiro ano de governo, Claudio, quando eu fui a Itinga. Itinga, Serra, é uma das cidades mais pobres do Vale do Jequitinhonha, lá em Minas Gerais, e fica à margem do rio Jequitinhonha. Eu lembro que quando nós fomos lá na caravana... eu lembro que a Companhia Vale do Rio Doce deu uma ponte, a ponte foi inaugurada já, muito mais rápida, Serra, do



que se eu tivesse que fazer projeto, licença ambiental, licitação, sabe, Ministério Público, Tribunal de Contas da União... A ponte não estaria pronta ainda. Como foi feita pela Vale do Rio Doce, ela foi inaugurada com dois anos. E eu lembro que, eu chegando lá, lá estavam o Claudio e um grupo de companheiros da comunidade judaica, para quê? Para oferecer prestação de serviço àquele povo humilde e pobre de Itinga.

Esse gesto não será esquecido, Claudio. Eu acho que são gestos como esse que marca a grandeza da comunidade judaica no estado de São Paulo e no nosso país.

Que Deus abençoe todos nós e que vocês continuem com o coração maior do que o corpo, porque assim vocês serão ainda mais humanistas e mais solidários.

Parabéns pela inauguração.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do projeto de revitalização da Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-RJ, 23 de junho de 2009

Ô Sérgio, eu não vou falar do porto porque eu acho que já está repetitivo aqui, todo mundo falou tanto do porto e você termina falando do Vasco, Sérgio, não foi uma coisa... Parece que o cenário aqui está mais para flamenguista do que para Vasco da Gama, apesar de eu ser vascaíno aqui. É porque eu sou corintiano em São Paulo. Então, sofrer lá, sofro aqui. Um ano o Corinthians vai para a Segunda Divisão, o outro ano vai o Vasco, um outro ano o Corinthians é campeão, no ano seguinte é o Vasco. Vamos levando. E depois o Flamengo já tem gente demais. Então, é preciso a gente repartir um pouco com os outros porque senão vai ter só Flamengo aqui no Rio de Janeiro e precisa ter gente para perder do Flamengo, né? Por isso precisa criar aqui...

Mas eu quero cumprimentar o companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Os companheiros ministros que me acompanham aqui, o Luiz Barretto, do Turismo; o Marcio Fortes, das Cidades; e o Pedro Brito, da Secretaria Especial de Portos,

Cumprimentar o nosso companheiro Jorge Vianna, presidente do Conselho da Helibras e ex-governador do estado do Acre, e futuro o que quiser, no Acre,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Pezão, o mestre de obras, tocador de obras do governo do estado,

Quero cumprimentar o presidente da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro, Jorge Picciani,

Nosso companheiro Paulo Duque, senador da República,



O deputado federal Hugo Leal,

Nosso querido companheiro prefeito Eduardo Paes,

Luciano Coutinho, presidente do BNDES, porque muitas dessas bravatas que a gente falou de dinheiro aí, no fundo, no fundo é o Luciano Coutinho que vai poder viabilizar ou não. Então, tem que tratá-lo bem e citar o nome dele aqui.

Quero cumprimentar o Jorge Felipe, presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar todos os secretários municipais. Estou vendo ali o Jorge Bittar, parece mais engenheiro da Petrobras do que secretário de Habitação, e em nome dele eu quero cumprimentar todos os companheiros secretários e secretárias,

Cumprimentar o José Roberto Marinho, presidente da Fundação Roberto Marinho,

O Sérgio Magalhães Giannetto, presidente da Intersindical do porto do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar, sabe, os nossos representantes da Marinha que estão presentes aqui, na pessoa do Almirante Francisco Laranjeira,

Quero cumprimentar a imprensa,

E os amarelinhos, os azuizinhos e os outros dali do meio, que não têm nem azul e nem amarelo,

Quero cumprimentar os trabalhadores, as trabalhadoras, cumprimentar o nosso Chapéu de Couro aqui, tão bem representando o Nordeste brasileiro com esse chapéu, parecendo com o Luiz Gonzaga, ou com o Lampião, ainda vou definir direito a aparência.

Mas, companheiros, eu disse que não ia falar do porto, porque seria muito repetitivo. Mas eu queria, Sérgio, aproveitar aqui e dizer uma coisa para iniciar o meu discurso. O Brasil, nós temos que levar em conta a quantidade de



anos que o Brasil foi governado por gente de mau humor. Gente que levanta azedo de manhã e vai dormir mais azedo ainda. E não é possível você querer ser representante dos outros se você não tem comportamento de maior flexibilidade no seu comportamento diário de levantar os problemas das pessoas e tratar todo mundo como se fossem iguais.

Na verdade, um presidente da República, um governador, um prefeito, um secretário, nada mais é do que cidadão comum que foi eleito para cumprir uma tarefa que nós chamamos de governar, mas a palavra correta deveria ser cuidar. Ou seja, Eduardo Paes, você tem que cuidar do Rio de Janeiro; do mesmo jeito que você cuida da tua casa, você cuida do Rio de Janeiro; do mesmo jeito que você trata os seus filhos, trate as pessoas do Rio de Janeiro. Isso vale para o Sérgio Cabral, isso vale pra mim. É isso que é governar.

Mas ao longo do tempo, nós aprendemos que governar é a distância entre o governante o governado. É a imponência entre o ritual da governança e o ritual da sociedade. Isso nunca dá certo e nunca deu certo.

Eu estava ali vendo, Sérgio, este prédio pintado e aquele ali pintado. E estava vendo o resto pra lá, sem pintar. Estava passando de carro aqui, e eu vi prédios bonitos, históricos sem pintar, caindo o reboco, caindo parte do telhado. E eu fico pensando: isso é economia ou é burrice de quem governou este estado tanto tempo. Porque uma coisa, uma coisa é o governante não ter dinheiro para fazer uma coisa nova, outra coisa é ele não se preocupar em consertar o que já existe. Imagina... e os trabalhadores entendem bem isso, imagina se acontece a quebra de uma telha na casa de vocês e vocês, ao invés de subirem no telhado para trocar a telha, vocês ficarem mudando a cama de lugar. Ou senão colocar um balde para ficar: toc, toc, toc, toc.

Ou seja, é melhor consertar, é mais barato e nós temos experiência. Quem tem carro velho sabe como é que a gente faz. Ou seja, tem um ponto de ferrugem na porta, pelo amor de Deus, mande consertar logo. Porque senão, daqui a pouco você vai deixando, o ferrugem vai comendo, vai comendo, você



coloca bombom, faz um negócio lá, tapa para vender mais barato, engana o coitado, que compra.

É assim, a governança no Rio de Janeiro durante muito tempo. Foi assim. Eu, quando fui ao Complexo do Alemão, a Mangueiras, a Pavão-Pavãozinho eu fiquei triste, porque aquilo 40 anos atrás, há 50, era fazenda. Era fazenda. A irresponsabilidade da classe governante foi tanta, que ela foi permitindo que fosse proliferando a degradação da qualidade de vida do povo, permitindo que ele fosse se apinhando, se apinhando, se apinhando.

E essas coisas, ou o governo intervém rapidamente, quando tem uma casa, quando tem duas, quando tem três, ou quando tiver mil é um problema social, não mexe mais. E aí, Sérgio, todos nós temos culpa, porque não falta vereador para ir defender o cara morar num lugar alagado, na encosta do morro, na beira de um córrego podre. Em época de eleição, vai todo mundo defender: deputado, vereador, prefeito, governador, presidente da República todo mundo vai defender.

Aí, depois, tem um problema social, a gente não sabe resolver porque não tem dinheiro. Muita gente é contra a concessão: “ah, vai fazer concessão, vai privatizar”. Nós não temos muita escolha em determinada situação. Ou a gente faz concessão para alguém que tem capacidade de fazer investimento ou a gente vai ficar mais 20 anos com portos se degradando, caindo aos pedaços.

Então, a governança, na verdade, é você acordar, almoçar, jantar, dormir, tomar café, pensando no que você vai fazer no dia seguinte.

Não há tempo para a gente parar, porque se a gente se acomodar no Palácio... eu conheço bem essa história, se você ficar sentado na cadeira presidencial, não chega no gabinete uma notícia boa. Primeiro, que o pessoal traz uma penca de jornal para ler. Eu vejo manchetes, eu já me assusto. Não, é uma coisa absurda, gente. Hoje, depois da crise econômica que o mundo está passando, hoje a gente teve, no mês de maio, cento e poucos mil empregos



positivos, ou seja, na relação entre demitidos e admitidos (incompreensível). Mas a manchete é o emprego no Senado. Ou seja, é uma perda de valor. É uma coisa que eu não consigo compreender porque a predileção pela desgraça. Tanta coisa boa que acontece no cotidiano do povo brasileiro, do povo do Rio, do povo da cidade do Rio, na vida da gente, mas quando a gente liga uma televisão ou vê um jornal, o que está estampado é a desgraça. É como se ela fosse a única coisa que existisse, e nós sabemos que tem problema. Agora, o fato de você mostrar a desgraça sem apontar um caminho também não resolve. Desgraça pela desgraça também não resolve o problema. Ou seja, muitas vezes um governante vai fazer uma obra desta, e eu tenho dito já aqui, por diversas vezes, o último presidente que fez grandes investimentos na infraestrutura foi no governo Geisel, de 1975 a 1981... a 1979, 80. Depois do Geisel, nós tivemos uma série de governantes que não tiveram condições de fazer investimento porque o governo tinha se endividado na década de 80 e, portanto, o governo teve que começar a pagar a dívida do FMI e o governo não tinha mais como [fazer] investimento. E o País ficou atrofiado.

Então, nesses últimos 25 anos, a gente conseguiu criar – aqui tem muitos deputados, tem ali ex-senadora, deputado – ou seja, durante 25 anos a gente foi criando uma máquina poderosa de fiscalização e a gente foi atrofiando a máquina de execução. Então, hoje você chega num engenheiro do DNIT que tem 30 anos de serviço, ganha R\$ 6 mil por mês. Um auditor, com 25 anos, ganha 14, 15, 17, 18 ou 19. Então você desmontou a máquina pública de execução. As coisas não funcionavam porque não tinha gente para tocar. Bem, nós estamos aqui vivendo um outro momento, e eu comecei a falar isso para dizer ao Sérgio Cabral e ao Eduardo Paes que vocês têm a possibilidade, como eu tive de mudar o paradigma de governança no estado do Rio de Janeiro e na cidade do Rio de Janeiro. Mudar o padrão de governança, acabar com a pirotecnia, tentar fazer as coisas pensando nesta gente, que é quem produz a riqueza deste país e que, muitas vezes, são esquecidos. E manter



essa relação extraordinária de conversar com um grande empresário, e na mesma hora conversar com um trabalhador em igualdade de condições, mostrando que, efetivamente, você governa para todo mundo, mas que nós sabemos que a política tem que ser feita para os mais necessitados do País. Isso a gente não aprende na universidade. Isso a gente aprende vendo a mãe da gente cuidar dos nossos irmãos quando a gente era pequeno. O que uma mãe faz quando tem três, quatro, cinco filhos? Ela vai tratar sempre daquele que está mais fragilizado. É aquele que merece mais aconchego, mais carinho, mais chamego. Não é o que está bem, gordo que nem o Sérgio Cabral, é o fragilizado.

Então, eu queria mostrar um exemplo para vocês, eu queria mostrar um exemplo e queria que a imprensa carioca prestasse atenção, porque esses dias alguém disse que o governo não tinha cumprido a meta do programa Luz para Todos. E é bom falar do Luz para Todos porque tem uma luz aqui na minha cara que, se o cara que instalou ela ficasse dois minutos aqui na frente, ele percebia que eu deveria sair daqui com uma indenização de insalubridade, como nunca na vida alguém recebeu. Mas veja, ontem, Sérgio... E você foi um parceiro extraordinário nisso porque o Rio de Janeiro já cumpriu as metas, do IBGE, do programa Luz para Todos. Mas, veja que engraçado. Em 2004 nós decidimos fazer um programa chamado Luz para Todos, sobretudo no campo, e o IBGE dava um número para nós que tinha mais ou menos 2 milhões de famílias que não tinham Luz para Todos. Nós assumimos o compromisso de atender 2 milhões de famílias. Nós caímos do cavalo porque, quando fomos a campo, descobrimos que não eram 2 mil [milhões], eram 3 milhões, e agora temos 1 milhão para cumprir até janeiro. Mas eu vou dar os números para marcar a cabeça de vocês aqui, uma coisa extraordinária. Só para você ter ideia do que foi gerado de emprego em todo o Programa, no Brasil. Foram gerados 300 mil empregos no programa Luz para Todos desde 2004. Foram utilizados, foram colocados 4 milhões e 620 postes, 4 milhões e 620 mil postes,



Sérgio, foram colocados por este Brasil afora. Nós utilizamos 883 mil quilômetros de fio. Imagine quantas vezes daria para a gente enrolar o planeta Terra, a lua. Oitocentos e oitenta e três mil quilômetros de fio e 708 mil transformadores foram utilizados no Programa, até agora. Mas veja que interessante, Sérgio, veja que interessante: 60% das pessoas atendidas, 61% são pessoas que ganham até 1 salário mínimo por mês, e 36% recebem até 3 salários mínimos por mês. Foram as pessoas que receberam o programa Luz para Todos. Veja que interessante: 96 mil famílias voltaram para o campo, por conta do programa Luz para Todos, 36% tiveram aumento de renda familiar, 34% tiveram melhora nas oportunidades de trabalho e 42% voltaram a estudar à noite. Vejam o milagre de uma coisa simples, que qualquer um poderia fazer. Não precisava ser um torneiro mecânico, poderia ser alguém da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Não precisava ser um torneiro mecânico para perceber que não é possível a gente continuar vivendo à base do candeeiro, na vela, uma lata de refrigerante com uma vela, cheio de querosene, na cara da molecada.

Bem, mas veja um outro dado importante, Sérgio. Isso que é, isso que é fazer a economia crescer. Presta atenção nesses números, porque esses dias eu tive uma reunião em Brasília com o Ministro da Fazenda, com muitos empresários, e eu falei para eles: olha, em vez de a gente ficar desonerando o tanto que a gente está desonerando, é melhor pegar esse dinheiro e dar para os pobres. Na hora em que os pobres tiverem dinheiro e forem comprar, vocês têm que produzir. Eu, às vezes, desonero e vocês não repassam para o custo do produto. Então, é preciso a gente pensar. Nós já desoneramos, neste meu mandato, Sérgio, R\$ 100 bilhões. Imagine R\$ 100 bilhões na mão do povo brasileiro, como a gente ia comer.

Então, é uma coisa que eu aprendi também. Eu fui, agora, para os países da América Central. Sabe qual é a carga tributária da América Central? 9%, 11%, 10%. Olha, um país que tem uma carga tributária de 10%, não tem



Estado. O Estado não existe, o Estado não pode nada. Aliás, o Estado não pode cuidar de nada e eu acho que essa conversa eu vou ter, daqui para a frente, com muitos empresários, para a gente começar a tirar do nosso discurso determinadas coisas, porque nós perdemos 40 bilhões do Orçamento da União para cuidar da Saúde deste país e eu não vi ninguém reduzir o preço, 0,38% da CPMF, eu não vi, e quem perdeu foi esta gente aqui, quem perdeu foi esta gente, porque em vez de 20 UPA, você poderia estar fazendo 100 UPA. A gente queria era levar médico na escola para cuidar das crianças, a gente queria era levar dentista na escola para cuidar das crianças, a gente queria que a criança fizesse teste para saber se precisava de óculos ou não na escola. Mas aí disseram: “Não, se a gente deixar 40 bilhões por ano na mão do Lula, ele vai ganhar as eleições”. Ganhei, e vamos ganhar outra vez. Vamos ganhar outra vez.

O povo não aceita mais mesquinha, o povo não aceita mais baixaria, o povo não aceita mais que as coisas secundárias sejam transformadas em prioritárias e as prioritárias sejam esquecidas. Mas, prestem atenção no número que eu vou dar para vocês, para vocês caírem de costas. Dessas pessoas que receberam o programa Luz para Todos, Sérgio, 78% adquiriram televisor, 73% compraram geladeira e 44% compraram equipamento de som. Certamente os caras queriam ouvir o nosso discurso, aí compraram. Mas veja que mais interessante. No fundo, no fundo, quem ganhou com isso foi a Globo, com o programa Luz para Todos, porque mais mil... 1 milhão e meio de televisores, uma parte deles, certamente, está ligado no plim-plim. Mas veja que interessante aqui. Veja que interessante. Sabe o que significou essa compra de geladeira? Sérgio, presta atenção, Sérgio. Foram comprados, pelas pessoas que receberam luz na sua casa, 1 milhão e 570 mil televisores, 1 milhão e 462 milhões [mil] de geladeiras, e 894 [mil] aparelhos de som, 894 mil aparelhos de som. Um milhão e 462 geladeiras... 462 mil, e 1 milhão e 570 mil televisores. Imaginem o montante de televisores que foram vendidos para as



peças que até ontem viviam no século XVIII. Quando a gente colocou a luz, que acendeu, eles entraram no século XXI. Qual é a primeira coisa que o cara foi comprar? Uma geladeira para guardar a sua comidinha, uma televisão para ver os discursos nossos aqui, ver o Vasco jogar, o Flamengo, o Corinthians, o Palmeiras, Santos, ver um desfile de carnaval e, de vez em quando, ver a gente aparecer na televisão também, sabe?

Bem, e foram comprar um aparelho de som, por que quem é que não gosta de um forrozinho, de um sambinha, sabe? Se duvidar, nós gostamos até de música clássica. É que não convida o pobre para o teatro. Teatro é coisa de rico, só entra gente refinada. O pobre, sabe... Pois é, mas é bonito. Eu pensei que eu não gostava de música clássica. Uma vez eu ganhei um prêmio na Áustria e me deram uma entrada para ver um concerto. Eu pensava que concertar era só coisa que estava quebrada, e aí eu descobri que concerto é uma apresentação... Bem, eu fiquei maravilhado com o concerto de violino que eu assisti na Áustria, aí eu passei a gostar de música clássica. Aí depois veio o Pavarotti e popularizou a música erudita, eu fiquei mais charmoso ainda. Agora, espero que o Sérgio Cabral me dê os discos que eu falei, de presente, das músicas.

Mas eu estava dizendo essas coisas porque [está] acontecendo uma coisa no Brasil que nós precisamos prestar atenção. Ou seja, cada real que você der na mão de uma pessoa pobre, aquele real volta automaticamente para o comércio, ele volta para o consumo. Ele, voltando para o consumo, ele vai reativar a economia. Muitas vezes você dá um milhão para uma pessoa, que coloca no banco, não faz nada. Só ele vai ganhar dinheiro. Na hora que você dá um R\$ 100 para cada pobre, dando para mil pessoas, são R\$ 1.000 que voltam para o comércio meia hora depois que o cara pegou o dinheiro, nem que for para um boteco para tomar uma canjebrina. Volta. Ele não vai para o banco, ele não vai para derivativos. Não vai. Ele vai para o comércio, que é isso que nós precisamos para fazer a economia deste país crescer.



Então, eu quero dizer, meu querido prefeito, governadores, secretários, olha, que da parte do governo federal não faltará ajuda para que a gente transforme este porto, sabe, na qualidade que ele era quando aqui tinha rei, tinha imperador, ou seja, tinha... Sabe, não é possível que o Rio de Janeiro, a gente não consiga consertar o Rio de Janeiro, porque faz 30 anos que só aparece o Rio de Janeiro como desgraça, desgraça, desgraça, desgraça. Bala perdida, bala não sei das quantas, caiu não sei das quantas, tiroteio. Não é possível. Isso não é o Rio de Janeiro. Isso é uma parte menor do Rio de Janeiro, é uma parte menor.

E as coisas boas que acontecem no Rio de Janeiro? Vamos mostrar os dois lados. E o Rio de Janeiro, quer queira, quer não, pode ser que outros governadores não gostem, mas a verdade é que quando você fala de Brasil lá fora, as pessoas lembram do Rio de Janeiro. Esse é o dado concreto e objetivo. De cada, acho que dez turistas, nove já passaram pelo Rio de Janeiro, e quem não veio ao Rio de Janeiro, vai voltar ao Brasil outra vez para vir ao Rio de Janeiro. E a verdade é que as pessoas pensam que quem gosta de beleza é turista. Não, quem gosta de beleza é o povo pobre. Os caras acham que a pessoa mora em barraco porque adora. Já teve música “Barracão de zinco”, já teve... Porque antigamente morar numa favela era uma coisa poética, mas agora, agora não. Agora é uma coisa violenta, é uma coisa que a gente precisa tomar muito cuidado.

E o que nós estamos fazendo aqui no Rio de Janeiro, o que nós estamos fazendo aqui no Rio de Janeiro juntos – porque o governo federal não faria sozinho, porque o governador não faria sozinho e porque o prefeito não faria sozinho – só foi possível quando a gente tomou juízo e a gente assumiu o compromisso de trabalhar juntos em benefício do povo do Rio de Janeiro. Todo mundo ganha com isso. E aí os empresários sabem como isso é importante para o Rio de Janeiro, os trabalhadores sabem como é importante para o Rio de Janeiro.



Então, eu fico imaginando, com a recuperação desta área portuária, eu fico imaginando todos estes casarões que estão aqui, bonitos, recuperados, pintados, ocupados, restaurantes, bares, comércio. Os trabalhadores saindo daqui, podendo ir tomar um... o que vocês quiserem tomar ali, sabe, poder passear, poder comprar alguma coisa. É isso o que nós queremos e é isso o que o Rio de Janeiro precisa. O Rio de Janeiro... se tem um estado brasileiro... Todos os estados precisam, mas se tem um estado brasileiro que precisa ser tratado com carinho é o Rio de Janeiro, porque isto aqui já foi a capital, o rei já morou aqui, Dom Pedro já morou aqui. Eles foram embora, a capital foi embora, e o que ficou no Rio de Janeiro? Desesperança, vendida durante quase que um século. E vocês dois, meus companheiros, você, Sérgio Cabral e o Eduardo Paes são a perspectiva de a gente mudar o padrão de governança neste estado, definitivamente, colocar gente que goste do povo mais do que gosta de colocar a sua carinha na televisão.

Um abraço e boa sorte para todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita da presidente das Filipinas, Gloria Macapagal-Arroyo
Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 24 de junho de 2009**

Excelentíssima senhora Gloria Arroyo, presidente da República das Filipinas e o senhor Jose Miguel Arroyo,

Minha companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das Relações Exteriores,

Senhor Alberto Rômulo, ministro das Relações Exteriores da República das Filipinas, em nome de quem cumprimento os demais integrantes da delegação filipina,

Ministros Reinhold Stephanes, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Parlamentares aqui presentes,

Senadores,

Deputados,

Senhores integrantes do corpo diplomático,

Amigos, amigas,

Jornalistas das Filipinas e do Brasil,

É com grande satisfação que recebo a presidente Gloria Arroyo em Brasília, nesta que é a primeira visita de um chefe de Estado filipino ao Brasil. Vossa Excelência dá continuidade aos esforços de aproximação iniciados pelo seu pai, Diosdado Macapagal, que nos deu a honra de visitar o Brasil em 1960, ano da inauguração de Brasília.

Seu país se destaca numa das regiões de maior dinamismo no mundo atual, graças ao caráter empreendedor de seu povo e suas lideranças.



Apesar da distância geográfica, estamos unidos por traços históricos comuns. Filipinos e brasileiros compartilham o legado de povos multiculturais, forjados na diversidade e no desejo do desenvolvimento. Representamos dois grandes países, com democracias consolidadas, economias diversificadas e extenso patrimônio ambiental. Temos também os desafios próprios das sociedades em desenvolvimento.

A luta contra a pobreza e as desigualdades é um objetivo comum. Nossos programas de inclusão social constituem importante elo de aproximação: o Pantawid Pamilyang e o Bolsa Família conferem a milhões de filipinos e brasileiros lugar e voz em nossas sociedades. Isso significa expandir a cidadania e fortalecer a democracia.

Esse ambiente de mudanças cria condições efetivas para intensificar nossas relações. Claro indicador dessas potencialidades é o comércio bilateral crescente. Entre 2004 e 2008, o intercâmbio passou de 400 milhões a mais de 1 bilhão de dólares. Mas há um espaço significativo para aumentar e diversificar nossas trocas em bases equilibradas.

A aproximação entre a Câmara de Comércio das Filipinas e a Confederação Nacional de Indústrias do Brasil será de grande valia na busca de novas oportunidades de negócios e no aproveitamento de nossas complementaridades.

Sei que Vossa Excelência esteve em Pernambuco para a inauguração do terminal de contêineres do Porto de Suape. Esperamos que outros sigam os passos da Tecon Suape e ampliem investimentos em infraestrutura no Brasil. Nossas empresas também estão descobrindo nas Filipinas uma sólida plataforma para atividades no Sudeste da Ásia. A abertura do escritório da Vale do Rio Doce em Manila é um passo importante nessa direção.

Com a assinatura de instrumentos bilaterais nas áreas de agricultura e pesquisa agropecuária, podemos aumentar significativamente as possibilidades de produção de alimentos e de matéria-prima. Os entendimentos entre a



Embrapa e a PADCC serão fundamentais para o intercâmbio de experiências em tecnologia na agricultura tropical.

O acordo sobre cooperação em bioenergia abre caminho para que compartilhem nosso conhecimento na produção de etanol. É muito auspiciosa a aprovação de lei filipina que introduz os biocombustíveis na matriz energética do país. Podemos avançar muito na utilização de combustíveis renováveis.

Como membros fundadores do Mercosul e da Asean, estamos conscientes da importância da integração regional. Após a primeira reunião ministerial entre os dois blocos, realizada em Brasília, estou certo de que os próximos encontros em Kuala Lumpur e em Nova Iorque, à margem da próxima Assembléia Geral da ONU, darão novo impulso a essa aproximação.

Cara Presidente,

O momento que vivemos exige de nós, líderes de países em desenvolvimento, uma atitude firme e coerente no enfrentamento da crise. Em recentes pronunciamentos que fiz na OIT e no Conselho de Direitos Humanos em Genebra condenei a onda de xenofobia que acompanha a retração das economias dos países mais ricos.

A crise atual resulta de um ciclo de quase três décadas de equívocos cometidos em nome do neoliberalismo. Foram as teses do Estado mínimo, as privatizações desenfreadas de empresas públicas e a crítica à forte presença reguladora do Estado que conduziram a economia global à beira do abismo. Parte do mundo em desenvolvimento enfrenta severa redução da demanda externa por seus bens e serviços. As remessas dos trabalhadores migrantes diminuiram, comprometendo uma importante fonte de recursos de vários governos.

Mas a crise é também uma oportunidade para a construção de uma nova ordem e governança internacionais. Ela nos mostra que o mundo não pode ser regido por um clube de sete ou oito países ricos, sem levar em conta



mais da metade da humanidade.

As organizações políticas e econômicas multilaterais não podem mais prescindir do peso e da legitimidade conferida pelos países em desenvolvimento. É impensável que o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial continuem sendo um condomínio de europeus e norte-americanos.

As Nações Unidas também carecem de reforma para oferecer respostas eficazes aos desafios cada vez mais complexos do cenário internacional. A esse respeito, desejo manifestar meu profundo reconhecimento à decisão do governo filipino de apoiar o pleito brasileiro a ocupar assento permanente em um futuro Conselho de Segurança ampliado.

Nossa aliada de primeira hora na OMC, as Filipinas têm atuado lado a lado com o Brasil no G-20 em prol de um resultado equilibrado da Rodada de Doha. Nosso desejo comum é de acabar com as anomalias que caracterizam, em especial, o comércio agrícola.

Na agenda ambiental, estamos comprometidos com um resultado ambicioso, na Cúpula de Copenhague, sobre mudança do clima. Todos somos responsáveis por conciliar crescimento e proteção ambiental. Mas essas responsabilidades são diferenciadas. Os países ricos não podem ignorar seus compromissos mandatórios de redução de emissões.

Querida amiga Gloria Arroyo,

As decisões que tomamos durante sua histórica visita lançam as bases para que consolidemos cada vez mais essa parceria. No seu retorno a Manila, peço que leve a mensagem de estima e amizade do povo brasileiro pelos filipinos e nossa admiração pela sua luta em busca de um futuro melhor.

É com esse espírito de confiança e otimismo que proponho um brinde à saúde e à felicidade pessoal de Vossa Excelência, ao seu esposo e ao bem-estar do povo irmão das Filipinas.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento e adesão ao Compromisso Nacional para
Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar**

Palácio do Buriti, 25 de junho de 2009

Meus queridos companheiros trabalhadores e empresários da indústria
sucroalcooleira do Brasil,

Meu ministro da Agricultura, Reinhold Stephanes; do Trabalho, Carlos
Luppi; de Minas e Energia, Edison Lobão; do Desenvolvimento Agrário,
Guilherme Cassel; da Secretaria-Geral, companheiro Luiz Dulci; da Advocacia-
Geral da União, José Antonio Toffoli; da Secretaria Especial de Direitos
Humanos, Paulinho Vannuchi, que teve que se retirar.

Companheiros deputados federais Elismar Prado e Paulo Henrique
Lustosa,

Querido companheiro Hélio Neves, presidente da Feraesp,

Marcos Jank, presidente da Unica,

Companheiro Alberto Broch, presidente da Contag,

Meu caro companheiro André Rocha, representante do Fórum Nacional
Sucroenergético,

Nosso companheiro Miguel Rossetto, presidente da Petrobras
Biocombustíveis,

Amigos e amigas,

Trabalhadores,

Companheiros da imprensa,

Companheiros – hoje tem mais companheiras do que companheiros,

Primeiro, o reconhecimento. Dar os parabéns, aqui, aos ministros que
contribuíram para que esse acordo pudesse sair e, sobretudo, no trabalho



obstinado que fez o companheiro Luiz Soares Dulci, pela Secretaria-Geral da Presidência da República. Acho que, Dulci, com a tua simplicidade e humildade, possivelmente você não tenha dimensão do que a equipe que você coordenou foi capaz de fazer, trazendo hoje, para que nós pudéssemos firmar essa carta de intenção. Muito mais do que isso, eu acho que um compromisso de honra que trabalhadores e empresários, coordenados pelo governo, resolveram fazer.

Possivelmente, e é importante que os companheiros da imprensa compreendam isso, possivelmente alguém pode dizer: “Isso poderia ter sido feito há 20 anos atrás, há 30 anos atrás, há 40 anos atrás”. Há quarenta anos atrás, nós éramos inimigos de classe, nós nem nos conhecíamos e não gostávamos uns dos outros. Esse é um dado. Os trabalhadores, quando iam para a Frente de Trabalho, já iam tendo a certeza de que não era uma relação capital e trabalho, era uma relação de um trabalhador com um inimigo e, possivelmente, muitos empresários também vissem: é uma relação de empresário com o inimigo. Eu digo isso, que é para a gente assentar corretamente no que vocês foram capazes de fazer. Não faz muito tempo, não faz muito tempo, a maioria dos trabalhadores tinha medo de votar em mim, por falta de consciência política e muitos diziam: “Votar nesse cara, ele é igual a mim, sabe. Por que eu vou votar nele?”

Eu, às vezes, ficava magoado, pegava as estradas de São Paulo para fazer campanha e, às vezes, passava em setores médios da sociedade, eles aplaudiam, e quando passava perto de alguém que estava colhendo algodão ou cortando cana fazia assim para mim. Eu passava três noites com enxaqueca, porque eu não estava sendo entendido por aqueles que era a razão pela qual eu tinha criado um partido e entrado na política.

Mas também os empresários tinham medo, muito medo. E as coisas começaram a mudar. Primeiro, o companheiro Machado foi eleito prefeito de Piracicaba, e aí começou a estabelecer relações com alguns fornecedores de



cana no primeiro momento. Depois o companheiro Palocci foi eleito prefeito de Ribeirão Preto e estabeleceu relações com um grande número de empresários do setor e, por conseguinte, eu fui me aproximando de alguns empresários. E, depois, pelo fato de eu ser muitas vezes candidato, a gente tem a chance de conversar mais com eles do que se eu tivesse sido uma vez só e desistido de ser candidato.

E hoje, e eu até já fui criticado, porque uma vez eu fiz elogios. Os usineiros, só para vocês terem ideia, eram tratados pelos políticos como os evangélicos. Todo mundo quer o voto do evangélico, mas depois as pessoas têm vergonha de dizer que receberam apoio de determinado setor evangélico. Usineiro era tratado assim neste país, usineiro era tratado e vendido como se fosse, sabe, a coisa nefasta do setor empresarial brasileiro. Ora, se no passado, nós tivemos alguém no setor que criou essa imagem, a verdade é que o tempo se encarrega de fazer a mudança para todos os lados e eu, que jamais imaginei ser o garoto-propaganda do etanol no mundo, virei o garoto-propaganda do etanol no mundo.

E virei por uma razão lógica, por uma razão de soberania deste país. Agora mesmo eu perguntava para um companheiro como é que foi a vinda do Bill Clinton no encontro que eles fizeram em São Paulo, o Marcio me disse: “Foi muito importante”. E eu falei para o Marcio: ele disse que vai convencer o Obama a parar de produzir tanto de milho e vai comprar o nosso, de cana-de-açúcar? O Marcio me falou: “Não, ele disse que é preciso primeiro resolver os negócios na Amazônia”.

Então, esse é um debate, e é por isso que eu assumi a defesa do biocombustível, e é por isso que nós tomamos a decisão de estabelecer essa mesa, para poder resolver essas coisas que eram motivos utilizados contra nós no exterior. E, muitas vezes, governantes europeus convidavam trabalhadores brasileiros para ir lá dizer isso. E, muitas vezes, nós, inocentemente, íamos para os outros governos para falar mal do nosso país, achando que estava



ajudando. E, agora, nós sabemos que temos adversários, no campo comercial, para enfrentar. Nós sabemos que temos.

Ninguém se conforma que o Brasil tenha virado o maior exportador de carne do mundo, o maior exportador de minério de ferro do mundo, o maior exportador de café do mundo, o maior exportador de suco de laranja do mundo, um dos maiores exportadores de soja do mundo, exportador de avião. Ou seja, nós estamos entrando num mercado cativo dos outros.

E como o Brasil não quer ser mais tratado como uma nação de segunda categoria, nós temos a melhor tecnologia, temos mais capacidade produtiva, menos da metade do preço que eles produzem, comprovadamente um combustível limpo, comprovadamente, tecnologicamente, ele funciona – está aí os carros brasileiros para fazerem inveja a qualquer carro chique que eles tenham lá fora. É só colocar um carro deles, a gasolina, perto do nosso a etanol, *flex fuel*, para eles saberem qual a diferença da emissão de gás efeito estufa.

É essa a discussão que nós queremos fazer. E essa discussão que eu acho que tanto trabalhadores e empresários compreenderam que se a gente estiver em harmonia, fazendo as coisas corretas, isso é uma vantagem comparativa para o Brasil, no mundo da competitividade.

O que é duro é o Luppi ouvir, na OIT – não desta vez, porque eu também estava lá, e porque ele foi desaforado da outra vez –, levantar alguém e dizer: “Ah, mas lá na cana-de-açúcar tem trabalho escravo”. E se essa moda pega, você vai chegar em qualquer país europeu para vender o nosso produto, os caras falam: “Não!”. E eles fazem mais, às vezes vem até ONGs de lá fazer o discurso que interessa aos governos. E, muitas vezes, aqui, nós acreditamos.

Nós temos que saber que nessa disputa o Brasil não tem medo de debater em lugar nenhum do mundo, com quem quer que seja. O que nós queremos é que prevaleça a lei do livre comércio. Ou seja, quando é os produtos deles, eles defendem livre comércio, sem imposto. Agora, quando é o



nosso etanol, eles metem taxa em cima de taxa para dificultar que a gente prove que somos melhor do que eles. Esse é o dado concreto e objetivo.

Eu lembro que uma pessoa importante veio aqui neste Palácio e começou a conversa comigo, o seguinte: “Ah, mas trabalhar cortando cana é um trabalho muito penoso. Não é possível comprar um combustível de um trabalho desse”. Eu falei: é engraçado. Eu sei que o trabalhador de cana trabalha no pesado. Agora, é menos pesado do que trabalhar 90 metros numa mina de carvão, que foi o que transformou o teu país numa potência. É muito menos.

Eu fui em Roma para dizer para eles: tirem o dedo sujo de combustível fóssil do nosso combustível limpo. Porque senão fica acusação por acusação, fica acusação por acusação. E muitas vezes aqui, muita gente nossa acredita. Ah, foi dito lá fora, a gente acredita. Como se nós fôssemos, sabe, de terceira categoria. Então esse acordo, Dulci, esse acordo, possivelmente a gente não se dê conta agora, e eu também não trabalho com a ilusão de que a partir de agora, virou tudo maravilha, não. Não virou maravilha nem para os empresários colocarem o nosso produto no exterior e nem virou maravilha ainda as coisas dos trabalhadores.

Mas nós estabelecemos, sabe, um novo paradigma. Ou seja, vocês, trabalhadores e empresários fizeram a coisa mais sagrada entre dois negociadores. Vocês, agora, estão se respeitando e os dois compreendem que um precisa do outro para sobreviver. Esse é o dado concreto. E a partir daí, tudo fica mais fácil. A segunda coisa importante que vocês compreenderam é que nós, que brigamos a vida inteira contra o trabalho insalubre, perigoso, periculoso, no campo, estamos vendo agora a tecnologia tirar os homens do campo e colocar uma máquina. Uma máquina daquelas deve tirar o lugar de cem trabalhadores cada máquina daquela, 200, 300, sei lá quantos, mas tira muitos. E nós somos favoráveis, nós somos favoráveis que esse trabalho insalubre seja cada vez menos feito pelo ser humano manualmente, que seja a



máquina. Mas aí entra o outro desafio: onde colocar o sustento, onde colocar esses trabalhadores, trabalhadoras para levar para casa o pão de cada dia, o leite de cada dia.

Se nós queremos (incompreensível), se todo mundo no Brasil dá palpite de que é um trabalho perigoso, está na hora, agora, de todo mundo assumir a responsabilidade de como a gente canalizar esses companheiros e essas companheiras para um trabalho que eles ganhem, no mínimo, um pouco mais do que eles ganham no corte de cana.

E, nesse trabalho, posso dizer aos empresários e dizer aos trabalhadores que o nosso governo fará o esforço que tiver que fazer para que a gente possa ser parceiros na construção dessa nova ordem econômica na zona da produção de álcool, de açúcar e dos trabalhadores. Nós temos esse compromisso. E não é um compromisso... Eu até não podia fazer compromisso, muito, porque o meu mandato termina dentro de um ano e meio. Mas esse é um compromisso de vida, perpassa o mandato de um presidente da República. E, eu tenho certeza, os empresários são todos jovens, aqui, todos vão viver, pelo menos, mais 30, 40 anos ainda.

Ou seja, e isso, esse é um processo em construção, que nós vamos construir a cada dia, a cada hora, a cada momento. Para gente ter o orgulho que nós tivemos, agora, quando eu fui na Fitim. Quando eu fui na Fitim, ninguém mais falou, não sei se tinha empresários nossos, do setor, lá, mas ninguém mais falou que tem trabalho escravo. Porque nós já anunciamos lá esse contrato que nós íamos fazer aqui. O que aconteceu lá foi o reconhecimento pelas coisas que o Brasil está fazendo.

Então eu quero, do fundo do coração... Você vai ter muito trabalho daqui para frente, Luppi, você, o Dulci, o Reinhold Stephanes, todo mundo aí, todos, para poder fiscalizar, junto com os empresários e com os trabalhadores, são muita gente, trezentos e poucos empresários, 80% da produção de açúcar do Brasil, não é pouca coisa. Pode ser que entre um ou outro tenha uma ovelha



marrom, para não falar ovelha negra, uma ovelha marrom, uma ovelha verde. Mas essa pessoa que se transformar na ovelha verde ou marrom, essa pessoa vai ficar tão sozinho e tão isolado que a vergonha vai fazê-lo aderir a esse acordo e cumprir a mesma coisa que vocês assumiram de cumprir.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero dar os parabéns, Dulci, a você e à sua equipe, à capacidade de organização; aos empresários, a capacidade de atender o nosso apelo, para que isso fosse feito, até para que facilitasse a gente continuar a tentar jogar o nosso álcool no tanque dos carros do chamado “mundo desenvolvido”. E, aos trabalhadores, a certeza de que nós estamos longe de fazer tudo o que precisa ser feito pelos trabalhadores. Estamos muito longe. Mas já fizemos, em pouco tempo, mais do que já foi feito em muitas décadas por outro governo. O dado concreto é que vocês próprios estão aprendendo, pela cabeça de vocês, que a jornada é longa, mas ela é necessária. E hoje vocês conquistaram uma grande coisa, um conjunto de conquistas que foi extremamente importante. Por isso, meus agradecimentos à compreensão.

E às centrais sindicais, que são parceiros históricos do governo, desde antes da minha vitória, sem a participação de vocês, a compreensão de vocês, nós não chegaríamos a isso. E à imprensa que pode, a partir de agora, começar a fiscalizar, para saber se as coisas estão funcionando tal como está escrito no papel que nós vamos entregar na saída para vocês e para eles.

Meus agradecimentos. Que Deus nos abençoe, e que possa permitir que a gente continue fazendo conquista atrás de conquista.

Aqui... Quem é ele? Cadê ele? É você? Ô, “bichim”... Ele está dizendo o seguinte, olha: o Antônio Carlos, esse moço que veio aqui... Eu sabia que você não era só cortador de cana. Eu perguntei. Eu perguntei para ele, eu falei: aquele “bichim” ali deve cortar umas três fazendas de cana por dia. É o seguinte: ele... Nós vamos fazer os empresários, aqui, serem os patrocinadores seu, aqui. O problema é que se você tiver patrocínio, então não vai querer mais



trabalhar, não é?

Não, é o seguinte: é que ele é lutador de boxe. E ele está dizendo o seguinte: “Eu também sou lutador de boxe, mas eu preciso de patrocínio”. Campeão do Pontal. Mas disse que a única luta que ele venceu foi com o Zé Rainha, magrinho, lá no Pontal.

Não, mas, aqui, ô Toni, eu vou falar com o Ministro do Esporte, você depois coloca o teu telefone aqui, ou o telefone de onde você trabalha, ou se eu falo com o Hélio, com qualquer pessoa, para cuidar disso aí, tá? Depois eu vou fazer uma luta com você, que eu fui treinador de boxe. Eu parei de lutar porque era excessivamente violento, eu teria que parar.

Mas, gente, olha, muito obrigado. Que Deus abençoe todos vocês pela conquista que nós tivemos hoje.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração do Dia do Pescador – sanção das leis da
pesca e aquicultura e de criação do Ministério da Pesca e Aquicultura**

Itajaí-SC, 26 de junho de 2009

Companheiros e companheiras de Santa Catarina,
Companheiros e companheiras de Itajaí e região,
Meu caro amigo governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique
da Silveira,

Companheiros ministros que me acompanham – e daqui vamos até o
Rio Grande do Sul – Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia; Jorge Félix, do
Gabinete de Segurança Institucional; Franklin Martins, da Secretaria de
Comunicação Social; e nosso querido companheiro Gregolin, ministro da
Pesca,

Meu querido companheiro, ex-secretário da Pesca, o companheiro Fritz,
companheiro que está aqui hoje e que merece a homenagem do governo e,
certamente, a homenagem do povo de Santa Catarina pelo que ele fez no
tempo em que esteve no Ministério,

Companheira senadora Ideli Salvatti e companheiro senador Neuto
Fausto de Conto,

Deputados federais Acélio Casagrande, Celso Maldaner, Cláudio
Vignatti, Décio Lima, Flávio Bezerra, Iriny Lopes, João Matos, José Carlos
Vieira, José Edmar, José Geraldo da Silva, Nelson Goetten e Paulo Rocha,

Senhor Jandir Bellini, prefeito de Itajaí,

Vice-almirante Arthur Pires Ramos, comandante do 5º Distrito Naval,

Vereador Luiz Carlos Pissetti, presidente da Câmara de Vereadores de
Itajaí,

Meu caro Agnaldo Hilton dos Santos, secretário municipal de Pesca e



Aquicultura,

Meu caro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul,

Meu caro Fernando Ferreira, presidente do Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca, em nome de quem eu saúdo todos os que são envolvidos com a aquicultura,

Senhor Ivo da Silva, presidente da Confederação Nacional de Pescadores e Aquicultores, em nome de quem cumprimento todos os pescadores e pescadoras aqui presentes,

Meu caro André Camargo, presidente da Associação Nacional de Piscicultura em Águas Públicas, em cujo nome saúdo os empresários do setor pesqueiro,

Meu caro Abdias Gonçalves (incompreensível),

Meus amigos, minhas amigas,

Vocês perceberam que, pelo nome dos deputados, vocês não conhecem grande parte dos nomes, porque aqui não tem apenas deputados de Santa Catarina. Aqui tem deputado do Pará, do Paraná, do Ceará e de outros estados do Brasil porque foi esta bancada, esta bancada de deputados mais os senadores que ajudou a aprovar o Ministério e que ajudou a aprovar a Lei da Pesca. Portanto, para eles, uma salva de palmas porque de vez em quando a gente ouve muitas críticas aos deputados, mas se for colocar na balança as coisas ruins e as coisas boas, certamente as coisas boas que eles ajudaram o governo são infinitamente maiores do que qualquer outra coisa que tenha acontecido no Congresso Nacional.

Eu queria, primeiro, dizer para vocês do porquê é importante o dia de hoje. Eu, às vezes, quando estavam falando os oradores que me antecederam, eu tinha a impressão de que o som, lá para o meio, parece que não chega tão nítido, porque aqui do lado eu não estava escutando nada. Eu até mandei arrumar a caixa de retorno aqui, porque não tem nada pior do que você ficar



atrás de um cara que está falando e você não conseguir entender uma palavra do que ele fala, principalmente se ele tiver a língua presa como alguns têm, e eu mesmo, que a gente tem dificuldade de as pessoas entenderem.

Mas, o que é importante? A Lei é importante pelo seguinte: a partir da nova lei, os pescadores e aquicultores passam a ser considerados produtores rurais, o que dará direito a eles ao crédito rural, entre outros benefícios. As empresas de beneficiamento, transformação e industrialização de pescados também poderão se beneficiar dessas linhas de crédito, desde que comprem a matéria-prima diretamente dos pescadores ou de suas cooperativas. Ou seja, o grande empresário, para ter direito, tem que comprar o pescado dos pescadores artesanais e das cooperativas, que é para ajudar o setor a crescer junto com a indústria de pesca no Brasil. Serão unificadas as normas de exceção da área da União para o cultivo de pescados, o que dará agilidade ao processo sem prejuízo das análises ambientais.

Outro ponto importante: a nova lei reconhece como trabalhadoras da pesca... Prestem atenção: a nova lei reconhece como trabalhadoras da pesca as mulheres que desempenham atividades complementares à pesca artesanal. Por exemplo, uma mulher que conserta redes, que faz beneficiamento e comercialização da produção, mesmo que ela não esteja pescando, ela será considerada pescadora pela lei, para ter os mesmos direitos dos pescadores.

Outra coisa importante: vocês sabem que nós criamos o Pronaf Mais Alimentos. Governador, são R\$ 25 bilhões para emprestar para a agricultura familiar comprar tratores de 78 cavalos e para comprar implementos agrícolas. Não basta só o trator, é preciso a complementariedade das máquinas que vão plantar as coisas que o agricultor planta. Nós estamos estendendo essa linha de crédito para os pescadores e aquicultores. O financiamento é de até R\$ 100 mil, com prazo de 10 anos para pagar, sendo três anos de carência e taxa de juros a 2% ao ano. Esse programa já fez uma revolução na venda de tratores. Em 10 meses foram vendidos 11 mil tratores de 78 cavalos, e isso significa



75% da produção de tratores no Brasil, nesses 10 meses. O que nós esperamos é que o pessoal da pesca que precisa comprar um barco, que precisa fazer alguma coisa até R\$ 100 mil para poder aumentar a sua produção, ele vai ter o mesmo direito que os agricultores da agricultura familiar com o Programa Mais Alimentos.

Eu vou ler aqui. Para os pescadores, para os pescadores não aquicultores. Para os pescadores o dinheiro será para aquisição de redes, tarrafas, pulsar, além da modernização e reforma de embarcação. O que inclui melhoria das condições de manipulação e conservação do pescado a bordo e melhoria das condições de saúde e segurança do trabalhador. Para os aquicultores será a mesma coisa, aquisição de redes, tanques-rede, kit de análise de água, materiais para estrutura de abastecimento e drenagem de viveiros, aluguel de máquinas para construção de viveiros e mão-de-obra, aquisição de matrizes para o primeiro ciclo de produção.

Pois bem. É importante vocês saberem que agora depende muito do Ministério, depende muito do prefeito de cada cidade, depende muito das associações de pescadores, das colônias, dos sindicatos comunicarem a vocês os efeitos dessa lei. Porque o que pode acontecer de pior é a gente aprovar a lei e daqui a dez anos os pescadores não saberem o que diz a lei. Então é importante Gregolin uma ampla campanha de divulgação dessa lei, de orientação aos sindicatos, de orientação às colônias, de orientação às pescadoras, às mulheres dos pescadores, aos filhos dos pescadores, aos pais dos pescadores, até chegar ao nosso pescador símbolo ali, que parece que ultimamente não tem pescado nenhuma tainha mais, aqui em Santa Catarina.

Por que eu estou falando isto gente? Eu estou falando isto porque não tem coisa mais triste do que a gente brigar, disponibilizar dinheiro para alguma coisa e quando passa três, quatro meses, cinco meses, seis meses a gente percebe que aquela coisa que a gente colocou dinheiro, não aconteceu. E não acontece por “n” fatores. É que no Brasil hoje, tem mais gente para não permitir



que faça do que gente para fazer. Esse é um dado concreto do nosso país.

Luiz Henrique, você é governador, já foi prefeito três vezes, e é governador de segundo mandato. Estão aqui senadores e deputados, e eu também fui deputado. A verdade é que o Brasil passou quase 30 anos sem dinheiro para investimento e, na hora em que você não tinha dinheiro para investimento, você foi destruindo a máquina de execução do País. A máquina de execução foi destruída e nós, lá do Congresso – e eu fiz parte porque fui constituinte – fomos criando uma grande máquina de fiscalização. Hoje a máquina de fiscalização é muito mais eficiente do que a máquina de execução, por uma razão: porque quando se estabeleceu, neste país, a teoria do Estado mínimo, de que era preciso privatizar tudo, de que o Estado não precisava fazer nada – a educação universitária tinha que ser privada, a escola técnica tinha que ser privada, a Petrobras não valia nada, a Vale do Rio Doce não valia nada – na hora em que predominou essa teoria, o Estado foi desmontado e se criou uma indústria de fiscalização poderosa. É só ver – e os senadores e deputados, que são responsáveis pelo Tribunal de Contas, porque ele trabalha para o Senado e para a Câmara – quanto ganha um engenheiro do Dnit para fazer uma estrada e quanto ganha um auditor do Tribunal de Contas para fiscalizar a estrada que o engenheiro vai fazer. É só ver quanto ganha um advogado de um ministério e ver quanto ganha um advogado de outras coisas da Federação.

Então, este país foi construído para não funcionar, ele foi construído para não funcionar. Vocês estão lembrados que, no primeiro mandato, no segundo mandato eu disse: é preciso a gente destravar este país, é preciso a gente destravar. É preciso que a gente encontre um jeito de permitir que as coisas aconteçam neste país, para que a gente possa anunciar uma obra e ela acontecer. Hoje a gente anuncia uma obra, até conseguir licença ambiental demora, às vezes, meses ou anos, e não é por conta de ministro ou de secretário do Ibama, não. É por conta da legislação que nós fizemos. Depois



que a gente consegue, a gente entra em licitação. Uma empresa ganha, as outras perdem. As que perdem, entram com processo contra as que ganham. Aí fica mais um ano no Poder Judiciário. Quando está tudo resolvido, o Tribunal de Contas entende que houve sobrepreço, para mais um ano. Quando está tudo resolvido, o Ministério Público entende que tem alguma coisa errada – é mais um ano. Ou seja, você toma posse, ganha o governo, e você não consegue inaugurar uma obra estruturante neste país, porque as exigências para você fazer a obra... é quase que impossível de você completá-las. Às vezes são anos brigando na justiça. Às vezes para-se uma obra porque tem um sapo ou porque tem um peixe. Aqui, em Santa Catarina, vocês sabem o trabalho que nós tivemos para levar a energia elétrica à Ilha, a dificuldade para passar um cabo no fundo do mar, a dificuldade para levar as torres. Uma obra que você poderia fazer em oito meses, você demora às vezes três anos, quatro anos, cinco anos, e as pessoas não se dão conta de quanto custa para o Estado uma obra paralisada. As pessoas não se dão conta quanto custa para o Estado uma obra paralisada.

Esta semana, Luiz Henrique, eu estava conversando com o meu ministro do Meio Ambiente e eu disse para ele: eu quero que você vá a Santa Catarina conversar com o Governador para ver se a gente resolve aquele caso secular daquela rodovia que leva o povo até o aeroporto. Porque ela foi feita uma parte e tem uma parte que está paralisada desde o tempo em que eu era oposição neste país, desde o tempo em que eu era dirigente sindical. Então não é possível, alguma coisa tem que fazer, alguma coisa tem que fazer. E eu pedi para que ele viesse aqui conversar contigo para ver que solução nós temos que encontrar para fazer aquela estrada chegar ao aeroporto e permitir que as pessoas tenham mais mobilidade. Ou faz uma via expressa, ou faz alguma coisa, ou nós damos dez mangues de presente em qualquer área do Brasil. Mas alguma coisa tem que ser feita para que a gente possa concluir aquela ponte.



Bem, eu não vim aqui para falar isso que eu falei. Isso que eu falei, na verdade, foi um desabafo, porque o Prefeito na sua fala falou da questão do porto e falou da questão da via expressa. E eu gostaria que entre nós prevalecesse apenas o compromisso da verdade, da mais absoluta verdade e somente a verdade. Porque senão... Está chegando a época da campanha e, quando chega a época da campanha, começam a aparecer alguns picaretas neste país querendo fazer de coisa séria um trampolim para a campanha. E não é possível a gente permitir isso. O companheiro Luiz Henrique e mais 26 governadores deste Estado, o prefeito de Itajaí e mais quase 6 mil prefeitos deste país sabem que nesses quase sete anos de governo, eu nunca deixei de fazer uma coisa porque o prefeito não era do meu partido ou porque o governador não era do meu partido. Eu nunca perguntei a um prefeito a que partido que ele pertence, e nunca perguntei a um governador o partido que ele pertence. O que vale para fazer uma coisa é saber, primeiro, se a obra é necessária, segundo, se tem projeto para a gente poder concluir essa obra.

Vocês sabem do esforço... e todo mundo aqui que tem experiência política e, sobretudo, o governador, que em nenhum momento da história deste país o governo agiu com a rapidez que agiu, para tentar resolver o problema das enchentes de Santa Catarina. Às vezes, levava quatro ou cinco anos para que o pedido de um governador fosse atendido. Nós viemos aqui várias vezes, alguns ministros, inclusive do partido do governador, tiveram dedicação aqui, para que a gente pudesse agir rapidamente.

Acontece que não é possível, nem no Brasil, nem na China, nem nos Estados Unidos, a gente resolver com a mesma rapidez que uma catástrofe destrói as coisas que foram destruídas. Todo mundo sabe que para destruir é muito fácil. Esse prédio aqui, levou quantos anos para construir, Luiz Henrique? Dois anos. Hoje, se a gente quiser destruir ele, destrói em dois minutos, mas levou dois anos para ser construído.

Itajaí era uma cidade que estava construída há muito tempo, aqueles



morros estavam ali há milhares de anos. De repente, Deus se zangou com alguma coisa, fez chover demais e fez com que áreas, inclusive, que estavam preservadas, desmoronassem. A gente não pode fazer a casa se não tiver um lugar escolhido adequadamente para a gente tirar, primeiro, as pessoas da enchente, depois a gente não fazer no mesmo morro, é preciso escolher um outro lugar, porque senão a gente vai cometer o mesmo erro.

Eu fui ao Piauí agora. A parte alagada é uma várzea, como aqui. Aqui, a cidade é quase que uma várzea. A cidade está quase no nível do mar e no nível do rio. É assim que o povo quis morar há 100 anos, há 200 anos. E eu não sei qual é a paixão do povo em morar perto do rio. Mas, no mundo inteiro, o povo adora morar perto do rio.

Pois bem, nós temos que saber que toda vez que chover demais, que a água transbordar, vai encher em algum lugar. Todo mundo sabe, aqui e em qualquer lugar do mundo, toda vez que chover, as pessoas que moram no mesmo nível do rio, e o rio transbordar, vai ter problema de água.

Vocês vejam agora, em Manaus. Você viu na televisão, Manaus, como é que está? Manaus, a enchente de hoje é a maior da história de Manaus, que já tinha tido. A maior é 1953. Hoje em uma parte de Manaus ninguém anda de carro, ninguém anda... é só de barco, é só de canoa. Como eles estão habituados, eles sofrem menos do que uma pessoa que nunca teve enchente e pega uma enchente. Eu estou dizendo isso, Prefeito, porque na questão da via expressa, a primeira intenção nossa foi passar para a Prefeitura administrar a via expressa. Depois, teve problema de a Prefeitura não poder fazer. Nós puxamos outra vez para o Dnit, e o Dnit agora está terminando o projeto. Em setembro estará pronto o projeto, será feita a licitação e nós esperamos concluir a via expressa ainda em 2010. Essa é a informação que eu tenho das pessoas que coordenam o PAC.

Com relação ao porto, a expressa portuária (incompreensível). A outra coisa é a questão da dragagem. Ou seja, eu tentei falar com o Ministro agora,



ele me deu umas informações por telefone, que eu vou verificar. Ele disse que a primeira dragagem de emergência do rio, retirada de detritos, já está concluída. Me disseram aqui que tem mais coisas para fazer no rio. Ele manda observar o seguinte: a dragagem de aprofundamento está dentro do cronograma e vai lançar o edital agora. E disse que está construindo os dois canais. Me disseram que também, me parece que está paralisada a obra dos canais.

A verdade é o seguinte... já faz quantos meses, Luiz Henrique? Já faz seis meses? Já faz mais de seis meses que eu vim aqui e coloquei R\$ 350 milhões para a gente recuperar esse porto. Não é pela minha cara ou pela cara do Governador, é porque esse porto é muito importante para esta cidade, para o estado e para o país, e nós queremos que este porto esteja funcionando. Portanto, Luiz Henrique, eu vou chegar em Brasília, eu vou conversar com a Dilma porque eu estou viajando para a Líbia na segunda-feira, eu vou a uma reunião de todos os países africanos, e vou pedir para a Dilma, se for o caso te convidar para ir em Brasília, para a gente sentar e ver o que está faltando para fazer nessa obra, porque não é possível, eu já estava pensando que eu vinha aqui inaugurar e ela ainda tem problemas aqui. É preciso saber o que está acontecendo para que a gente possa fazer o dinheiro público, que está disponibilizado, gerar emprego e renda, que é o que nós mais desejamos.

Por fim, eu queria dizer para vocês que essa semana, esse é o terceiro fato importante que acontece na minha vida. Eu vou dar um número para vocês, porque é tão gratificante, que eu não posso deixar de falar. Segunda-feira eu fui a uma cidade chamada Congonhinhas acender a luz na casa número dois milhões e quarenta mil, ou seja, do programa Luz para Todos. E vocês sabem que quem nunca morou com candeeiro não sabe o que é a falta de energia. O cara, quando está aqui, que falta luz dez minutos, ele já xinga o governo, o presidente, o governador, o prefeito, já briga com a mãe, já briga com o pai. Agora, imaginem o cara que no século XXI, em 2010, ainda não



tinha visto uma luz elétrica, a não ser a da cidade. Pois bem, nós já atendemos, desde 2004, 10 milhões de pessoas.

O que é importante é que nós fizemos uma pesquisa com 3.600 famílias que receberam o Luz para Todos. Das famílias que receberam o programa Luz para Todos, 83% compraram televisão; 79% compraram geladeira e 47% compraram aparelho de som. Significa que depois que nós colocamos o Luz para Todos, as pessoas compraram 1,57 milhão televisores, 1,49 milhão geladeiras e 894 mil aparelhos de som. Esse número é, para mim, extraordinário. Ontem eu fiz uma reunião com todo o comércio varejista e o pessoal ficou de boca aberta. E para mim, só tem um significado: dê uma oportunidade a um pobre, ou dê um centavo, que ele faz aquele centavo produzir mais do que um rico faz produzir R\$ 1 milhão. Dê um centavo àqueles que nunca tiveram, para ver a capacidade de transformação que eles têm.

Uma coisa importante, Luiz Henrique, que me aconteceu ontem. Você, que conheceu muito o pessoal da Contag. Ontem nós assinamos um acordo histórico. Trabalhadores cortadores de cana e empresários assinaram um tratado com 18 conquistas para os trabalhadores, a serem colocadas em nível nacional, ou seja, água gelada para os cortadores de cana, comida quente para os cortadores de cana, banheiro para os cortadores de cana, formação profissional para os cortadores de cana. E é um acordo por adesão. Ontem foi a assinatura. Vocês sabem quantos empresários aderiram, no primeiro dia? Trezentos e três usineiros, que representam 88% de toda a produção de etanol e de açúcar no Brasil, assinaram o acordo com a Contag e com a Fetraf. Eu fiquei orgulhoso, fiquei orgulhoso porque um acordo como esse é uma tábua de salvação para o debate que o Brasil tem que fazer com o mundo desenvolvido, que andou dizendo no ano passado que a falta de alimentos no Brasil era por conta da cana-de-açúcar. E nós agora vamos poder provar para eles... ah, e que tinha trabalho escravo no Brasil, na cana-de-açúcar. Eu perguntei para um governante, que me disse que tinha trabalho escravo aqui no Brasil, eu



perguntei: o corte de cana realmente é um trabalho rude, é um trabalho pesado, mas é menos pesado do que as minas de carvão que enriqueceram o teu país. Trabalhar em uma mina de carvão é infinitamente pior do que trabalhar cortando cana. Eu já descii, em Criciúma, a 90 metros de profundidade, eu já fui lá ver explodir dinamites. Não sou um mineiro, mas já me colocaram para furar o teto de uma mina, e eu sei que inferno que é a gente trabalhar em uma mina de carvão. E no corte de cana é bem melhor do que aquilo, embora seja um trabalho muito penoso. Então, é um acordo histórico que eu anunciei na OIT, na semana passada, quando eu fui a Genebra.

Hoje, o terceiro fato extraordinário é este, de estar aqui consagrando o Ministério da Pesca. Ora, tem muita gente que fala: “Criar mais um Ministério vai gerar mais cabide de empregos”. Na verdade, é que as pessoas que comem peixe, na cidade, só querem saber se o peixe está fresco e se ele é barato. A gente nunca para para perguntar o sofrimento que o pescador, para ir buscar aquele peixe, horas e horas (incompreensível). A gente nunca para para conversar com ele: “meu filho, quanto tempo você demorou?” Às vezes, ele vai para o meio da água e fica um dia inteiro para pegar um ou dois peixinhos. E a gente vai lá e fala: “Quero um peixe fresco”. “Custa R\$ 2”. “Mas está muito caro...” A gente não sabe o calo que tem na mão do companheiro que pegou o remo e foi até lá, a gente não sabe que aquele peixinho que era para dar de comida para o filho do pescador, ele vende para levar uma outra coisinha diferente para casa.

É por isso que nós queremos dar ao pescador brasileiro a cidadania que outras categorias profissionais já conquistaram, ao longo da história do Brasil. Nós queremos mais pescadores neste país, e mais pescadores vivendo dignamente, mais pescadores tendo o mesmo direito que outros trabalhadores. Se o Ministério não fosse Ministério, ele ficava subordinado à Casa Civil da Presidência da República, e tudo o que ele precisasse ele tinha que ir lá pedir.



Um Ministério tem mais autonomia. No próximo orçamento, o Ministério vai ter mais orçamento e a gente vai poder cuidar melhor do pescador brasileiro, porque nós precisamos triplicar, quadruplicar a pesca neste país, não só porque é uma comida saudável e nós precisamos reeducar o nosso povo também a comer peixe, mas porque também não é possível que um país como o Chile ou como o Peru, que são menores do ponto de vista da costa marítima, pesque três, quatro vezes mais do que o Brasil. Nós queremos pescar não só em alto-mar – por isso nós temos que ter uma boa indústria da pesca -, como nós queremos fortalecer a aquicultura neste país. Ficam os lagos dessas represas o tempo inteiro juntando água para o sol beber, e os pescadores do lado, morrendo de fome porque não podem pescar. Agora, já tem a decisão do Conama, agora o Gregolin vai poder colocar tanque e rede para que os trabalhadores e sua família possam cuidar da sua família com mais dignidade e com mais respeito.

Por isso, companheiros e companheiras, eu comecei a semana bem e parece que vou terminá-la melhor. Lamentei porque o Internacional perdeu ontem do LDU, de 1 x 0; feliz porque o Corinthians... o Brasil ganhou de 1 x 0 da África; mais feliz estarei quando o Corinthians ganhar na 4ª feira do Internacional, pela Copa Brasil. Lá no Rio Grande do Sul eu não posso dizer isso, porque eu sou torcedor do Internacional. Então, lá eu tenho que fazer a média, e para fazer a média eu tenho que dizer que eu quero empate. Eu amo tanto o Corinthians e o Internacional, que eu quero empate, porque o empate desclassifica o Internacional e classifica o Corinthians, mas ninguém perde com isso.

Então, eu quero dizer que eu termino a semana aqui em Santa Catarina de forma muito grata. Eu acho que Deus está olhando um pouco para este país. As coisas estão acontecendo, aquelas aves de mau agouro que ficaram torcendo para as coisas não darem certo não sabem o que falar, não sabem. E a gente tem muita preocupação quando as pessoas não sabem o que falar. Eu



estava dizendo ao Prefeito que é preciso tomar muito cuidado. Se a gente permitir misturar coisa séria com a política do dia-a-dia, que é uma das razões pelas quais este país é atrasado, a gente não dá um salto de qualidade que nós temos que dar neste país.

Por isso, meus companheiros e companheiras pescadores, pescadoras, empresários, empresárias, convidados, queridos companheiros de Itajaí, da região, queridos companheiros que vieram de outros estados aqui: obrigado por ter aprovado esta lei, obrigado por ter aprovado o Ministério, obrigado porque vocês passam a fazer, junto com os pescadores, junto com os empresários e junto comigo... daqui a 30 anos alguém vai escrever e dizer quem foi que deu status de gente e cidadania aos pescadores brasileiros, e vão lembrar que foram vocês e eu que fizemos isso.

Que Deus abençoe todo mundo. Boa sorte e bom trabalho daqui para a frente.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de implantação do Território de Paz na Vila Bom Jesus**

Porto Alegre-RS, 26 de junho de 2009

Meus companheiros e companheiras de Porto Alegre,
Meus amigos e amigas do Rio Grande do Sul.

Eu quero cumprimentar o prefeito de Porto Alegre, nosso companheiro José Fogaça. E eu queria lembrar a vocês uma coisa: nós todos aqui, nesse palanque, nós somos defensores da liberdade de expressão. Cada um cidadão ou cidadã pode se manifestar do jeito que bem entender. Agora, eu queria que vocês compreendessem uma coisa: um programa como esse, ele só dá certo se prefeito, governo do estado, Presidência da República trabalharem juntos. Porque se nós tivermos, entre nós, brigados, em alguma esfera de governo, esses programas terminam não avançando e quem tem prejuízo, na verdade, é o povo para quem a gente quer fazer o programa. É por isso que nós assinamos acordo com os prefeitos, porque sem os prefeitos a gente não consegue, lá de Brasília, fazer as coisas acontecerem aqui no bairro, nem em outro bairro.

Então, eu quero cumprimentar o prefeito Fogaça. Cumprimentando ele, eu quero cumprimentar todos os companheiros que assinaram o acordo com o companheiro Tarso Genro, aqui.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Olívio Dutra, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul e ex-prefeito de Porto Alegre,

Quero cumprimentar a nossa ministra coordenadora do governo, a companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Quero cumprimentar o nosso ministro Tarso Genro,

O nosso ministro da Ciência e Tecnologia, Sergio Rezende, que está aqui na frente,



O nosso ministro Félix, que já falou aqui,

O nosso companheiro responsável pela comunicação do governo, o companheiro Franklin Martins, esse baixinho que está aqui do meu lado.

Quero cumprimentar o deputado Ivar Pavan, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro, senador Paulo Paim,

Quero cumprimentar os companheiros deputados federais Beto Albuquerque, Emília Fernandes, Henrique Fontana, Marco Maia, Maria do Rosário, Paulo Pimenta e Pepe Vargas, nosso companheiro ex-prefeito de Caxias,

Quero cumprimentar o vereador Sebastião Melo, presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, por meio de quem cumprimento todos os vereadores aqui presentes,

Quero cumprimentar também a nossa representante da Brigada Militar, a senhora Jurema de Matos,

Quero cumprimentar a nossa querida Natália, que falou aqui,

Quero cumprimentar todos os companheiros e companheiras aqui de Bom Jesus,

Eu não sei se eu estou gritando demais aqui neste microfone, mas eu não queria gritar. Talvez seja pelo fato de eu ter um problema com vocês, um problema sério que eu espero que não seja razão de animosidade entre nós. Todo mundo sabe que eu sou torcedor do Internacional aqui no Rio Grande do Sul, mas todo mundo sabe que, embora eu seja torcedor do Internacional, eu respeito muito o Grêmio de Porto Alegre. Mas todo mundo sabe, e aí é que está a nossa discórdia, que eu sou corintiano, e nós estamos com um problema para ser resolvido na quarta-feira. É verdade que o Corinthians tem uma diferença com o Internacional, porque vocês têm o Nilmar e nós temos o Fofão, e o Fofão está numa situação muito boa.



Então, veja, como eu não quero brigar com nenhum companheiro do Internacional, ainda que o Olívio Dutra é conselheiro do Internacional, ainda que eu não queira brigar, para que não haja briga entre eu e vocês, na quarta-feira, a melhor coisa que pode acontecer é o empate zero a zero para ninguém brigar com ninguém. Aí, eu não vou brigar com o Olívio Dutra, ele não vai brigar comigo, o Internacional não perde, o Corinthians não perde, o Corinthians não ganha, a única coisa é que o Corinthians vai virar campeão da Copa Brasil, porque ganhou de dois a zero lá em São Paulo.

Bem, agora que eu acabei de falar da nossa discórdia, eu queria que vocês não saíssem daqui sem pegar esse material que está sendo distribuído em várias bancas que estão aí. Peguem esse material e levem para casa para ler, para vocês terem uma maior noção do que é o do Pronasci. É uma história em quadrinhos, é um gibi, fica muito fácil todo mundo ler. Ali nas bancas, tem várias bancas, que tem vários meninos e meninas do Pronasci entregando o material, é importante vocês pegarem.

A segunda coisa é que tem outro material também importante que vocês devem pegar, porque neste material aqui está especificando o que vai ter de esporte e lazer aqui, onde vai ser implantado o Pronasci. Se você pegar e levar para casa para ler, você pode depois acompanhar a execução do programa e você pode cobrar do governo, porque aqui, por exemplo, aqui vai ter essa sala de leitura, aqui vai ter pista de skate, aqui vai ter campo de futebol, quem sabe uma quadrinha de futsal, aqui vai ter uma sala para as pessoas que quiserem viajar na internet, poderem viajar. Ou seja, isso aqui vai ser um espaço para que a juventude dessa região possa praticar esporte, ter acesso à cultura e ao lazer e as mães ficarem tranquilas quando os jovens não estiverem em casa, mas estiverem aqui, neste centro de cultura e de esporte que vai ser construído pela política do Pronasci em parceria com os prefeitos.

Eu esqueci, porque não estava na minha nominata, mas a companheira Manuela D'Ávila também está presente aqui.



O que eu acho importante? Aqui vai ter um projeto chamado Protejo, é um projeto que vai selecionar 3.282 jovens em situação de risco, da região metropolitana de Porto Alegre, e mais mil jovens na cidade de Porto Alegre. Esses jovens que estão em situação de risco são aqueles jovens que já estão querendo ficar fora de casa, aqueles jovens que já não querem mais obedecer pai e mãe, aqueles jovens que já estão perto do narcotráfico. Nós queremos trazer esses jovens e formá-los profissionalmente, para que esses jovens aprendam uma profissão. Que a gente possa garantir que ele tenha um emprego para que ele possa largar qualquer pretensão de proximidade com o crime organizado ou o narcotráfico e voltar para sua família. Isso para nós é uma coisa sagrada: cuidar bem da juventude para que ele possa dar tranquilidade...

Olha, companheiros, eu vim aqui para o meio porque eu estou ali falando para a banda da esquerda e vocês, aqui no meio, estão falando demais. Então, eu preciso falar mais alto do que vocês para poder vocês me ouvirem, sobretudo para o pessoal que está lá atrás, que não está conseguindo ouvir muita coisa.

Eu quero, primeiro, reconhecer o trabalho extraordinário que o ministro Tarso Genro está fazendo junto com a sua equipe. O dia em que o Tarso pediu uma audiência comigo e foi no meu gabinete e me apresentou o Pronaf, eu fiquei com a convicção de que a gente estava construindo um programa que talvez pudesse resolver o problema da violência na periferia deste país, nos bairros mais pobres, onde cresce mais a criminalidade. Porque esse bairro... Esse programa do Tarso Genro, do Ministério da Justiça e do governo, ele não é aquele programa que vai fazer com que seis horas da manhã, ou meia-noite, entrem aqui 200 ou 300 policiais armados, atirando para tudo quanto é lado, às vezes matando inocente e deixando os culpados, às vezes, escondidos no outro lugar. Esse programa não tem a preocupação apenas da repressão. A repressão será necessária se a gente se confrontar com bandidos que queiram



praticar violência. Mas a polícia que vai atuar aqui na comunidade é uma polícia que vai estabelecer uma convivência com vocês. Quando vocês virem um soldado, ele não é um inimigo, ele é um amigo que vai trabalhar junto com vocês para diminuir a violência aqui neste bairro.

É por isso... Eu sei que é difícil a comunidade acreditar, eu sei que é difícil porque ao longo dos anos a comunidade só viu polícia aqui para atirar ou para bater. Agora vai ser diferente. É por isso que o Ministério da Justiça estabeleceu uma bolsa para os soldados, vai formar esses soldados em outra concepção: ele vai ser o mesmo soldado preparado para trabalhar com a comunidade. Quando o soldado vem de fora, à noite aqui, qualquer um que ele vê é bandido, qualquer um que ele vê, ele bate, sobretudo se a pessoa for negra, sobretudo se a pessoa for negra. Nós sabemos que é assim.

É por isso que nós queremos mudar, e é por isso que estamos investindo na formação profissional do soldado. Além de aprender a utilizar um cassetete, um revólver, ele vai aprender a utilizar a educação para tratar com as pessoas. E eu tenho certeza que nós iremos criar soldados de primeira qualidade, que serão amigos de vocês. Agora, que não daremos moleza para quem já estiver na criminalidade, tentando cooptar jovens, tentando contrabandear drogas, aí não vai ter moleza, porque nós queremos é proteger os homens e as mulheres de bem deste bairro, nós queremos proteger jovens de bem deste bairro. Aqueles que tiverem já cometido um delito, nós queremos também cuidar dele de forma diferente. Não queremos prender um jovem, trancar em uma cela para bater nele todos os dias. Nós queremos pegar esse jovem, reeducá-lo para devolvê-lo à sociedade como cidadão ou como cidadã.

O número que o Tarso Genro falou é muito significativo, Tarso. Eu fui a Santo Amaro, em Pernambuco lançar o Pronasci. Não faz um ano ainda, faz um ano. Ou seja, pelas estatísticas, já diminuí 74% a violência naquele bairro. Então, é importante vocês fiscalizarem, constituírem conselho comunitário para acompanhar o Programa. As Mães da Paz é uma invenção extraordinária,



porque são as primeiras que terão contato com as crianças em situação de risco, para que a gente possa recuperar essas crianças. Mas o maior sinal que a gente está dando não é nem as obras que a gente está fazendo, é a presença da prefeitura aqui, é a presença do estado aqui, e é a presença da União aqui. Quando o povo perceber que o poder público está no seu bairro cuidando da educação, cuidando da saúde, cuidando da segurança, cuidando do esporte, cuidando do lazer, cuidando da cultura, o povo começa a acreditar no Estado e não vai acreditar no primeiro bandido que vai dar R\$ 10 para cooptar um jovem para o crime organizado ou para o tráfico.

Essa é coisa mais importante. É a presença do Estado aqui dentro. E eu quero assumir um compromisso com vocês. Hoje é dia 26 de junho de 2009. Quero firmar um compromisso com o Tarso Genro: daqui a um ano, dia 26 de junho de 2010, eu voltarei aqui com o Tarso, voltarei aqui para a gente ver tudo o que nós falamos, se nós cumprimos e o que aconteceu depois que nós anunciamos o Programa. Porque também a gente vir aqui - Tarso, eu, os ministros - falar, se não acontecer nada, nós somos um zero à esquerda. Então, nós precisamos fazer acontecer as coisas aqui. Então, o meu compromisso com vocês é daqui a um ano em ponto, dia 26 de junho de 2010 vir aqui para ver se já está pronta essa praça esportiva, para eu fazer um jogo com a camisa do Corinthians contra um combinado Inter-Grêmio. Vocês fazem uma seleção aqui da Vila, eu venho sozinho com o Corinthians para mostrar para vocês como é que se joga bola.

Um abraço, gente. Boa sorte e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do novo parque gráfico do Grupo RBS**

Porto Alegre-RS, 26 de junho de 2009

Senhora governadora do estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Ministros Tarso Genro, da Justiça; Sergio Rezende, da Ciência e
Tecnologia; Jorge Armando Felix, do Gabinete de Segurança Institucional; e
Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Companheiro Paulo Paim, senador da República,
Deputados Federais Beto Albuquerque, Emília Fernandes, Fernando
Marroni, Henrique Fontana, Maria do Rosário, Manuela D'Ávila, Marco Maia,
Nelson Proença, Paulo Pimenta, Pepe Vargas e Renato Molling.

Meu caro prefeito de Porto Alegre, José Fogaça,

Meu caro Nelson Sirotsky, presidente do Grupo RBS,

Meu caro Jaime Sirotsky, presidente emérito do Grupo RBS, por meio de
quem cumprimento os homenageados nesta cerimônia,

Familiares da família Sirotsky, netos, filhos e bisnetos – ainda não tem
bisneto, não é, Jaime? Bisnetos? Logo, logo, vai ter tataraneto, pelo que eu
estou vendo.

Meus companheiros e companheiras,

Senhoras e senhores dirigentes e funcionários do Grupo RBS,

Senhores companheiros e companheiras jornalistas,

Empresários aqui presentes,

Meu companheiro Paulo Tigre, presidente da Federação das Indústrias
do Rio Grande do Sul, parceiro nas minhas caminhadas para vender as boas
coisas do Brasil no exterior.



Amigos e amigas,

A inauguração deste novo parque gráfico, no ano em que o tradicional diário Zero Hora completa seus 45 anos de existência, reafirma a importância dos veículos regionais na vida da população brasileira. Muito do sucesso desse jornal, e de todo o Grupo RBS, deve-se ao fato de sua proximidade com o cotidiano gaúcho e, também, de ser capaz de noticiar, com uma visão local, os acontecimentos que mais influenciam a vida no estado e em toda a Região Sul do País. A regionalização da produção cultural, artística e jornalística deve ser sempre incentivada, a começar pelo fato de este ser um princípio muito claro que nossa Constituição Federal dispõe, em seu artigo 221.

Em minhas muitas viagens pelo Brasil, vejo constantemente como é difícil para quem está em Brasília, ou no eixo Rio-São Paulo, entender o que ocorre nos demais locais do País. As realidades, afinal, são muito diferentes, assim como os anseios e as necessidades da população brasileira.

Por isso mesmo faço questão de reservar, sempre que possível, um espaço para entrevistas com jornalistas das cidades que visito, sempre que posso, em Brasília, procuro receber os repórteres dos veículos locais em entrevistas coletivas.

Amigas e amigos,

As grandes transformações ocorridas no Brasil nos últimos anos possibilitaram, a um grande número de cidadãos, ingressar no mercado de consumo, e isso significa não só mais gente com capacidade de comprar e assinar jornais, mas também um mercado publicitário mais sólido. É importante ressaltar que esse crescimento vem sendo mais intenso nos jornais regionais, nos jornais populares e nos diários do interior. É sinal de que não só a imprensa, mas também o Brasil, está crescendo de forma mais equilibrada e mais harmônica.



Uma enorme faixa de nossa população que, tradicionalmente, não entrava nas estatísticas publicitárias, não comprava jornais ou não tinha acesso à internet, hoje, mais do que nunca, está procurando se informar para exercer melhor a cidadania, defender seus interesses e influir nas decisões nacionais, e isso é muito bom.

Estamos nos tornando um país mais diverso, mais complexo, mais plural, e isso se reflete também na imprensa que é estimulada pelos seus próprios leitores, ouvintes, telespectadores e internautas a ser também mais diversa, mais plural e mais sensível às transformações em curso. O grande desafio para as empresas de comunicação hoje é este: compreender, cada vez mais, as demandas do público em uma sociedade que está sempre em transformação.

Minhas amigas e meus amigos,

Faço questão de repetir, sempre que posso, que a liberdade de imprensa é uma condição necessária e indispensável para a democracia, e que eu e nosso governo fazemos de tudo para defender esse valor que, para nós, é fundamental. O melhor juiz dos meios de comunicação é o leitor, o ouvinte, o telespectador. Ele sabe muito bem o que é o bom jornalismo que informa, critica e denuncia com isenção, e o que são notícias mal-intencionadas, que não correspondem à verdade e aos anseios da sociedade, mas sim a interesses de grupos específicos.

Continuar dialogando com esse público, cada vez mais crítico e bem informado, é fundamental para o sucesso dos meios de comunicação no Brasil do século XXI. A criatividade e a competência profissional do grupo RBS, em seus mais de 50 anos de história, demonstram que ele tem todas as condições de vencer esse e qualquer desafio.

Meu caro amigo Nelson, meu caro amigo Jaime. Toda vez eu leio o meu discursinho aqui, para cumprir minha formalidade. Mas o que eu sinto mesmo, eu vou dizer agora, porque eu não posso perder essa oportunidade. Até porque



político não pode ver um microfone e um público, mesmo tendo criança que não pode ficar depois das dez... perder a oportunidade de dizer umas palavras a mais para vocês.

Primeiro, eu penso que todo mundo tem consciência hoje de que a democracia no Brasil está consolidada. As instituições estão sólidas e o Brasil cada vez mais é respeitado no mundo. Eu aprendi, Nelson, na minha vida de dirigente sindical, que nenhum interlocutor respeita o interlocutor que não se respeita. A condição *sine qua non* para que duas pessoas se tratem em igualdade de condições é cada uma respeitar a si próprio, para depois cada uma respeitar ao outro que está do outro lado da mesa.

E durante muito tempo, o Brasil e países latino-americanos voltaram-se para o norte e para a Europa – Estados Unidos e Europa – e a gente sempre agia como se fôssemos cidadãos de segunda classe, ou seja, nós somos pobres, nós não podemos nada, nós não temos direito, nós temos que pedir, nós temos que implorar. Como se nós não tivéssemos altivez, como se nós não tivéssemos personalidade, como se nós não pudéssemos exigir o mesmo tratamento que nós dávamos a eles. Ora, isso não acontece apenas por conta da política, isso não acontece apenas por conta do crescimento econômico brasileiro, isso não acontece apenas porque temos US\$ 207 bilhões de reservas, isso não acontece apenas porque emprestamos US\$ 10 bilhões ao FMI. Isso acontece porque todos nós crescemos. Crescemos os políticos, crescemos os jornalistas, crescemos os empresários e crescemos a sociedade brasileira. Quem viaja o mundo sabe que em nenhum momento da história do País, nós tivemos tanta curiosidade e tanta respeitabilidade em torno do Brasil como nós temos hoje. E isso porque nos preparamos na época em que pessoas queriam que nós gastássemos, na hora que pessoas queriam que nós investíssemos o que nós não tínhamos e gastássemos o que não tínhamos. Não foi fácil o primeiro ano de governo e vocês sabem disso. Quem entende de economia sabe que não foi fácil o ajuste fiscal que nós fizemos em 2003.



Possivelmente, pouca gente tivesse coragem de fazer o que nós fizemos em 2003. E só o fizemos porque trocamos o capital político que tínhamos de presidente recém-eleito por conta de dar ao Brasil a oportunidade de se transformar no país que o Brasil se transformou hoje.

É verdade que uma crise econômica que não estava nos planos de nenhum colunista econômico e de nenhum colunista político e muito menos de nenhum político nasceu do *subprime* americano, passou para o sistema financeiro, quebrou o *Lehman Brothers*, e a crise foi maior do que todos os prognósticos até então. O dado concreto é que o Brasil nunca esteve tão seguro para enfrentar uma crise como estamos enfrentando. Tomamos todas as medidas que tínhamos que tomar e tomaremos tantas quantas medidas forem necessárias para que o Brasil saia dessa crise muito mais forte do que entrou na crise.

Nós tivemos um problema de crédito e todo mundo sabe que já está sendo resolvido. Nós temos um problema de *spread* bancário mais alto do que o normal e nós vamos resolver, mas o que nós queremos mesmo é retomar a capacidade produtiva desse país, gerar os empregos que precisamos, para que possamos garantir a democracia cada vez mais forte. E, por isso, eu vim aqui hoje, Nelson. Porque quando quebrou o *Lehman Brothers*, você poderia, e o Jaime, ter tomado a decisão de fazer o que algumas pessoas fizeram no Brasil, ter parado esse investimento e ter dito: “Bom, vamos deixar esse meio esqueleto pronto e vamos ver o que vai acontecer no Brasil para a gente voltar a fazer os investimentos”.

O fato de vocês não terem parado a obra e concluído a obra é a demonstração mais viva de que como eu vocês acreditam no negócio de vocês e acreditam que este país não tem mais retorno. Se enganam aqueles que acreditam que o Brasil voltará a ser um pedinte internacional. Se enganam aqueles que desejam que o Brasil volte a ser um país sempre menor, sempre pedindo licença, que fomos durante décadas e décadas. O Brasil aprendeu a



ter autoestima, o Brasil aprendeu a ser grande, e quem aprende a ter autoestima e aprende a ser grande não volta atrás.

Eu tenho consciência, Nelson e Jaime, que vocês fizeram este projeto, porque também vocês acreditam que os 20 milhões de brasileiros pobres que passaram para a classe média querem ser leitores de jornais, querem ter acesso à informação. E sabem que, independentemente de qualquer coisa que acontecer, o jornal sempre será um instrumento imprescindível para quem quer ter boas informações e participar do bom debate deste país. Afinal de contas, não tem nada mais importante, para garantir a democracia, do que o debate e, sobretudo, o debate feito pelos meios de comunicação, seja ele jornal, seja rádio ou seja televisão.

O importante, Nelson, é que o Grupo RBS dá mais uma demonstração da sua crença neste país, da sua crença no estado do Rio Grande do Sul. Afinal de contas, um jornal, com tantos anos de existência, que faz com que um homem do chão da fábrica se transforme num diretor importante da empresa é um jornal que, antes de tudo, acredita no que faz e acredita no estado e acredita no País. Independentemente dos erros de qualquer governo, a democracia está acima disso, e o exercício da democracia feito pela imprensa brasileira é, possivelmente, o maior sustentáculo para que a gente continue errando, sendo criticado e consertando os nossos erros.

Por isso eu não poderia deixar de vir aqui, ver, possivelmente, o mais moderno parque gráfico da imprensa brasileira. É uma pena que não tenha começado a funcionar ontem para sair com a minha matéria na primeira rodagem dessa gráfica aqui. Mas não tem problema. Eu tenho certeza que pelo menos junto com o Nelson e com o Jaime, nós vamos sair em uma foto na capa amanhã, rodada nesta nova gráfica que é uma das mais modernas do Brasil.

Parabéns à RBS. Parabéns, Nelson, parabéns, Jaime, e parabéns ao Rio Grande do Sul. Um abraço.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)